

# PARA LÁ DO PORTÃO

*um livro de*  
**DIOGO NUNES**



# PARA LÁ DO PORTÃO

Diogo Nunes

Este livro é dedicado a todas as suas personagens.

Título: *Para lá do portão*

Autor: [Diogo Nunes](#)

Capa: [Christina Kharlamova](#)

1ª edição, Julho 2015

Este trabalho está licenciado pela [Creative Commons BY-NC](#), o que permite partilhá-lo e adaptá-lo livremente para fins não-comerciais e sempre mencionando o nome do seu autor.

Perdido e confuso. Era assim que Rodric se sentia. Onde é que ela se meteu? Olhava em redor, procurava um vulto escondido atrás dos troncos. As árvores eram esguias e altas, provavelmente pinheiros bravos, mas não valia a pena confirmar. Ela não podia estar muito longe, ainda há pouco a tinha visto. O chão estava coberto de pequenos fetos que formavam uma tapete verde, ocultando o chão e abafando os seus passos. Uma luz meiga atravessava o ziguezague de troncos e iluminava a neblina matinal. Em todas as direções a paisagem parecia ser a mesma e a partir do terceiro tronco os seus contornos desvaneciam-se numa bruma leitosa. Já não era apenas a curiosidade que levava Rodric a procurá-la, era também a necessidade de encontrar alguém que o ajudasse a sair dali. Por falar nisso, como é que tinha chegado até ali?

O mais fácil seria mesmo chamar por ela. A floresta estava estranhamente silenciosa, nem os pássaros se ouviam, apenas se distinguia o remexer das folhas, longe, lá bem no alto. Rodric nem precisaria de gritar para que ela o ouvisse... mas que nome havia de chamar? Não fazia a ideia de qual pudesse ser o seu nome, muito menos de quem fosse. Sim, tinha de lhe perguntar, mas primeiro tinha de encontrá-la. Ao terminar este pensamento, algo se moveu à esquerda. Rodric aguçou os sentidos e cerrou os olhos na direção do movimento. A luz que atravessava as copas projetava uma sombra na névoa. Seria uma cabeça? Provavelmente era ela a espreitar atrás da árvore. Rodric deu um passo e esperou. A sombra não se mexeu. Deu outro passo, seguido de outro e mais outro e a sombra nunca se moveu. A cada passo, Rodric distinguia mais um detalhe da sombra à sua frente. Agora uma perna, agora um ombro. Não restavam dúvidas, era ela.

Rodric acelerou o passo. Uma decisão imprudente. Pouco depois de ter iniciado a sua corrida, a sua meta escondeu-se num movimento brusco, certamente intimidada pelo som que galopava na sua direção. Rodric deteve-se. Amedrontá-la era a última coisa que queria fazer.

— Desculpa, não te queria assustar — não obtive qualquer resposta por isso continuou — Não te faço mal, só te quero ver mais uma vez. Peço-te.

Sussurrava calmamente cada palavra, como se receasse ferir o ar à sua frente. A sorte

estava lançada, restava apenas esperar. E a sorte sorriu-lhe. Desta vez Rodric não se moveu, não precisava, ela vinha ao seu encontro.

Envergava um vestido que deixava os seus ombros a descoberto e só acabava nos tornozelos, de onde espreitavam os seus pés descalços. Era uma peça branca no topo e cada vez mais verde à medida que descia. Toda ela estava decorada com múltiplas e finas saliências verde claras que se enrolavam umas nas outras e sob si próprias, numa dança aleatória e harmoniosa que recreava as jovens plantas quando brotam do solo em busca do mundo da luz.

Parou. Apenas dois palmos impediam agora que se tocassem. A sua pele era clara e luminosa, dir-se-ia que cintilava, como algo de precioso. Tinha o cabelo liso e castanho quase loiro, parte dele apanhado e o restante caído delicadamente sobre os seus ombros. Os seus olhos, ele nunca haveria de esquecer, eram cinzentos com uma tonalidade verde-esmeralda como duas joias.

Rodric, lentamente, segurou-lhe as mãos e sussurrou um “obrigado”. Por segundos, trocaram um olhar profundo e depois abraçaram-se. Rodric fechou os olhos para que a floresta não o distraísse daquele momento. Inspirou o cheiro a flores que emanava da pele da misteriosa rapariga. Podia ficar ali, embalado naquele calor reconfortante, para toda a eternidade.

Contudo, tinha o pressentimento de que tudo aquilo não iria durar muito mais tempo. Apenas o tempo de abrir os olhos e de se despedir com um beijo demorado no pescoço. E assim o fez, mesmo a tempo. Dois segundos mais tarde já a sua visão escurecia, cada vez mais, até deixar de ver por completo.

Rodric voltou a abrir os olhos e viu apenas madeira à sua frente. Pena não ser o tronco de um pinheiro mas sim a madeira polida das tábuas do teto do seu quarto. Estava deitado na sua cama. Rodric não conseguiu conter um suspiro. Do sonho, apenas se recordava de débeis fragmentos.

O sonhador levantou-se sem pressas da cama, cumprimentando os primeiros raios de luz com um bocejo sonoro. Espreguiçou-se e foi lavar a cara. A água pingava da cara de volta ao balde de madeira. Enquanto secava a cara, a superfície da água estabilizou e refletia agora o seu rosto nitidamente. Era habitual acordar com o cabelo despenteado mas como a noite foi tranquila nem precisou de o domesticar. Os seus olhos escuros e castanhos já haviam assistido a pelo menos vinte primaveras. No entanto conservava o rosto e o sorriso de uma criança. Se não contasse os anos eles nunca deixavam de ser apenas dias. Enquanto observava o seu reflexo, pensou que “com um sonho destes, o dia só me pode correr bem”. Como que em resposta a este pensamento, o seu reflexo esboçou-lhe um sorriso.

Rodric regressou ao seu quarto. Qualquer pessoa que lá entrasse pela primeira vez julgaria ter-se enganado na porta e pensaria ter entrado no interior de um tronco. O teto e as paredes estavam forrados com tábuas de madeira de carvalho e o chão era uma pequena obra de arte — começando no centro do quarto e estendendo-se até aos seus limites, uma combinação de formas geométricas como losangos e estrelas, alternando entre a madeira clara do pinho e a mais escura do carvalho.

Os lençóis brancos e carmim da sua cama estavam amachucados e puxados para trás, à espera que alguém os fosse endireitar. Do lado esquerdo da cama havia uma mesa-de-cabeceira com um bonito pano branco e rendilhado sobre ela, que servia de base a um candeeiro que segurava uma vela bege já meio derretida.

Fez a cama e arrumou a almofada no seu armário. Era praticamente da sua altura e de lá tirou uma camisa e uns calções de algodão. Calçou-se, arregaçou as mangas e desceu as escadas em direção à cozinha, conduzido pela sua fome. Estava tudo calmo dentro de casa ao contrário do exterior — pessoas e carruagens deslocavam-se rua acima e rua abaixo, ou não fosse a sua rua uma das mais movimentadas.

Rodric pertencia à família Carvalho, que ao longo da sua longa existência veio a adquirir notoriedade e respeito no seio da população. O seu “humilde” lar estava situado na rua do mercado e havia sido das primeiras a ser construídas. Os Carvalhos eram conhecidos por serem pessoas amigas e responsáveis. Foram estas as características que favoreceram a nomeação de Karl, pai de Rodric, como chefe da Mesa.

Tomou o pequeno-almoço enquanto olhava através da janela com as suas duas portadas abertas. O motivo do frenesim da rua era a venda ambulante que decorria um pouco mais abaixo. Luca era a morada de dezenas de famílias. As que tinham mais posses, normalmente comerciantes ou famílias donas de terrenos de cultivo, tinham habitação no interior da vila, enquanto as restantes, como os pastores e agricultores que exploravam as terras, viviam em cabanas e casotas mais modestas nas redondezas da vila.

A oeste situava-se a maioria das habitações. Casas de pedra e madeira eram o habitual pois estes eram os recursos que abundavam naquela zona. Havia uma escola, onde se ensinavam os miúdos a ler, a escrever, a falar, a agir e – mais importante – a pensar. Quando chegavam aos doze anos a escola terminava e os pais que desejassem que os filhos continuassem a estudar faziam um pedido de tutoria a Yalideu, o representante dos sábios na Mesa. Se fossem aceites, iriam para a ilha flutuante de Eoscetti. Era lá que pupilos, sábios e feiticeiros se reuniam para aprender e ensinar o conhecimento acumulado de geração em geração.

Bem no centro e à entrada de Luca ficava a taberna do Lorenzo, onde os visitantes podiam matar a fome, pernoitar e aliviar os cavalos. Era a única – e por isso a melhor – estalagem de Luca e não podia estar melhor localizada, mesmo em frente ao portão principal. Estava sempre cheia e movimentada, mesmo quando não havia visitantes, pois a sua cerveja era muito apreciada entre a comunidade masculina — à semelhança das empregadas que a serviam. Os portões eram a ligação do mundo exterior a Luca, que recentemente havia sido rodeada com paliçadas altas em madeira. Em toda a vila existiam quatro torres de vigia: ao lado do portão, perto do Conselho e duas de cada lado do forte dos cavaleiros.

Duas vezes por semana, era dia de venda ambulante, e hoje era um desses dias. Os produtores de Luca e da aldeia vizinha Nelay traziam os seus produtos para serem vendidos ou trocados. Apenas uma rua separava a casa de Rodric do local onde os vendedores montavam as suas bancas e tendas. Passada a zona destinada à venda ambulante, as habitações davam lugar a lojas: talhos, ferreiros, velharias, etc. Todas as casas eram rodeadas por pequenos passeios em pedra, sendo as ruas em terra batida. Era por aqui que as pessoas se deslocavam, a pé ou com carroças, com compras ou com vendas.

Rodric saiu de casa. Contornou o mercado lotado de vendedores, bancas, tendas, carroças e animais. Havia de tudo para todos. A moeda de troca podia ser uma de duas. A maneira mais fácil era pagar com dinheiro — chapas de vários metais, uns

mais valiosos que outros. A outra maneira de comprar um bem era trocando-o por outro, que não tinha necessariamente de ter o mesmo valor que o primeiro. Isto porque o valor de um objeto não depende exclusivamente de si mas também da forma como é vendido e da necessidade de quem o compra. Este hábito antigo sobreviveu ao tempo, pois cada geração percebeu e ensinou que tudo é finito e que os recursos que hoje têm ao seu dispor podem não existir amanhã, a menos que sejam poupados e reaproveitados sempre que possível.

O destino de Rodric era o estabelecimento do seu tio, Petro Carvalho, o ferreiro da vila. A loja do tio ficava mesmo em frente ao talho e distinguia-se das outras habitações pela sua chaminé alta. Avistava-se algum fumo, fraco e claro. A porta estava aberta e Rodric bateu duas vezes antes de entrar.

– Pode-se entrar?

– Se vem comprar alguma coisa, seja muito bem-vindo. Se vem vender alguma coisa, a saída faz-se por onde entrou – disse uma voz sonora do fundo da loja.

– Ai é assim que tratas o teu sobrinho?

– Se soubesse que eras tu nem te tinha deixado entrar. Não compras nem vendes, só vens empatar!

O seu tio recebia-o com uma sorriso e uma mão aberta. Todo o braço direito de Rodric sentiu o aperto da mão áspera do tio. Era rara a espada ou a armadura dos cavaleiros que não tivesse sentido o malhar do seu martelo. O seu tio era um homem rijo, a sua profissão assim o obrigava. Desde o desaparecimento de Karl que Petro ganhara um lugar ainda mais especial no coração de Rodric.

– Como estás? E lá por casa?

– Todos bem, na graça do Criador. E vocês?

– Tudo óptimo, embora ainda não tenha visto a minha mãe. Deve estar no mercado. Por acaso viste o mandrião do Rikheart?

– Por acaso até vi. Ele passou cá bem cedo, tinha eu acabado de abrir a loja. Se bem me lembro, ele seguiu para o forte. Acho que ia passar o dia em treinos.

– Boa, obrigado. A Vera amanhã está por casa?

– Acho que sim, hoje foi ter com as gémeas, mas amanhã deve estar por lá.

– Obrigado tio! Bem, não te atraso mais, hoje é dia de mercado.

O seu tio voltou à arrumação da loja e ao atear da fornalha, e Rodric regressou a casa. O sol já havia iniciado a sua descida quando Rodric voltou a sair. Os treinos de Rikheart já deviam ir a meio. Rodric gostava de assistir por duas razões. Primeiro,



porque gostava de ver as técnicas que eram ensinadas e que mais tarde tentava reproduzir com a ajuda de Rikheart. Segundo, porque estava sempre à espera de um deslize do seu amigo para mais tarde poder gozá-lo. Tinha mais sorte com a primeira do que com a segunda.

Os treinos e tudo o que fosse relacionado com os cavaleiros passavam-se no forte, a zona mais protegida da vila. Esta área havia sido escavada a uma encosta com a ajuda dos feiticeiros e o forte encontrava-se maioritariamente dentro dela. A rocha proveniente dessa escavação foi usada na construção do próprio forte e de outras habitações da vila. Foi projetada para ser a zona mais protegida de Luca, para que em caso de perigo os seus habitantes tivessem um local seguro onde proteger-se.

À entrada estavam dois cavaleiros que saudaram Rodric e o deixaram passar. As ruas dentro do forte eram espaçosas, tinham de ser pois era habitual haver montadas a chegar e a partir. Existia mesmo uma cavalaria dedicada a abrigá-las e cuidá-las. Do outro lado ficavam os dormitórios dos cavaleiros, que também tinham direito a uma zona de descanso. Por fim havia mais dois edifícios, o refeitório e o forte propriamente dito, uma pequena fortificação que servia de refúgio nas situações de perigo e de sala de convívio ou sala de aula no dia-a-dia. Rodric contornou o refeitório até chegar ao pátio de treinos. Dúzias de jovens treinavam uns contra os outros ou contra os seus professores cavaleiros.

Hoje era dia de treino com armadura, em que os alunos tinham de lutar com o uniforme completo de um Cavaleiro. O tronco e os braços eram protegidos por uma peça única de cota de malha, enquanto a coxa e a perna eram protegidas por placas de aço. Nos pés usavam botas de cabedal que subiam até ao tornozelo e na cabeça um capacete que variava conforme a pessoa e o cargo. Todos os capacetes eram feitos de aço e pintados de verde e desciam até à altura das orelhas. Depois uma extensão em forma de seta cobria o nariz, duas extensões laterais cobriam as orelhas e pescoço, e finalmente uma extensão arredondada protegia a parte de trás do pescoço. O capacete de cada Cavaleiro tinha os seus próprios desenhos e padrões e os cargos mais elevados na hierarquia usavam adereços no topo do capacete como penas ou caudas de cavalos.

Cada um tinha a sua arma de eleição — punhais, espadas, machados, clavas, arcos, bestas — mas hoje todos usavam espadas. Treinavam a típica sequência de ataque, recuo, bloqueio. Com as armaduras e à entrada do pátio era difícil reconhecer caras. Rodric sentou-se num balde de água virado ao contrário e observou com atenção os movimentos e os rostos. Finalmente reconheceu o seu amigo, primeiro pela agilidade, depois pela destreza com que atacava o seu professor, e finalmente pela barba debaixo do capacete.

Rodric esperou pelo final do treino antes de se aproximar do seu amigo. Rikheart cumprimentou o professor e saiu do pátio tirando o capacete. O cabelo castanho que Rikheart sempre mantinha cuidadosamente despenteado estava agora colado à sua cabeça suada. Ao avistar Rodric fez um esgar, o sorriso possível com as forças que lhe

sobravam.

— Então, vieste aprender como se faz?

— Claro, eu só aprendo com os melhores. Estás todo partido.

— Os treinos de armadura são tramados — respirou fundo duas vezes e acrescentou

— E com o sol que está parece que tenho a cabeça a ferver.

— Estás demasiado cansado para irmos até ao buraco?

— Fazia-me bem esticar um bocado. Deixa-me só tirar a armadura e depois seguimos.

\* \* \*

Chegar ao buraco não tinha nada que enganar. Os dois já lá tinham ido várias vezes e já sabiam o caminho de cor. Passaram os portões de Luca e seguiram em direção às hortas. Após atravessarem-nas encontraram o riacho. Depois bastou acompanharem o riacho até ele se dividir em dois. Nessa altura foi necessário atravessar para a outra margem, o que não foi difícil pois o riacho não era fundo e a margem ficava perto. Depois de molharem os pés continuaram a descer até o riacho virar à direita. Eles viraram também e seguiram-no. À chegada encontraram a tabuleta de madeira que indicava o lugar.

— “Cuidado com o buraco” — leu Rodric.

— Ainda me lembro da primeira vez que te trouxe aqui — mudou de voz numa tentativa de imitação que mais parecia ser de troça — Isto é perigoso! Alguém devia avisar que está aqui um buraco enorme!

— Eu só dei a ideia, mas quem é que fez a tabuleta?

— E está linda. Adequa-se ao lugar — fez uma pausa ao chegar ao chegar à borda do buraco — Ainda bem que Ele se zangou.

Descrever o local como simples “buraco” era injusto, pelo menos por duas razões. Se algum dia a Lua se desprendesse do céu e chocasse contra a superfície da Terra, a cratera deixada pelo impacto seria semelhante ao monumento natural que se encontrava à frente dos dois rapazes. Sim, porque além da cratera ser monumental também a sua beleza era digna de monumento. O riacho que haviam seguido desde Luca precipitava-se na orla da cratera, formando uma cortina de água branca e reluzente. No final da cascata descansava um lago de água pouco profunda e cristalina. No centro distinguia-se o brilho da areia escura que em tempos já foi pedra. Só nos limites do lago é que era possível ver pedras dignas desse nome. Ao longo da margem era possível observar diversos arbustos e até algumas árvores que se esticavam em busca da luz solar.

— Não sabia que ensinavam essas histórias de embalar aos cavaleiros.

Dizia a lenda que no início dos tempos o Criador havia criado o Sol, a Lua, a Terra e a Energia sob a forma dos quatro Elementos. Coube depois à Mãe preencher a Terra com vida. Primeiro nasceram as plantas, depois vieram os animais, os peixes na água, os mamíferos na terra, as aves no ar. Cada organismo que a Mãe gerava tinha uma função específica na manutenção do equilíbrio natural do ciclo da vida. O Criador assistiu a tudo, maravilhado com a obra da Mãe. Mas perante tamanha diversidade e beleza, a natureza do Criador foi mais forte do que ele, não se contentava em observar, tinha de participar, tinha de criar.

Foi assim que nasceu o homem e a mulher. Tal como havia aprendido com a criação da Mãe, criara dois seres opostos e complementares. Só que o Criador ainda não estava satisfeito. Era certo que havia conseguido criar vida mas isso não era impressionante. Como seria possível impressionar a Mãe, repetindo algo que ela já havia feito vezes sem conta e de formas mais diversas e complexas do que ele havia conseguido? Então transformou o homem e a mulher em seres frágeis e indefesos, sem presas, nem garras, nem escamas, nem couraças. Em compensação deu-lhes uma única arma — um cérebro mais desenvolvido que qualquer outro ser vivo.

Terminada a sua criação chegou a altura de mostrá-la. Apresentou o homem à imagem do Criador, um ser engenhoso capaz de criar e manipular o seu mundo, e a mulher à imagem da Mãe, a progenitora e protetora da vida. A princípio a Mãe desconfiou deste novo ser, mas depois de reparar na sua fragilidade tranquilizou-se de que não seria uma ameaça. Ficou até lisonjeada com a criação da mulher. Por fim, a sua natureza progenitora acabou por aceitar o Homem como se fosse uma criação sua, a proteger e nutrir. O Criador sentiu-se realizado contudo o seu ego precisava de mais, não bastava igualar era preciso ganhar. E fez uma aposta que mais pareceu uma profecia.

*Contigo apostarei que a minha criação*

*A mais frágil e indefesa a respirar*

*Com tempo será capaz de dominar*

*Qualquer fruto da tua gestação*

*Assim é o poder do Criador*

*Tornei o mais fraco num rei*

*Graças à inteligência que lhe dei*

*Assim é a bondade do Criador*

A Mãe ouviu o prenúncio em silêncio e não quis acreditar. Não quis acreditar que o Criador pudesse ser tão perverso. Não quis acreditar que o Homem estivesse destinado a manipular a sua criação. E sentiu necessidade de compensar a força

destrutiva que havia sido criada. E quis criar um ser capaz de proteger a sua criação do Homem. E decidiu que esse ser seria tão parecido ao Homem que o próprio Criador teria dificuldade em distingui-los. E concluiu que dessa forma provaria que a natureza destrutiva do Homem provinha da perversidade que o Criador lhe havia inculcido. E assim criou o Elfo.

A fisionomia dos elfos era muito semelhante à dos humanos salvo algumas exceções, como a parte superior das suas orelhas que era mais pontiaguda e comprida que a dos humanos. Contudo, a principal diferença era a sua pele ser completamente verde bem como a cor dos seus olhos. À semelhança das plantas, os elfos sobreviviam graças à luz solar e por isso não precisavam de caçar. Graças à linguagem que a Mãe lhes ensinou os elfos conseguiam comunicar com qualquer ser vivo, exceto os humanos que não percebiam a sua linguagem. Os elfos eram a derradeira obra da Mãe, a perfeita união entre animal e planta, um protetor para todos os outros seres.

O Homem cresceu, evoluiu e multiplicou-se. Descobriu o fogo, a pedra, a roda, o bronze e o ferro. Descobriu a guerra e o amor. E descobriu o Elfo, porque um dia o Homem haveria de dominar qualquer ser vivo criado pela Mãe. Um naufrago dera à costa numa terra desconhecida. Desnortado, procurou pela civilização mais perto. O que encontrou não foi bem o tipo de civilização que estava à procura de encontrar. Cabanas de ramos e folhas, estruturas como as que os pássaros fazem para impressionar as fêmeas, mas à escala de humano. E depois viu-a. Uma mulher verde de cabelo escuro até ao umbigo. Ao aproximar-se o homem conseguiu observar que o cabelo da mulher tinha afinal uma tonalidade verde e não era liso como o seu — era volumoso e em canudos, como se fossem tranças mas sem se avistar os cruzamentos das linhas de cabelo. E olhos também eram diferentes, já para não falar das orelhas. Na sua terra havia pessoas com olhos verdes, mas o verde desta mulher era diferente, mais escuro, mais vivo.

Atrás da mulher surgiram outras mulheres e outros homens. Nenhum usava roupas. Sinceramente o homem estava quase como eles, as suas roupas estavam um farrapo após o naufrágio. Será que mais alguém havia sobrevivido? Os elfos aceitaram-no na sua comunidade. No entanto comunicar com estes seres revelou-se uma tarefa quase impossível, exceto através de alguns gestos. Um dos seres apresentou-se com um som, “el-foo”.

Nenhum sobrevivente foi encontrado. Ninguém foi enviado à sua procura e o homem não tinha vontade de partir. Tentou ser como eles. Despiu os farrapos que vestia e sobrevivia apanhando fruta. Aparentemente os seres alimentavam-se de luz, pareciam répteis a apanhar sol logo de madrugada. E assim ficavam até o sol ficar bem lá no alto. Uma vez aproveitara a manhã para tentar capturar um macaco. Era impressionante como um bicho tão lingrinhas podia fazer tanta algazarra. Não demorou muito tempo até ela aparecer para repreendê-lo e soltar o macaco.

Gostava dela. Mais do que isso, amava-a e parecia ser correspondido. Aos poucos foi conquistando a sua confiança e amizade. E num dia de arrebatamento a paixão foi

mais forte do que os dois. E um relâmpago caiu dos céus. Estava cumprida a profecia. Duzentos e setenta dias depois nasciam três crianças, com a pele do pai e as orelhas da mãe. Os elfos entreolharam-se sem saber o que fazer ou pensar. Os pais estavam mais do que confusos, estavam aterrorizados, haviam criado uma nova espécie. Quando a Mãe descobriu o nascimento destes híbridos — a prova da profanação da sua criação e da concretização da profecia do Criador — ficou destróçada e as suas lágrimas caíram durante um ano inteiro excepto quando soluçava. O mar engoliu aldeias, a chuva preencheu vales e montes passaram a ser ilhas.

Finalmente o ego do Criador estava saciado. Contudo não podia sentir-se feliz nem realizado ao reparar na tristeza que havia causado à sua companheira. Profundamente desiludida, a Mãe voltou as costas ao mundo dominado pelos humanos. Furioso consigo mesmo, o Criador bateu com os punhos no mundo. O impacto foi aterrador e os humanos clamaram que o fim do mundo havia começado. O mundo estremeceu, os edifícios colapsaram, a terra rachou, a lava brotou, montanhas se elevaram e ilhas se formaram. Debaixo dos seus punhos ficaram duas crateras massivas. Uma delas foi feita em pleno oceano e a água voltou a preenchê-la. A outra foi feita em terra, perto de Luca, e é atualmente carinhosamente apelidada de “buraco”. A força do impacto não só havia criado a cratera como havia inclinado toda a península onde Luca e Nelay se situavam. E graças a essa inclinação surgiu a serra onde foi escavado o forte de Luca.

Jamais na história recente haviam sido avistados elfos verdes. Já os híbridos, descendentes dos elfos originais, habitavam as florestas um pouco por toda a terra. Envergonhados com o seu passado, decidiram homenagear os seus antepassados herdando o seu nome e a sua missão de proteger a criação da Mãe. Todos os habitantes de Luca conheciam esta lenda e contavam-na com grande orgulho. Aquela terra era sagrada, afinal de contas havia sido tocada, ainda que de forma violenta, pelo próprio Criador.

Rikheart e Rodric escalaram a sua rocha de eleição e sentaram-se no topo, o local perfeito para admirar o buraco. Naquele lugar remoto não se ouvia muito mais além do som do riacho a beijar o lago. A fala de Rikheart parecia um grito naquela calmaria.

— Daqui a duas semanas vou fazer a Viagem. Que cara é essa? Devias estar contente, sabes?

— E estou, pelo menos uma parte.

— Eu não me vou embora para sempre. Vou só ali dar um passeio e depois volto.

— Sim, vais só ali num instantinho visitar todas as aldeias, vilas e cidades conhecidas.

— Todas não. O primeiro destino é Nelay, depois em Iessi-Iessi apanho o barco até Coralyn. Aí faço uma visita aos anões de Twa Dwet e dou-lhes a minha oferenda.

Enquanto falava Rikheart navegava pelas nuvens como se elas fossem o seu mapa.

— Depois desço até Calenon e cumprimento os elfos da Floresta Sussurrante. Atravesso a ponte e bebo umas cervejas em Binnuin. Quando estiver recuperado caminho até Quaril. Aí vai ser fácil apanhar uma carruagem até à grande cidade cinzenta de Valanoi.

— Estou a ver que já tens tudo planeado.

— Tenho de ter! Já só faltam duas semanas. A partir de Valanoi é que não sei como voltar. Ou dou uma g'anda volta pelo caminho inverso, ou faço uma longa caminhada aborrecidíssima por ali acima até Nelay e depois Luca.

— Pois, não te esqueças de regressar.

— Há ainda a hipótese de casar-me em Valanoi com uma mamalhuda! Já ouvi dizer que quase todas as meninas de Valanoi têm olhos verdes... agora o corpinho é que não sei como é. Fazes ideia?

— Sei lá! Perguntas ao tipo que nunca meteu o nariz fora de Luca.

— Realmente, tu não deves ter metido o nariz em lado nenhum.

Rodric fez um trejeito com os lábios enquanto revirava os olhos. O humor do Rikheart no seu melhor.

— A Vera havia de ficar muito satisfeita de saber esses teus planos de casamento.

Rikheart deitou-se sobre a rocha e fitou o céu.

— A Vera, a Vera... Eu sei lá Rodric. Eu gosto da tua prima, não me leves a mal, e até me dou bem com o teu tio, mas neste momento não me quero comprometer. Nem era justo ir fazer a minha Viagem e deixar a Vera à espera.

— Acho que ela era capaz de esperar.

— Acredito, mas eu conheço tão pouco do mundo. Luca é um farrapo de nuvem num céu nublado. E há outras nuvens aqui tão perto que eu quero ver e sentir. Quando é que vou visitar essas nuvens? Há tantas aventuras para viver e trilhos para percorrer e raparigas para... conhecer.

— Boa, conseguiste emendar a tempo.

— Sabes que isto é importante para mim. Só serei um Cavaleiro completo depois da minha Viagem. Diria até uma pessoa completa. Só depois disso é que posso tomar uma decisão sem receios ou arrependimentos.

Rikheart tinha razão. Nada que Rodric pudesse dizer iria fazer o seu amigo mudar de ideias. Só havia uma coisa a dizer.

— E se eu fosse contigo?

A pergunta pairou no ar com as nuvens durante algum tempo, até que partiu com elas sem resposta.

— Não lighes, estava a gozar.

— Estavas? Nesse caso não valeu a pena ter ponderado tanto.

— Espera, tu aceitavas que eu fosse contigo na tua Viagem?

— Por isso é que demorei a responder. Se fosse uma pergunta fácil não teria demorado tanto tempo.

— Mas o propósito da Viagem é a independência e a sobrevivência. Bem sei que o teu pai é o capitão dos cavaleiros, e seria fácil negociar com ele, mas e os teus colegas?

— Não te preocupes com os meus colegas, eles conhecem as minhas capacidades e se tiverem dúvidas eu esclareço-as. Em relação à sobrevivência, tens razão, mesmo assim acho que não ias infringir nenhuma regra.

Rodric franziu a testa ao levantar uma sobrancelha.

— É que se tu fores não me vais ajudar. Antes pelo contrário, vou ter de tomar conta dos dois. Portanto ao ires comigo não serás uma vantagem mas sim uma dificuldade extra.

Desta vez Rodric alcançou rapidamente o raciocínio retorcido do seu amigo.

— Por isso, e respondendo à tua pergunta, não vejo mal em fazeres a Viagem comigo. Vá, agora mais a sério, acredito que te fará muito bem sair de Luca.

— É que se eu não aproveitar esta oportunidade, dificilmente vou arranjar outra forma de ver o mundo para lá das nossas hortas. Além de que assim tenho um guarda-costas dedicado durante a expedição.

— Vou falar com o meu pai então. E tu trata de falar com a tua mãe. Não vai ser fácil para ela.

— Para nenhum de nós. Talvez o meu tio a consiga tranquilizar.

— É boa ideia. Boa ideia também era praticarmos já o nosso Yen, antes que se faça mais tarde.

A prática de Yen era ensinada pelos cavaleiros a todos os pupilos e também aos habitantes de Luca que o quisessem aprender. Dizia-se que originalmente esse conhecimento havia sido passado dos elfos para os humanos como prova de boa vontade. A palavra Yen significava “equilíbrio” em élfico e era precisamente esse o objetivo de quem o praticava. Como tudo no mundo, o Yen tinha duas componentes. Numa delas treinava-se o corpo, através de um conjunto de posições que o praticante

executava para melhorar a sua flexibilidade e desenvolver cada um dos seus músculos. A outra componente do Yen desenvolvia a mente. Após o treino do corpo, o praticante sentava-se e concentrava a sua percepção num único pensamento — o nada que é tudo. No primeiro nível equilibrava-se a respiração e no segundo o praticante fechava os olhos e apenas através da audição devia sentir a sua presença no mundo. No terceiro nível o praticamente abstraía-se da audição e focava-se apenas na energia do seu corpo. No quarto era feita a limpeza do espírito, em que os pensamentos negativos eram ignorados e os positivos reforçados. Finalmente no quinto nível de concentração a mente era esvaziada de todos os pensamentos. Eram poucos os que conseguiam alcançar o quarto nível, alguns diziam que o último nível de concentração estava apenas ao alcance dos elfos. Havia lendas sobre humanos que tinham alcançado esse nível após décadas de treino. Diziam ser um estado em que tudo era deixado para trás — os sentidos do corpo, os pensamentos da mente, a entidade do ser — restava apenas a energia vital que se fundia com a do ambiente num equilíbrio quase perfeito.

No final da primeira parte do treino, a pele de ambos cintilava com pequenas gotas douradas de suor.

— Não vou fazer a parte da meditação, se fecho os olhos ainda adormeço. Depois do dia de hoje quando cair à cama vou dormir que nem uma pedra.

Rodric concordou e sorriu. Também ele estava ansioso pela noite mas por razões diferentes de Rikheart. Voltaria a vê-la?



Foram precisas dez noites para ela reaparecer. Corria alegremente à sua frente. O cabelo esvoaçava com a deslocação do ar, deixando ver a silhueta das suas orelhas pontiagudas. Rodric tenta alcançá-la, com o coração a martelar-lhe o peito pelo esforço e pelo entusiasmo de voltar a vê-la. Só que a paisagem não se deslocava à mesma velocidade das suas pernas. Já tinha ouvido histórias sobre areias movediças, em que os infelizes que as encontravam eram incapazes de escapar e acabavam enterrados até ao pescoço. Não era o caso, Rodric conseguia mover-se livremente, só que andava muito devagar, demasiado devagar.

Estava a ficar visivelmente para trás. Rodric acenou-lhe assim que a viu olhar para trás. Algo estava errado. Os seus olhos já não se fechavam num sorriso de orelha a orelha. O terror havia arregalado os olhos e distorcido os lábios. Rodric olhou por cima do ombro, sem encontrar algo de ameaçador por entre as árvores. Quando voltou a olhá-la já corria de novo, sem esperar por Rodric, como se a sua vida dependesse da sua rapidez. Rodric acelerou a corrida. Pelo menos tentou.

Conseguia vê-la a abrandar o ritmo. Finalmente! Assim talvez conseguisse alcançá-la. Ela parou junto a um tronco e apoiou-se com uma mão, com o olhar preso ao chão. Depois os joelhos. Depois o corpo. Ao vê-la tombar Rodric congelou. O calor evaporou do seu corpo e o seu sangue parou de correr assim como o seu corpo. Algo estava mesmo errado.

Num piscar de olhos, descobriu que estava mesmo ao lado dela. Estranho. Não havia tempo, a única coisa que havia a perceber era o que se passava com ela. Ajoelhou-se para a observar e nesse instante ouviu o vento sob a forma de milhares de folhas vermelhas que desciam das árvores e se aproximavam de todas as direções. Uma torrente ensurdecadora de folhas envolveu-a, mesmo à sua frente, e separou-os, sem sequer terem tido tempo de se tocar. Todas as folhas de todas as árvores rodopiavam agora à sua frente e voaram para trás de si.

A terra tremeu e se não estivesse já ajoelhado teria caído. À sua volta, árvores rachavam pelo tronco e tombavam por completo. O chão outrora suave e verdejante, coberto de fetos e de ervas, havia perdido a vida e não era mais do que terra quebrada, coberta de poeira, cinza e ramos ressequidos. Tudo era cinza ou negro, um quadro

triste de um artista amargurado.

Até que, na mesma direção que ela havia olhado pela última vez, muralhas escuras como carvão se erguiam a uma altura de dez homens. Só eram visíveis debaixo do negrume celestial graças à luz da única estrela que brilhava no céu. Uma apenas mas brilhava tanto como o sol. Por cima das muralhas uma estrela de oito pontas aguçadas brilhava e iluminava oito bandeiras azuis decoradas com a mesma estrela.

A estrela pulsou e tudo ficou branco. Rodric acordou ofegante. As suas mãos tremiam quando as levou à testa para limpar o suor. Precisava de arrefecer, precisava de respirar. Não era este o reencontro que esperava há tantas noites. Saiu da cama e foi até à varanda. Uma brisa lenta e fresca envolvia-lhe o tronco nu. Observou o céu. As estrelas ainda estavam no seu devido lugar, contudo faltava qualquer coisa. Não havia lua.

— Até tu me abandonaste.

\* \* \*

Rodric desceu para tomar o pequeno-almoço. A mesa já estava posta e a sua mãe tinha acabado de cortar o pão. Herdara os olhos da sua mãe e em menor grau as suas sardas sobre o nariz, mas não só. Tudo aquilo que não se herda mas que se aprende — a boa disposição, o carinho, o altruísmo, o respeito, a responsabilidade — também isso recebera da sua mãe.

— Dormiste bem filho?

— Nem por isso, é um daqueles dias em que uma pessoa já acorda cansada.

— Aconteceu alguma coisa? Pareceu-me ouvir-te falar durante a noite.

— Desculpa — disse Rodric sentindo a sua face mais quente que o habitual — espero não te ter acordado.

— Não, eu já estava meio acordada. Já sabes que eu não durmo, só descanso.

— A culpa foi de um pesadelo esquisito que eu tive.

— Hum... queres contar como foi?

E Rodric contou. Era normal partilharem os sonhos mais esquisitos que tinham. Especialmente quando um deles entrava no sonho do outro. Dava sempre para rir quando a mãe aparecia num sonho de Rodric e passava a noite inteira a ralar com ele ou quando o filho aparecia num sonho de Anna e fugia deixando-a preocupada a noite toda. Desta vez Anna não se riu.

— O que foi?

- Uma estrela pontiaguda foi o que disseste?
- Sim. O que é que tem de especial? Todas as estrelas têm raios.
- Certo mas nem todas têm oito pontas num fundo azul.
- Estava escuro, acho que era azul. De qualquer forma era um sonho.
- Se voltares a ter o mesmo sonho ou outro parecido avisa-me por favor.
- Está bem, mãe — terminou com uma voz arrastada.
- Olha, eu tenho de seguir para o Conselho. Hoje a mesa vai reunir-se. Penso estar cá à hora de almoço. Se me atrasar vai comendo.
- Tudo bem, eu também vou sair para visitar a Vera.
- Dá-lhes um beijinho por mim.
- Serão entregues.

Anna fechou a porta e dirigiu-se para norte da vila em direção ao Conselho. Estava uma manhã calma, ao longe ouviam-se os galos mais preguiçosos acordar. Àquela hora da manhã o ar ainda não tivera tempo de aquecer e, com o seu andar apressado, a deslocação de ar fazia os seus olhos lacrimejar.

A parte nobre da vila ficava precisamente a norte e as casas de cada lado da estrada eram das mais antigas. Há muito, muito tempo Luca era apenas um conjunto de cabanas no sopé da serra. Com o passar das gerações as cabanas deram lugar a barracas, depois a casas e finalmente às casas de dois pisos que existiam atualmente. Era aqui que viviam as famílias mais antigas e também as mais ricas de Luca. As suas casas do norte distinguiam-se das que se situavam na parte sul da vila, não pela sua opulência mas sim pelo material de construção e pela sua forma. As paredes destas casas eram feitas de blocos de rochas empilhados com as portas e janelas em madeira. As madeiras que rodeavam as janelas exibiam belos entalhes de carpinteiro, uns com padrões geométricos e outros com finas linhas que se retorciam e embrenhavam como ramos de uma planta que terminava em flores. Debaixo da maioria das janelas havia uma floreira com terra e flores que perfumavam e coloriam a rua. Outras casas preferiam ter à entrada vasos de barro com arbustos. O piso superior das casas era sempre construído com tábuas compridas de madeira e o telhado ligeiramente inclinado era coberto por telhas em barro.

O mais curioso destas casas era que, apesar da qualidade dos materiais e dos acabamentos, eram completamente disformes. As casas literalmente assentavam umas em cima das outras. Era normal metade do piso superior de uma casa assentar nas fundações da casa do vizinho. As dimensões do rés-do-chão eram também muito variadas, sendo umas muito largas e outras muito estreitas e compridas com uma saída nas traseiras. As casas eram assim devido à sua idade e história. Antigamente as

casas eram menos e estavam mais dispersas. Depois construíram-se novas casas no espaçamento entre as casas existentes. E finalmente quando já não havia mais espaço fizeram-se os primeiros andares. Enquanto umas famílias queriam ter os quartos no primeiro andar longe da confusão da rua, outras apenas precisavam de mais um quarto para aquela criança que não estava planeada. E assim era normal um quarto ter uma porta para o sótão do vizinho do lado. Estes acrescentos originaram a diferença de estilos e proporções que caracterizava a zona norte de Luca.

Antes de entrar no edifício do Conselho era preciso passar o jardim. Era um senhor de idade bem avançada que cuidava daquele bonito jardim. Em toda à volta do edifício do Conselho um prado de relva, trevos e flores do campo cobria a terra. No meio do prado encontravam-se algumas árvores dispersas de portes totalmente diferentes, baixas, altas, largas, esguias, um caos ordenado que acalmava e inspirava a mente só de olhar. Das caldeiras dessas árvores surgiam plantas rasteiras que se desfaziam em flores amarelas, laranjas, vermelhas, arroxeadas ou rosadas.

Um veio de terra batida cortava o jardim em dois e ligava a rua à porta da casa que era o Conselho. Em conjunto com o Forte, este era um dos lugares mais importantes de Luca, pois era ali que se resolviam e debatiam os problemas e o futuro de Luca. Essas decisões nunca eram tomadas só por uma pessoa mas sim aprovadas por um conjunto de pessoas. De quinze em quinze dias a Mesa reunia-se, sempre no mesmo local e sempre à mesma hora. A Mesa era constituída por cinco elementos: o chefe da Mesa, o capitão dos cavaleiros, o representante dos sábios, o representante das criaturas antigas e o representante do povo. Nem todos eram forçados a estar presentes em todas as reuniões. O chefe, o capitão e o representante do povo, pela sua proximidade à vila estavam sempre presentes nas reuniões e tratavam dos assuntos mais banais. Aqueles assuntos que necessitassem do parecer dos sábios ou das criaturas antigas eram guardados para o final do mês, altura em que os seus representantes costumavam estar presentes na vila.

O Chefe da Mesa era eleito pelo povo a cada ano. Durante esse ano cabia-lhe a tarefa de solucionar os problemas dos habitantes de Luca e servir de mediador na Mesa. O capitão dos cavaleiros, como o nome deixa adivinhar, era o representante das forças armadas na Mesa e era nomeado internamente pelos cavaleiros. O representante dos sábios, à semelhança do anterior, era também nomeado pelos seus e era normalmente o mais dotado e sabedor da sua Ordem. O representante das criaturas antigas e o representante do povo, tinham cargos semelhantes pois ambos eram eleitos por aqueles que representavam e deveriam ser a voz que levava à apreciação da Mesa os problemas e necessidades de cada uma das suas comunidades.

A Mesa reunia-se sempre no edifício apelidado de Conselho, mais precisamente no rés-do-chão. No primeiro piso encontrava-se um quarto, onde dormia e vivia o Chefe da Mesa enquanto estivesse em funções. Durante esse tempo, o Conselho era a sua casa e a população de Luca os seus estimados vizinhos. Bastava descer as escadas e o Chefe da Mesa estava pronto a iniciar mais uma reunião da Mesa. A sala era ampla, sem mobília e decoração em excesso, e bem iluminada pelas largas janelas na frente

da casa e pelo candelabro circular de oito velas brancas que pendia do tecto. Imediatamente abaixo estava o centro de uma mesa feita de madeira velha e escura, também ela circular. Era essa a mesa que dava nome às reuniões que aconteciam sobre ela. Na superfície da mesa estavam pintadas as quatro pontas da rosa-dos-ventos em dourado. Os pontos cardeais não estavam identificados, no entanto a mesa estava orientada segundo eles. E as cadeiras onde cada membro se sentava eram claramente determinadas pelo protocolo. A norte sentava-se Alphonse Faia, o atual Chefe da Mesa. Imediatamente à sua direita e esquerda, a noroeste e nordeste respectivamente, ficavam os representantes dos povos: Anna Carvalho, a mãe de Rodric, e um elfo vindo de Calenon chamado Odryl. O assento de Saturnino Salgueiro, o capitão dos cavaleiros, ficava a oeste e a este o lugar de Yalideu, o representante dos sábios. Esta disposição centenária havia sido determinada aquando da primeira assembleia e tinha por isso um profundo significado e tradição.

Quando entrou já Alphonse tinha descido e falava com Saturnino. Yalideu fumava do seu cachimbo debruçado na janela.

— Ah, bom dia Anna — disse Alphonse interrompendo a conversa.

— Bom dia Alphonse, Saturnino e Yalideu — olhou à sua volta e reparou que faltava um elemento — O Odryl ainda vem? Hoje era dia de ele estar presente.

— Ainda não o vi. Já perguntei aos meus cavaleiros por ele mas ninguém na vila o viu. Provavelmente era necessário em Calenon e não pode vir.

— Não há problema, afinal de contas, hoje não temos assuntos que necessitem da aprovação das criaturas antigas. Sempre poupou a viagem.

Yalideu expirou um último anel de fumo e fechou a janela atrás de si. Ao cruzar o olhar com Anna inclinou a cabeça, que lhe retribuiu o cumprimento.

Durante duas horas a mesa falou, questionou, debateu e decidiu sobre os assuntos que afetavam a vila. Alphonse deu por terminada a reunião e todos se levantaram. Alphonse e Saturnino saíram a conversar sobre o último assunto. Ao ver que Yalideu também estava de saída Anna aproximou-se.

— Yalideu, antes de ir posso só dar-lhe uma palavrinha? É sobre o meu filho, o Rodric.

— Como vai o seu rapaz?

— Está bem, obrigado. Só que nestes últimos dias voltou a ter uns sonhos estranhos.

E contou-lhe o último sonho de Rodric. E deu especial relevo à morte da elfo e à estrela de oito pontas. Yalideu ouviu-a em silêncio com o olhar distante, enquanto passava a mão na barba grisalha que lhe tapava o pescoço. Alphonse e Saturnino eram nesta altura uma mancha de cor ao fundo da rua. Finalmente encarou-a.

— Caríssima Anna, lembro-me perfeitamente do que se passou com o seu esposo

nesta mesa. Não precisa ficar assim, olhe para mim. A senhora não teve culpa nenhuma no que aconteceu — voltou a olhar o exterior através da janela — E lembro-me de me ter falado no sonho ou visão do seu filho. Na altura dissemos que fora coincidência.

— Sabe de algum comportamento estranho de Lanakuv? Há algum problema em Calenon?

— Tenho estado em Eoscetti, cheguei ontem à noite a Luca. Sei tanto quanto a Anna.

O seu olhar foi o primeiro a fixar a cadeira vazia do elfo Odryl e Yalideu seguiu-o. No entanto foi ele quem verbalizou o pensamento de Anna.

— Esperemos que seja mais uma coincidência.

\* \* \*

Rodric saiu pouco depois da sua mãe. O Conselho ficava no extremo norte de Luca. Contavam-se pelos dedos da mão as vezes que lá havia entrado. Já a casa de Vera ficava a oeste e era uma visita habitual. Pelo caminho avistavam-se os telhados amarelos das casas mais a sul de Luca. Na zona nova moravam famílias mais modestas do que na zona velha, famílias que haviam recentemente juntado dinheiro suficiente para construir uma casa dentro da vila. Por isso as casas da zona sul eram pequenas por fora e acolhedoras por dentro, contendo apenas o espaço essencial. As casas eram construídas principalmente com madeira e uma argamassa de pedra, argila e areia. Os telhados eram feitos de palha entrelaçada, o que conferia a tonalidade amarelada que Rodric via ao longe.

Ao chegar bateu à porta e a sua prima apareceu.

— Bom dia prima Vera.

— Bom dia Verão.

— Não gosto do Verão, é demasiado calor. Gosto mais da Primavera, das duas!

Cumprimentaram-se com dois beijinhos e Rodric deu mais um.

— Este é da minha mãe.

— Que querida. Então a que se deve a visita?

— Gostava de falar contigo, tens um bocadinho?

— Claro, vamos para o meu quarto.

O chão da casa era composto por um quadriculado de tijolos, cada um do tamanho do seu pé. As paredes caiadas e despidas de qualquer decoração confirmavam que aqui vivia uma família humilde e trabalhadora. Sentaram-se na cama e Rodric começou

por contar-lhe o primeiro sonho seguido do sonho da noite passada. Vera fez exatamente o mesmo silêncio e a mesma expressão pensativa da sua mãe.

— Mau, também tu? Quando contei o sonho à minha mãe também ficou a olhar o vazio sem dizer nada.

— Lembras-te do que aconteceu da última vez que ignorámos uma visão tua, não lembras?

— Isso foi uma coincidência. Sonhei que o Odryl levava com uma pedra na cabeça, grande coisa. Provavelmente só fui buscar a cara dele porque o tinha conhecido há pouco tempo.

— Sim e depois sonhaste que quem quer que tivesse atirado a pedra era trespassado por setas. E uns dias depois acontece aquilo com o teu pai.

Dez anos passaram desde o episódio a que Vera se referia. Nessa altura o pai de Rodric era o chefe da Mesa. Karl não era natural de Luca. Conheceu a mãe de Rodric quando ela estava de passagem por Nelay. Apaixonaram-se, casaram-se e nasceu o Rodric. Karl veio morar com Anna após conhecerem-se e durante esse tempo a povoação teve a oportunidade de o conhecer.

Karl era uma pessoa prestável. Era habitual vê-lo a ajudar alguém com um trabalho nas hortas, ou a conduzir uma carroça de um comerciante cuja idade lhe limitava os movimentos, ou a conversar com recém-chegado a Luca. Essa era outra das suas características, tinha o dom da palavra. Era capaz de falar sobre qualquer assunto o tempo que quisesse sem que os seus ouvintes se cansassem. E para alguém que tinha crescido em Nelay ele sabia demasiadas coisas.

Foi nesse Karl que o povo de Luca depositou a sua confiança e o seu voto para chefe da Mesa. No entanto havia outro Karl. O Karl que Rodric conhecia desde criança. O Karl que não brincava com ele. O Karl que quando lhe dava atenção também lhe dava uma repreensão, um insulto ou um safanão. E em breve o povo de Luca também teria oportunidade de o conhecer.

Graças à sua afabilidade e eloquência, ao chegar ao poder Karl tornou-se rapidamente amigo dos vários elementos que compunham a Mesa. Todos menos um, Odryl, o representante das criaturas antigas. Quando lhe dirigia a palavra, era notório o desprezo e a superioridade com que o fazia. Foram poucas as vezes que considerou a sua opinião e apenas quando esta era favorável à decisão da maioria da Mesa. Sempre que havia Conselho o ambiente era constrangedor. Se estava aos olhos de todos que a relação entre os dois era gélida, como se sentiria o próprio Odryl? Era apenas uma questão de tempo até surgir um confronto direto. E aconteceu.

O princípio do fim começou numa reunião em que Odryl se levantou e saiu a meio de um Conselho, farto de ser ignorado e contrariado de cada vez que apresentava a sua opinião. A Mesa ficou profundamente envergonhada. Nunca na história da Mesa um

membro havia saído porta fora a meio de uma reunião. Contudo ainda havia mais acontecimentos inéditos preparados para esse dia.

Karl, enquanto chefe da Mesa, propôs aos restantes membros da Mesa que se extinguisse o cargo de representante das criaturas antigas. A seu ver não fazia sentido um elemento externo à vila, e ainda por cima de outra espécie, sentar-se à mesma mesa. Argumentou ainda que se tratavam de uns selvagens, que apenas se limitavam a levantar problemas e obstáculos às necessidades da vila e que, se bem sabia, Luca era a única comunidade humana que se relacionava daquela maneira com as criaturas antigas. A cuidada máscara estalou.

Yalideu, o representante dos sábios, mostrou-se revoltado com tais palavras e disse que era impensável Luca deixar de se relacionar com as criaturas antigas, pois essa era uma ligação histórica e simbólica, um exemplo de união e entreaajuda entre espécies diferentes. O representante do povo, na gíria apelidado de testemunha, fazia o seu papel, testemunhando a discussão.

O capitão dos cavaleiros estudava cuidadosamente a reação de cada elemento da Mesa. Karl dirigiu-lhe a palavra e perguntou o que achava, argumentando que o ódio e a inveja que as criaturas antigas tinham pelos humanos eram cada vez maiores e que o gesto de Odryl refletia bem a falta de civismo da sua gente. Tratava-se de uma questão de segurança.

Saturnino olhou Karl nos olhos, o negro da sua íris contrastando com o branco dos seus olhos esbugalhados. Finalmente, desde que a discussão havia começado, quebrou o seu silêncio para proferir o seu juízo.

— As criaturas antigas já sofreram demasiado, caro colega. Tomara nunca passarmos por aquilo que elas já viveram. O sábio Yalideu tem razão no que diz: a nossa ligação com as criaturas antigas é preciosa e não abdicaremos dela pelas razões fúteis e pessoais que apresentou.

Karl não aguentou e levantou-se. Apoiou as suas mãos na mesa e inclinou-se na direção de Saturnino, o seu olhar chispando ódio. Não esperava uma desfeita destas, não depois de tanto afincos em estreitar as suas relações.

— Não quis acreditar nos boatos mas agora vejo com os meus próprios olhos. Até apostado que combinaram tudo com aquela criatura.

— O que é que você está para aí a falar? Não diga mais asneiras homem, não acha que já teve a sua conta por hoje? — perguntou Yalideu sem saber se havia de levar a sério as palavras de Karl.

— Não se faça desentendido. Já reparei na vossa amizade com o elfo. Protegem-no sempre de tudo o que eu possa dizer. Aliás vocês nunca me levaram a sério desde que fui eleito pelo povo de Luca como chefe desta Mesa. Gostem ou não, devem-me respeito e lealdade.



— Não lhe admito essas palavras. Não há, não houve, nem nunca haverá uma conspiração, se é isso que está a insinuar — Saturnino pontuava o seu discurso batendo com o indicador na mesa.

— Eu nunca falei em conspiração, o que não deixa de ser curioso que o mencione. Francamente Saturnino, eu que o tinha em tão boa—

— Basta. Já chega de veneno, agora oiça-me — levantou-se e colocou-se à frente de Karl, à distância de dois passos ou um valente murro — Aqui em Luca nós somos frontais e objetivos. Fomentamos uma cultura de bem e tolerância. Aceitamos como nosso qualquer um que partilhe esses ideais. Foi o que fizemos consigo.

— Ora, não me dê lições de moral.

O sangue de Karl começava a subir-lhe a face. Era impressionante a calma com que Saturnino falava apesar da gravidade da sua voz. Continuou como se não tivesse sido interrompido.

— Quando esses princípios são afectados, agimos em conformidade. É o que estou a fazer consigo. Você desrespeitou a tolerância, assim como a nossa cultura de bem, com as suas manipulações e egocentrismos. Assim sendo, em nome dos cavaleiros que represento, vou ter de lhe pedir que cesse as suas funções e ponha o seu lugar à disposição.

Yalideu e o representante do povo recostaram-se nas suas cadeiras, de bocas abertas mas sem proferirem um som. A conversa estava mesmo a descambar.

— Aha! Cá está a confirmação dos rumores! Um golpe de estado às escondidas. Sempre conspiraram contra mim... estavam há semanas à espera de um deslize para poderem tirar-me do cargo! Vocês deviam ter—

— Você é que devia ter vergonha do que diz e do que fez. Já lhe expliquei a sua situação. Demos-lhe o benefício da dúvida, como damos a qualquer cidadão de Luca, na esperança que mudasse. Como tal não aconteceu terá de ser afastado do cargo. Como elemento da Mesa, não permitirei que um homem ponha em causa a integridade de todos os cidadãos. E se quer continuar a viver nesta vila é bom que tenha tento na sua língua e nas suas ações. Esta é a minha decisão.

Ao terminar olhou para os restantes membros da Mesa, que o olhavam com um ar atordoado devido à velocidade e gravidade dos acontecimentos. Yalideu foi o primeiro a concordar com a decisão do capitão dos cavaleiros e a testemunha limitou-se a anuir com a cabeça.

— Vocês vão-se arrepender — renunciou Karl cravando o seu dedo indicador no ombro de Saturnino — especialmente você.

— E eu tenho esperança que se arrependa da sua atitude.

Ainda Saturnino não havia terminado a frase já Karl saía pela mesma porta usada por Odryl minutos antes. Todos expiraram fundo após Karl bater com a porta e estremecer as portadas das janelas. Ainda no mesmo dia, já com Odryl presente, a Mesa decidiu oficialmente e por unanimidade que Karl devia ser afastado do seu cargo e que outra pessoa seria nomeada para o seu lugar. No dia seguinte o representante do povo convocou uma assembleia com os habitantes de Luca para explicar o sucedido. Karl não esteve presente, nunca mais, nem em Luca, nem na vida da família Carvalho. Desde esse dia desapareceu, sem uma despedida, sem uma explicação.

Anna chorou dias a fio. Porque teria Karl desaparecido? Será que tinha saído de Luca por uns dias para assentar ideias? Porque não avisou? Porque demorava tanto em regressar? Outra hipótese era que lhe tivesse acontecido alguma coisa no regresso, talvez um ataque de um animal, talvez um encontro com ladrões. Estaria ferido? Os cavaleiros procuraram-no em Luca sem sucesso. Chegaram a ir procurá-lo em Nelay que afinal de contas era a sua terra de origem. Ninguém disse tê-lo visto. Durante as buscas, Rodric ficava em casa do seu tio na companhia da prima Vera. A mãe dizia-lhe que o pai tinha ido numa viagem, sem nunca lhe dizer quando é que ele voltaria ou para onde ele havia ido. O primeiro ano foi desgastante para a família Carvalho. De cada vez que alguém batia à porta Anna sobressaltava-se e corria para a porta, apenas para encontrar um vizinho a pedir salsa ou o padeiro a entregar o pão. Com o passar dos anos o coração esfriou e sarou, até o episódio se tornar numa memória dolorosa guardada num recanto remoto da mente. Mas a dúvida ficou sempre — teria Rodric ficado órfão ou sido abandonado?

Na eleição seguinte Alphonse Faia foi escolhido para chefe da Mesa. Um homem com origens em Luca, tal como o apelido indicava, mas cuja família havia vivido a maior parte do tempo na cidade cinzenta de Valanoi. Era portanto uma pessoa viajada que era capaz de se relacionar com os vários povos que havia conhecido. Anna foi eleita como representante do povo. Foi o melhor que podia ter acontecido para a sua estabilidade emocional. O comportamento de Karl na Mesa e o seu posterior desaparecimento deixaram a sua confiança abalada e reputação da sua família manchada. Com esta escolha, o povo de Luca mostrava-lhe que ainda confiava na família Carvalho e na sua personalidade, que não podia ser confundida com a de Karl.

O primeiro ato da governação de Alphonse foi deslocar-se com os restantes membros da Mesa a Calenon, onde Odryl os esperava para os conduzir ao senhor da floresta, assim lhe chamavam os habitantes de Luca. Qiloliel Em'Kel recebeu-os como amigos embora soubesse perfeitamente o que havia acontecido em Luca. A delegação de Luca ajoelhou-se perante o senhor da floresta e pediu desculpa pelo comportamento do anterior chefe da Mesa, que não partilhava os valores e costumes de Luca e que por isso já havia sido destituído de funções. As desculpas foram aceites e seladas com um abraço. A paz voltou a reinar entre os dois povos.

Rodric sabia o que Vera pensava acerca dos seus sonhos, ou visões como ela dizia.

— Vera, eu não sou nenhum vidente, se é isso que achas. Se houvesse algum poder em mim o Yalideu já teria reparado. Se há coisa que eu não sou é especial, eu não consigo destacar-me em nada.

— Não comeces outra vez com essa conversa.

— É verdade, repara — Rodric começou por esticar o dedo indicador — a minha mãe representa o povo na Mesa, o Rikheart é um guerreiro, o meu tio é ferreiro, tu serás uma excelente curandeira. E eu? Destaco-me no quê?

— E tu és um excelente ser humano que ainda não descobriu o seu dom. E que pouco se esforça para o descobrir.

— Boa. Achas que “ser humano” conta como ofício?

— No seu tempo vais descobrir, não te preocupes. Já era muito bom se todos fossem a pessoa que tu és. Ainda por cima com o passado difícil que tu tens.

— Pois, não vamos dar mais importância a este assunto. Voltando ao que interessa, achas que a minha mãe vai dar com a língua nos dentes e contar o meu sonho à Mesa?

— Achas que ela era capaz de contar a tua visão?

— Já te disse que foi só um sonho. Espero bem que não, que vergonha. Só que sabes como ela é preocupada, além disso é um membro da Mesa, e por isso deve proteger os habitantes de Luca, e se o meu sonho for uma pista de que corremos perigo, então aposto que ia sentir-se na obrigação de partilhar essa informação.

— Não vais passar uma vergonha se o que viste foi verdade. Nesse caso o melhor mesmo é que ela conte à Mesa.

— Se o que *sonhei* foi verdade, vai acabar por se saber de uma forma ou de outra, não é preciso ser eu a dar-lhes a novidade.

— Já contaste ao Rikheart? — lembrou-se Vera.

— Não! Agora não tenho mais nada que fazer senão contar os meus sonhos à vila inteira, queres ver?

— Pronto, pronto.

Seguiu-se uma pausa em que ambos decidiram contar os tijolos do chão, evitando contar os mesmos e cruzar o olhar. Vera quebrou o silêncio desconfortável.

— Como está ele?

— Queres saber se o Rikheart perguntou por ti, é isso?

Vera confirmou abanando a cabeça, com um sorriso tanto de luminoso como de

esperançoso. Rodric não lhe queria tirar o sorriso mas também não se sentia bem a alimentar-lhe falsas esperanças.

— Está bem, também perguntou por ti. Porque é que em vez de ficares com esse sorriso de tolinha não vais falar com ele? Gostam de me usar como pombo-correio?

— Eu até podia ir falar com ele, mas ele é que tem de me procurar. É assim que manda a tradição. Até porque ele é que está interessado.

— Pois, em relação a isso... eu cá não... quer dizer, como é que podes ter a certeza?

O sorriso babado de Vera desapareceu dando lugar a rugas na sua testa.

— O que queres dizer? O que é que ele te disse?

— Eu não quero dizer nada por ele. A única coisa que eu sei é que em breve ele vai partir na sua Viagem. Tu sabes, aquilo que todos fazem antes de poderem tornar-se cavaleiros. Vendo bem falta menos de uma semana para ele partir.

— Não sabia que faltava tão pouco tempo para ele se ir embora. Porque é que ainda não me disse nada?

— E se tudo correr bem eu vou com ele.

— Tu o quê?!

A voz de Vera falhou no final da palavra, num som estridente igual ao de duas superfícies lisas a deslizarem uma na outra. Aproximou-se de Rodric, segurando no seu ombro com uma das mãos e abanando-o enquanto o trespassava com perguntas.

— Quem é que teve essa ideia? Mas não era suposto a Viagem ser feita sem companhia? E, que eu saiba, tu nunca saíste de Luca! Como é que tua mãe te autorizou uma coisa dessas? Diz-me que ela não te deixou ir por aí a pé, a caminho do desconhecido!

— Tem calma rapariga! A ideia foi minha e o Rikheart concordou. Não, a única regra dos cavaleiros é que o aluno não deve ser ajudado por outros colegas ou cavaleiros durante a sua Viagem. Como eu não sou uma coisa nem outra, não há problema. E eu vou com a proteção do Rikheart, por isso não vai haver problema.

— E a tua mãe? Aceitou essa explicação?

— Hum, em relação a isso... ainda não disse.

— Desculpa?

— Ainda não lhe disse — disse Rodric, agora sim de forma audível.

— Como não? Estás à espera que chegue a hora para dizer “adeus, vou ali ver o mundo

e já volto”? Como é que ainda não lhe contaste uma decisão dessas?

— Porque tenho medo da reação dela. Quer dizer, eu sei qual vai ser a reação, vai ficar para desmaiar, depois vai revoltar-se e finalmente vai fazer chantagem emocional. Não interessa. Nada do que ela me diga vai fazer-me mudar de ideias.

— Eu percebo que estejas decidido mas ela ainda é tua mãe. E vendo bem tu és a pouca família que ela ainda tem.

— Sim já sei, primeiro foi o meu pai a abandoná-la e agora vou ser eu. Essa vai ser uma das chantagens. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu não sou como ele. Eu não vou desaparecer sem dizer nada a ninguém só porque não me fizeram a vontade.

— Se não te despachares a contar à tua mãe ainda é isso que vai acabar por acontecer!

— Não digas isso, não me compares a ele. Eu vou sair de Luca temporariamente, para viajar e crescer, e regressar mais maduro e mais capaz.

— Bem apanhaste-me mesmo de surpresa, se me contassem provavelmente não ia acreditar.

— Pois, é precisamente por isso que tenho de ir. Se não for agora, não vai ser nunca. E com a motivação e proteção do Rikheart esta será a altura ideal. Talvez isto me ajude a descobrir qual é a minha vocação, tal como tu tinhas dito — disse Rikheart enquanto cravava o dedo indicador debaixo das costelas da prima.

— Está bem, está bem. És capaz de ter razão. E provavelmente não terás melhor altura para ir ver o que há fora de Luca do que agora com o Rikheart. Mas mesmo assim... fogo. Quanto tempo é que vou ficar sem te ver?

— Não sei. Umas semanas. Muitas semanas. Depende.

Vera suspirou enquanto olhava Rodric nos olhos. Depois o seu olhar percorreu aleatoriamente a sua cara, como que a gravar cada sinal e cada ruga para mais tarde recordar e atenuar as saudades. A verdade é que ambos não sabiam quando é que voltariam a ver-se. Ou se. Vera afastou o pensamento abanando a cabeça e estendeu os braços ao primo. Abraçaram-se, sem pressas. Quando terminaram Rodric viu os olhos brilhantes de Vera.

— Então, não fiques assim — disse Rodric enquanto lhe acariciava as costas da mão.

— Ainda por cima... logo agora que tiveste... este sonho — apesar das lágrimas ainda não lhe correrem pela cara, Vera já soluçava.

— Vera, por favor, não lighes a isso. Foi só um sonho. Podia ter sonhado que tinha encontrado um baú de pedras preciosas, ou que tinha entrado no quarto de uma rapariga jeitosa, mas calhou ser esse sonho. Sabes o que é que eu acho que devíamos

fazer? — Vera levantou o olhar e fungou — Íamos lá fora apanhar ar, fazias-me companhia até ao talho do Parreira, que tenho de ir lá comprar carne para o almoço, e depois subimos a vila, tu vais ao Forte falar com o Rikheart e eu vou ao Conselho falar com a minha mãe. O que te parece?

— Está bem, vou-me calçar. E tu abre-me a primeira gaveta da cómoda e tira-me o lenço que lá está. Não posso ir toda ranhosa para a rua. Não te rias que a culpa é tua!

\* \* \*

O talho do Antulio Parreira ficava a uns passos da casa de Vera. Ao lado da porta era visível um letreiro de madeira clara onde se liam em relevo as palavras “Talho Parreira, a melhor carne da península inteira”. Por cima da porta e de duas janelas pequenas, as únicas de toda a casa, pendiam toldos de pano que bloqueavam qualquer luz direta do sol de entrar na loja. Era um sítio bastante escuro e os olhos de Vera e Rodric demoraram algum tempo a adaptarem-se à penumbra e a reconhecerem as caras.

Do teto pendiam carcaças de todos os tamanhos e feitios, umas grandes como as de vaca, outras pequenas como as de galinha e outras completas como as de coelho. Observar um pernil de vaca pendurado era relativamente pacífico. No entanto os coelhos esfolados eram bem mais arrepiantes, com todos os seus pequenos músculos visíveis, bem como os seus pequenos dentes e os seus pequenos olhos, esbugalhados e vazios.

De serviço estava o... como é que ele se chamava mesmo? Rodric nunca lhe perguntara o nome e Vera não tencionava fazê-lo. Sempre que ela entrava no talho o rapaz ficava como que hipnotizado. Por isso normalmente quem fazia as compras no talho era a mãe de Vera.

— Bom dia, menina Vera.

— Bom dia — respondeu Vera desviando o olhar.

— O que vai ser hoje?

— Bom dia, então hoje podem ser dois bifos de porco — Rodric terminou o seu pedido — se faz favor.

— Com certeza.

O rapaz não olhou uma única vez para Rodric, era como se o pedido tivesse sido feito por Vera, com uma voz fortemente deturpada por uma constipação. Enquanto cortava os bifos da peça de porco, o empregado mirava Vera pelo canto do olho e sorria. Esta, visivelmente incomodada, cruzou os braços e deslocou-se para junto do patrão.

Nesse instante o rapaz levantou o cutelo e bateu-o na bancada. Na descida o cutelo

devia ter encontrado um naco de porco, no entanto o que encontrou foi algo bem mais tenrinho — o polegar de um rapazinho aspirante a talhante. Este exclamou instintivamente e deixou cair o cutelo sonoramente. Vera abafou um gritinho e cobriu a cara com as mãos. O senhor Parreira acudiu rapidamente o seu empregado. Felizmente o rapaz usava uma luva de cota de malha na mão esquerda e o cutelo não havia alcançado o dedo. No entanto o impacto e o aperto da malha foram suficientes para fazer um golpe que começava agora a sangrar.

— Então rapaz, o que te deu? Pregaste-nos cá um susto! Tem atenção ao que estás a fazer. Olha que eu não preciso que me arranjes mais mercadoria!

Enquanto o patrão gracejava, o empregado retirou-se de olhos pregados no chão a fim de limpar a ferida e cobri-la. Vera regressou e apoiou-se em Rodric, segredando-lhe ao ouvido “Nunca mais”.

— Não te preocupes, este vai para os cães, vou cortar-te outro.

Rodric agradeceu e pagou. Ele e Vera despediram-se do senhor Parreira e saíram do talho.

— Eu juro, que de hoje em diante, nunca mais entro neste talho. Já viste o que seria se ele não tivesse a luva? Fogo, eu quase que me senti responsável por ele ficar sem o dedo!

— Desculpa, a ideia foi minha, não me lembrei do efeito que tu tens em algumas pessoas. Achas que ainda é boa ideia ir visitar o Rikheart? É que pelo andar da carruagem ele ainda fica sem um braço.

Vera respondeu-lhe com um murro no ombro.

\* \* \*

Os dois subiram as ruas de Luca. A cada passo Rodric sentia o coração bater mais forte e mais depressa. Desconfiava que isso não se devia apenas ao facto da rua ser a subir. Enquanto caminhava pensava no que diria à sua mãe para a convencer a deixá-lo partir. Deixar não, aceitar — ele já tinha idade suficiente para tomar as suas próprias decisões sem ter que pedir autorizações à sua mãe. O que Rodric não queria era sair de Luca sem levar a sua bênção e o seu calor.

Rodric observou Vera a seu lado. Também ela caminhava absorvida nos seus pensamentos. Se não fosse Rodric, Vera não teria reparado em Saturnino e Alphonse que desciam a rua mesmo à sua frente. Rodric parou para os cumprimentar e Vera voltou atrás alguns passos.

— Bom dia senhores. A minha mãe ainda está no Conselho?

— Penso que sim, mas não se demorem porque nós já acabámos há algum tempo — disse Alphonse.

— Vou já para lá, obrigado!

— Senhor Saturnino, desculpe, sabe se o Rikheart está no Forte?

— Afirmativo, deves encontrá-lo no campo de treino.

Depois de agradecerem, cada um continuou o seu caminho. Chegaram à porta do Forte. Rodric conseguia ver a silhueta da sua mãe ao longe, no caminho que cortava o parque e dava acesso ao Conselho.

— Se queres um conselho Vera, não deixes nada por dizer e não saias de lá com dúvidas. Vocês já andam há demasiado tempo a falar por sinais e subtilezas.

— Sim, tenho de esclarecer as minhas dúvidas. Boa sorte para ti, também não vai ser fácil.

Rodric inspirou fundo e encolheu os ombros. Vera passou os guardas do portão e Rodric encaminhou-se para o Conselho. A barba pontiaguda não deixava dúvidas de com quem é que a sua mãe estivera a falar.

— Bom dia, mestre Yalideu.

Porque é que os dois ficaram para trás a conversar? Será que a sua mãe... em breve teria a certeza. Ela havia acabado de fechar o portão quando deu de caras com Rodric.

— Ah... então filho, passa-se alguma coisa? Não contava encontrar-te aqui por cima. Não tinhas dito que ias visitar a Vera?

— E fui. E vim com ela até ali ao Forte. Ela entrou para falar com o Rikheart. Antes disso comprei o almoço e deixei-o em casa.

— Óptimo, obrigado. Vais esperar por ela ou podemos ir já para casa?

— Ela vai demorar e de qualquer forma eu preciso de falar contigo. Preferia que fosse já.

— Ai sim? Eu também preciso de falar contigo.

Durante um instante e demasiados batimentos do coração, mãe e filho analisaram a expressão um do outro. Se Rodric estivesse no sossego da sua casa era capaz de apostar que a sua mãe seria capaz de escutar sem dificuldade o batuque no seu peito. Rodric ficou grato por estar na rua.

— Tu primeiro, eu demoro mais tempo.

— No teu caminho deves ter encontrado o mestre Yalideu. Pronto, eu contei-lhe o teu sonho. Calma! Contei-lhe agora em privado e antes que digas mais alguma coisa, ele disse que não precisamos de nos preocupar por agora.



— Ainda bem que um estranho confirmou aquilo que eu já te tinha dito. Agora já podes ficar descansada.

— Não é um estranho Rodric, é um sábio. Sempre é mais fiável do que a opinião de um juvenzinho, não concordas?

Rodric descruzou os braços quando a sua mãe lhe tocou de lado com o cotovelo. Quando lhe contou o seu sonho pela primeira vez já sabia que mais cedo ou mais tarde Yalideu iria acabar por saber. Afinal, com todo o seu conhecimento e experiência, ele era a pessoa certa para os aconselhar.

— O importante é que tenhas ficado descansada.

— E fiquei, mas tinhas qualquer coisa para me contar. Espero que não seja nada para me preocupar.

— O Rikheart vai fazer a sua Viagem de Cavaleiro e eu vou com ele.

— Estás a falar a sério? — perguntou Anna com o corpo nitidamente tenso.

— Sim. E gostava que a minha decisão tivesse a tua bênção.

Anna olhou em volta e na falta de bancos encostou-se ao muro do Conselho. Estava estranhamente silenciosa para o gosto de Rodric. Este aproveitou o momento para lançar os seus argumentos.

— Tu sabes que eu nunca saí de Luca e não sei muito bem qual é a minha vocação. Por outro lado sabes que o Rikheart é um excelente Cavaleiro, a viagem é apenas uma formalidade, porque ele já tem todas as qualidades de que precisa. Além de ser esperto sabe defender-se perfeitamente.

Anna escutava-o de olhos brilhantes.

— E por isso eu sugeri-lhe que fosse com ele na Viagem. Ele aceitou e já falou com o Saturnino que também aceitou. Com a proteção dele não me vai acontecer nada. Até porque nós só vamos visitar as localidades mais pacíficas, seguindo sempre pelos caminhos principais ou por barco.

— Vai ser uma *grande* aventura. Já pensaste bem nisso?

— Pois vai, por isso é que vai ser giro. Mãe, os astros estão todos alinhados, é uma oportunidade imperdível. E é mesmo o que estou a precisar, abrir os horizontes, ver pessoas novas, conhecer culturas diferentes. Se não for agora, vai ser quando?

— Custa-me muito ver-te partir... custa a qualquer mãe, ainda mais com um filho querido como o meu — segurou nas mãos de Rodric — Faz parte do teu crescimento, eu só posso conformar-me e esperar pelo teu regresso.

— Quer dizer que tenho a tua bênção?

— Quando partem?

— No domingo vamos preparar tudo para sairmos segunda bem cedo.

— Então podes contar com a minha ajuda no domingo e a minha bênção na segunda... e as minhas saudades na terça.

Enquanto Rodric abraçava carinhosamente a sua mãe, sentia os seus soluços. Sussurrou-lhe ao ouvido um “Obrigado”. E a sua mãe correspondeu estreitando-o ainda mais nos seus braços.

— Ai Rodric, Rodric. Ainda há tão pouco tempo eras tão pequenino. Ias para todo o lado de mão dada comigo. Depois começaste a fugir e a meteres-te por debaixo das mesas, eras um pequeno demónio. E agora vais fugir outra vez de mim. Não, desculpa, não vais fugir, vais viajar. Toda a gente precisa da sua Viagem. Olha eu devia ter viajado mais. Se não tivesse parado em Nelay e se tivesse continuado a viagem, se calhar agora éramos uma família mais completa.

— Mas já não era eu que ia estar aqui. Nós somos felizes como estamos. Somos abençoados em tantas coisas que nem reparamos.

— E eu sou a mais abençoada de todos, com a riqueza de filho que tenho, o meu tesouro mais precioso. O meu amor!

— Então já somos dois! Eu também gosto muito de ti mãe.

E seguiram para casa, de mão dada, como nos velhos tempos. Uma velhota que recolhia a roupa do seu estendal viu o que a sua vista permitiu, dois vultos ligados no meio. O pouco que viu foi suficiente para sorrir e comentar para consigo.

— Que caszinho tão amoroso.

Era noite cerrada. Não era suposto ninguém entrar na basílica àquela hora, mas Icarian não precisava nem de autorização nem de escolta. Precisava sim de uma lamparina de azeite que o protegia de chocar contra uma parede ou um pilar de rocha vulcânica, escura e baça. Tantas vezes o havia visitado que sabia de cor o percurso que dava acesso aos aposentos do Papa.

Finalmente chegou. O corredor terminou e da parede negra surgia agora um cubo branco. Toda a luz que a pequena lamparina emitia era refletida pela superfície alva e polida do cubo de pedra. Àquela hora da noite e naquele corredor escuro era como se mais nada existisse além daquela construção.

O cubo tinha pelo menos a altura de quatro homens e no centro continuava um túnel com largura insuficiente para duas pessoas passarem e comprimento suficiente para a lamparina não conseguir iluminar o final. Icarian entrou no túnel e deu uma dúzia de passos até uma cortina lhe cortar a passagem. Mesma à luz fraca da lamparina a cor vermelho-sangue da cortina era vibrante. Afastou-a cuidadosamente e entrou. Por momentos pareceu-lhe cheirar à cor da cortina.

A sala era feita da mesma rocha dos corredores mas era mais escura do que todos eles. A lamparina era a única fonte de luz dentro daquelas quatro paredes desprovidas de janelas ou qualquer tipo de abertura. Havia apenas um ralo no chão, encardido e manchado com a mesma cor da cortina. Ao longo das paredes observavam-se múltiplas cintilações metálicas e preciosas, provenientes de objetos da coleção pessoal do Papa.

Icarian secou a testa com a sua manga. Era impossível ter calor àquela hora da noite, depois de atravessar tantos corredores sem iluminação de velas e forrados apenas com a pedra mais gélida. Talvez os tivesse percorrido depressa demais. Talvez estivesse nervoso. Talvez ambos.

No centro da sala elevava-se uma mesa de pedra disposta em comprimento. Uma ligeira brisa indicou a Icarian que algo se havia movido à sua frente. À luz da lamparina começou por reparar em dois pés descalços e pálidos que caminhavam na sua direção. O resto do corpo estava coberto por uma túnica preta com um sol de oito

pontas bordado a ouro. A ponta inferior estendia-se da barriga até aos pés e a ponta superior terminava no rosto sorridente de Ixilak.

— Boa noite Icarian.

Retirou-lhe a lamparina da mão e colocou-a em cima da mesa de pedra.

— Boa noite excelência — respondeu, terminando com uma vénia profunda.

— Algo me diz que para me visitares a esta hora é porque trazes novidades que vou adorar ouvir.

— Assim espero excelência. As duas torres de Coralyn e a torre da floresta de Calenon estão terminadas e operacionais.

— Finalmente. Algum resultado?

— Em Coralyn só prevemos ter resultados daqui a uma semana. No entanto a torre construída na orla da floresta já começou a brilhar. Até agora a teoria do sábio parece estar correta.

— Ótimo. E os elfos?

— Certamente já devem ter reparado mas ainda não reagiram.

— Por agora o medo do desconhecido vai impedir aquelas bestas de agir. Mas tome cuidado, os animais não gostam de ver o seu território invadido por estranhos.

— Certo, estamos atentos às suas movimentações com um esquadrão a postos caso seja necessário intervir.

— E em Coralyn?

— Comemoraram e agradeceram a oferta de Lanakuv em nome das boas relações entre as duas cidades. Não suspeitam de nada.

O sorriso de Ixilak abriu-se e revelou os seus dentes — brilhantes e aguçados como a estrela que envergava ao peito.

— Excelente. Eu sabia que não me irias decepcionar.

Icarian inclinou a cabeça em reverência.

— Esse sábio foi um achado. Espero que a sua segurança esteja garantida, bem como o secretismo da sua localização.

— Afirmativo. Apenas o seu bispo e eu sabemos a sua localização. Até agora o sábio colaborou sempre e aceitou as razões para o seu exílio.

— É impressionante como esse sábio vai mudar de forma radical a vida e a evolução do Homem com uma ideia tão simples. É o maior avanço desde a descoberta da Energia. E nós vamos estar no topo.

— Finalmente vamos recuperar a posição de domínio que nos roubaram.

— Ámen. Há mais alguma coisa que deva saber?

— Por agora é tudo, só daqui a uma semana.

— Então já sabes quando deves voltar. Aqui tens a tua lamparina.

Icarian aceitou-a com outra vénia e retirou-se. Ao passar o cortinado expirou e relaxou o corpo dorido da tensão. Sentia a responsabilidade nos seus ombros todos os dias. Quando falava com Ixilak esse fardo tornava-se quase insuportável. Qualquer outro quebraria perante o seu olhar inquisidor carmim. Foi por isso que foi escolhido para liderar esta missão, em nome do Papa, em nome do Criador. O seu dever fortalecia-o. A sua fé guiava-o. Inabalável com a rocha. Ardente como a lava. Não havia obstáculos quando se reescrevia a história.

Chegou o dia de partir. Rodric preparou-se o melhor que pôde e sabia. Às suas costas levava uma mochila recheada de peros, queijo, chouriço, carne seca, uma muda de roupa e uma bolsa com algumas moedas. À sua cintura um punhal, oferta do tio, pedido da mãe. Rikheart pediu-lhe várias vezes para não sair de Luca com muita coisa, porque durante a viagem teriam oportunidade de arranjar provisões — quanto menos carregados fossem mais conseguiriam andar.

Não gostava de despedidas, ficava sempre a ideia de que nunca mais iria ver aquela pessoa. Por isso optou por fazer simples visitas onde deixou os seus cumprimentos. Deu um grande abraço à família de Vera e secou as lágrimas da sua própria mãe. Ambos concordaram que era melhor Rodric passar o portão da vila sozinho. Foi para lá que se dirigiu, o ponto de encontro para esperar por Rikheart. Enquanto aguardava meteu conversa com o Cavaleiro que guardava a entrada da vila, perguntando sobre como havia sido a sua Viagem e que conselhos tinham para partilhar.

As gémeas da família Pereira, Leegia e Lydia, passavam por perto e pararam quando ouviram as palavras “Rikheart” e “Viagem” na mesma frase. Desviaram a rota e aproximaram-se. Há alguns anos Rikheart tivera um namoro com uma delas. Só que como elas eram tão parecidas ele nunca sabia com quem é que estava, portanto quando comentava com alguém a sua vida amorosa dizia sempre ter duas namoradas ao mesmo tempo — provavelmente não andava longe da verdade.

— Já cá estou, desculpa o atraso.

Rikheart também trazia a sua mochila às costas e uma longa espada presa na cintura. Ao seu lado vinha Saturnino, como pai mas oficialmente como capitão dos cavaleiros. Era sua responsabilidade estar presente no início da Viagem dos seus alunos, porque na chegada ninguém sabia quando voltariam ou se voltariam. Era comum haver alunos que assentavam numa das cidades por onde passavam e só voltavam a Luca alguns anos depois, para visitar as mães e mostrar os filhos.

— Rikheart Salgueiro — depositou as suas grandes mãos nos ombros do seu aluno — Hoje inicias a tua Viagem. É com grande orgulho e esperança que te vejo alcançar esta etapa do teu treino.

De tantas vezes proferir este discurso certamente o capitão já o havia decorado. Apesar de as palavras serem as mesmas, hoje cada uma transportava mais emoção e mais sentimento. As gémeas ouviam o discurso abraçadas de olhos cravados em Rikheart.

— Tens quase tudo para seres um verdadeiro Cavaleiro e o que te falta vais encontrar na tua Viagem. Lembra-te do código dos cavaleiros. Explora o mundo e faz amizades. Poderás regressar quando quiseres que as portas de Luca e os nossos braços estarão abertos para te receber. No entanto, lembra-te que só regressarás um verdadeiro Cavaleiro se trouxeres contigo uma prova da amizade das criaturas antigas.

— Não o vou dececionar.

— Quanto a ti Rodric — ao ouvir o seu nome Rodric ficou em sentido — de cada vez que ajudares o Rikheart só estarás a prejudicá-lo. Já conheces as regras.

— Sim capitão. Juro que não vou ajudar esse indivíduo durante a sua Viagem.

— Também não precisas de jurar...

Saturnino piscou-lhe o olho. Rodric percebeu o significado. Esta última frase não foi dita pelo capitão, mas sim pelo pai. O capitão dos cavaleiros recuou para trás do portão de Luca e as gémeas aproximaram-se de Rikheart.

— Viemos desejar boa sorte ao futuro Cavaleiro Rikheart.

Lídia abraçou o seu lado direito e Lígia o lado oposto. Ao mesmo tempo ambas beijaram-lhe a face. Rikheart não teve tempo de perguntar como é que sabiam da sua partida, só teve tempo de corar. Rodric sorriu perante a confirmação de ser humanamente possível envergonhar Rikheart.

Rodric e Rikheart ajeitaram as mochilas e voltaram costas à sua vila, às suas famílias, às suas vidas. Rodric expirou profundamente.

— Ainda nem acredito que estou mesmo a fazer isto. Para onde agora?

— Em frente — disse Rikheart de queixo e peito erguido.

— Espera um bocadinho, vais muito depressa! Não era melhor revermos o plano?

— Não é preciso, a primeira etapa não tem nada que saber — Rodric correu alguns passos para conseguir ficar lado a lado com Rikheart — Primeiro atravessamos a ponte sobre o ribeiro. Sabes qual é, é o mesmo que vai dar ao buraco. Suponho que saibas que ele nasce na Serra da Serpente e pouco depois da ponte que atravessámos divide-se em dois. Hoje interessa-nos segui-lo na direção Nelay. Depois almoçamos e logo se vê.

— Certo, e quanto tempo vamos demorar a chegar a Nelay?

— Isso agora depende. Se mantivermos este ritmo, três horas devem ser suficientes. Se te armares em preguiçoso demoramos mais e almoçamos mais tarde. Agora está nas tuas mãos, quer dizer pés.

— Vamos caminhar três horas seguidas?!

— Mau... ainda estás a tempo de voltar para trás. Se te despachares as gémeas ainda te dão colinho.

Rodric olhou por cima do ombro. A esta distância os portões de Luca que normalmente tinham largura suficiente para duas carroças cabiam agora na sua mão.

— É claro que vamos fazer paragens. Como hoje é o primeiro dia e ainda estamos fresquinhos gostava de evitar ficar muito tempo parado. Teremos tempo de recuperar quando apanharmos o barco em Iessi-Iessi.

— Fico aliviado por saber.

— Foi por isso que te disse para não vires carregado. Uma batata às costas ao fim de uma manhã a caminhar parece um rochedo maciço.

— Sim, só trouxe o essencial.

Rodric enumerou o que trazia na sua mochila. A mochila de Rikheart praticamente não se movia com o seu passo acelerado. Ou estava muito bem presa ou era bem mais pesada que a de Rodric. No entanto a passada de Rikheart continuava a ser difícil de acompanhar.

— O Saturnino também me deu algumas moedas. Quando mas deu disse — pigarreou e fez a sua melhor imitação da voz grave do capitão dos cavaleiros — “aqui tens metade das moedas que precisas, a outra metade terás de ser tu a arranjá-la”.

— Pois, agora que falas nisso, como é que vamos fazer em relação às refeições? Nós só temos comida suficiente para ir a Nelay e voltar.

— Não vamos roubar se é isso que estás a pensar.

— Claro que não! Não é preciso conhecer o código do Cavaleiro para saber que é errado.

— Trabalhamos. Vemos onde é que podemos ajudar e em troca pedimos mantimentos. Não vai ser difícil encontrar alguém que precise de algo feito e que não se importe de dar fruta da sua árvore ou uns vegetais da sua horta. Agora ninguém nos vai dar moedas. Por isso é que precisamos de as guardar para ocasiões especiais, como por exemplo para comprar as oferendas para os elfos e os anões.

— Já pensaste no que lhes vais oferecer?



— Aos anões café. Aos elfos não faço ideia.

— Café? Porquê?

— Olha, vou adorar explicar-te tudo em detalhe quando chegarmos a Nelay. Quanto mais falarmos no caminho mais cansados vamos ficar.

— Ah, tens razão, desculpa.

— Cala-te, aprende e aprecia a paisagem — terminou Rikheart com um calduço no pescoço de Rodric.

E Rikheart tinha razão mais uma vez. A paisagem era completamente diferente daquela que Rodric estava habituado a ver no caminho para o buraco. O caminho de terra batida que percorria era ladeado por campos de cultivo em todas as direções. Ao longe e ao longo do sopé da Serra da Serpente avistavam-se moinhos de vento. Eram brancos e pela cor argilosa dos seus pequenos telhados deviam estar cobertos de telha. O sol ainda não estava alto o suficiente para os iluminar mas o vento naquela zona já estava forte o suficiente para fazer girar as suas enormes velas.

A única coisa desbotada de cor era mesmo a estrada por onde caminhavam. As bordas do caminho estavam preenchidas por ervas verdes e viçosas, manchadas pela cor das suas flores amarelas, vermelhas, rosas e azuis. A rainha era mesmo a papoila que se erguia acima das restantes, alta e esguia, para desabrochar em quatro pétalas tão vermelhas que encadeavam os olhos. Viam-se pequenas borboletas a pousar de flor em flor, numa dança que tinha tanto de aleatória como de graciosa.

Os campos eram praticamente planos até que começavam a inclinar cada vez mais à medida que se aproximavam da serra. Até lá tudo era verde ou castanho. Nas plantações mais atrasadas viam-se os rasgos das caldeiras, ainda escuros e ensopados da humidade da noite, e as plantas pequeninas em desenvolvimento nos topos dos montinhos — as futuras batatas, cenouras e couves, bem como cereais, que iriam alimentar Luca.

As pernas de Rodric já acusavam algum cansaço quando palmilharam a ponte de pedra que ligava as duas margens. A ponte assentava em dois pilares, um em cada margem, e um único arco sobre o ribeiro que corria tranquilamente por baixo. A base dos pilares era feita de grandes blocos de pedra ao paço que o topo e o arco eram compostos por pedras mais pequenas. Rodric nunca havia visto outra ponte mas aquela parecia-lhe razoavelmente pequena. Não havia necessidade para mais, afinal o ribeiro não era assim tão largo ou fundo, pelo que aquela ponte tinha o tamanho suficiente para facilitar a passagem de carruagens e pessoas entre as duas margens, sem terem de molhar os pés ou as rodas. Até porque na estação das chuvas o ribeiro não corria assim tão calmo. Hoje dir-se-ia que andava em vez de correr.

— Já devemos ter andado mais de uma hora, não?

— Porquê? Já estás cansadinho?

— Tu é que prometeste uma pausa a cada hora. O prometido é devido.

— Sim, podemos parar um bocadinho.

Quando Rikheart terminou a frase já Rodric se havia instalado numa rocha perto do ribeiro. A água era mais cristalina que os vidros das janelas de Luca. Viam-se pequenos peixes prateados a nadar em cardume por entre as algas. Rikheart sentou-se ao seu lado e pegou numa pedra pequena.

— Nem te atrevas.

— Eu só ia fazer peixinhos.

— O ribeiro já tem peixinhos que cheguem.

— Desmancha-prazeres — e atirou a pedra para a margem de onde vieram.

— Por falar em peixe, alguma vez estiveste em Nelay?

— Só lá fui uma vez com o Saturnino. Fomos investigar uns roubos de redes. Passou-se alguma coisa com a lua que naquela semana havia mais fartura de peixe do que era costume para aquela altura. Diziam que era um corrupio de embarcações a entrar no cais para descarregar e a voltar a sair para ir buscar mais. Só que alguns deles não encontravam as suas redes.

— Que má altura para perder as redes.

— Quando chegámos já o peixe tinha desaparecido e as redes aparecido. Coincidência? Ficámos com a ideia de que um dos grupos de pescadores havia escondido as redes dos outros para serem eles a apanhar a maioria do peixe.

— Eles foram capazes de fazer isso aos colegas?

— Lá porque eles são colegas não quer dizer que sejam amigos. Pareceu-nos que foi isso que aconteceu e aos pescadores lesados também, mas não houve provas de nada. Boa gente aquela — disse Rikheart sem se esforçar por ocultar a ironia — felizmente não passámos lá mais de um dia.

— E é para lá que nós vamos?

— Afirmativo. E vamos almoçar peixinho. Tem de ser.

— Tudo bem, o almoço está resolvido. Como vamos fazer com a noite?

— Como à noite não precisamos de comer tanto, podemos aliviar o peso às nossas mochilas. Depois procuramos um sítio para dormir.

— Em Iessi-Iessi?

— Não, no meio do mato.

— Pronto, desculpa, pensava que ainda faltava muito para chegar a Iessi-Iessi.

— E falta.

Rodric parou por um momento. A conversa estava a deixar de fazer sentido.

— Tu estavas a falar a sério quando disseste que íamos dormir no meio do mato?

— Claro! Com sorte, hoje ficamos a meio caminho de chegar a Iessi-Iessi, só a meio do dia de amanhã é que conto lá chegarmos. Hoje vamos ter de procurar uns arbustos ou uma gruta para passarmos a noite.

Agora a conversa já fazia sentido. O que não foi particularmente animador para Rodric.

— Vamos passar a noite ao relento? Logo na primeira noite? Isso não é perigoso? Não pode aparecer um animal durante a noite?

— Sim, calha bem que seja já na primeira noite. Se tiver de doer que seja já. Assim se não aguentares estás mais perto de casa e é mais fácil regressares. Quanto aos animais, é possível mas improvável, a maioria àquela hora vai estar a fazer o mesmo que tu. E tudo é perigoso, até andar pelas ruas de Luca. Alguém pode deixar cair um vaso em cima da tua cabeça e já eras.

— Isto vai ser um dia e peras...

— Anima-te, é só o começo, depois é que começa a ficar interessante.

Rodric limitou-se a emitir um gemido.

— Vá, levanta-te ou já não chegamos a Nelay a horas de almoço.

\* \* \*

Caminhavam há já algum tempo rente ao ribeiro. Rikheart disse que se continuassem pelo caminho de terra iriam desviar-se cada vez mais de Nelay, pois esse caminho era usado por quem queria sair da península a caminho de Iessi-Iessi, a nordeste, ou Valanoi, a noroeste. Rikheart sugeriu que seguissem pelo atalho que ligava a vila diretamente à aldeia dos pescadores. Pouco depois da primeira pausa encontraram o dito desvio. Não havia que enganar, um corredor estreito de erva pisada e atrofiada indicava o caminho e uma tabuleta de madeira com o nome da aldeia esculpido confirmava o destino.

Ao longe, no meio do verde pintalgado de flores, viam as primeiras casas acastanhadas de Nelay. Viam também uma língua de azul oceânico entrar pela terra

dentro, vindo de oeste, até parar na estreita linha de terra que impedia a península de se tornar uma ilha. Era certo que Rodric já tinha caminhado inúmeras vezes lado a lado com o ribeiro da sua vila, só que nunca o tinha acompanhado até à sua foz. E era para lá que se encaminhava.

— Uau! Tanta água! Já viste aquela extensão de azul? — disse Rodric varrendo a área com a sua mão.

— Já conhecia. Ainda há pouco te contei que já tinha vindo a Nelay. Estou a ver que prestaste muita atenção.

— Pois, podemos ir até lá à frente molhar os pés?

— É mesmo para lá que vamos. A parte de molhar os pés já é opcional. Vai ser giro ver-te caminhar o que falta com os pés cheios de areia.

Rodric apressou o passo, sem saber o que puxava mais por ele, se a fome se a curiosidade de sentir o oceano nos seus pés. Ao seu lado o ribeiro afundava e já não era possível distinguir-se o fundo. O sussurro do ribeiro era completamente abafado pelo ruído de madeira a ranger e água a cair. Foi aí que Rodric viu uma casa como nunca havia visto e teve de parar.

— Rikheart, o que raio é aquilo?

— Aquilo é um moinho de água.

— Como os de vento?

— Tal e qual. Ambos servem para moer o trigo, só que este usa a força da água.

— Isso é genial! O ribeiro é muito mais constante do que o vento. Porque é que não temos disto em Luca?

— Estás a ver a profundidade do ribeiro? Lá em Luca o ribeiro não tem profundidade suficiente para instalar aquelas pás nem força suficiente para as fazer girar. Por isso é que temos tantos moinhos de vento perto da serra, para aproveitarmos os dias de vento ao máximo.

— Eles aqui podem moer o trigo em qualquer dia.

— Certo. Na realidade eles até costumam comprar apenas o trigo e depois usam este moinho para o moer. Sai mais barato do que comprar logo a farinha.

Rodric concordou que era de facto bem pensado. O que o deixou a pensar foi como é que as pessoas que moravam naquela casa conseguiam dormir de noite com todo aquele barulho. Para bem do seu descanso era bom que se tratasse apenas de um armazém.

A brisa que separava os dois amigos era cada vez mais fresca à medida que se aproximavam da aldeia. Brisa essa que trazia consigo um cheiro diferente, diferente do que Rodric conhecia. Era difícil adivinhar a sua composição, embora fosse fácil identificar o cheiro característico da carne do mar a que vulgarmente se chamava peixe. Por cima das suas cabeças o peito branco de uma gaivota brilhava perante os raios de luz que furavam as nuvens. O céu limpo que deixaram em Luca enchera-se de nuvens grandes e fofas como bolas de algodão, só havia uma diferença, a base destas nuvens parecia ter sido cortada pela mais afiada das lâminas. “Cumulus” era como se chamavam e Rodric lembrava-se de os avós lhe dizerem que eram um prenúncio de chuva. Infelizmente os antigos não se costumavam enganar.

Para chegar à outra margem tiveram de atravessar uma ponte de madeira, mais comprida que a de pedra à saída de Luca. Não havia nenhum muro por isso não podia haver portão. Ao passar as primeiras casas assumiram que já podiam dizer que se encontravam em Nelay. Uma casa tinha sempre aspeto de casa, não importava onde estivessem, e as de Nelay não eram exceção. Havia no entanto algumas características que as diferenciavam das de Luca. Para começar todas as casas eram de madeira, telhado incluído. Os telhados eram ligeiramente mais altos que os de Luca mas era preciso observar as casas mais próximas do ribeiro para encontrar a maior diferença. Estas assentavam sobre quatro grandes blocos de pedra. Rodric achou que era como espreitar por baixo de um banco atarracado só que sobre esse banco estava uma casa. Rikheart explicou-lhe que eram assim construídas por causa da proximidade com o ribeiro e para se protegerem das cheias. Quando chovia demasiado ou em dias de tempestade o ribeiro deixava de correr mansinho no seu leito e galgava a terra. Assim a água das cheias passava por baixo da casa, tapava os degraus mas não visitava o interior das casas.

Continuaram a caminhar pela aldeia de madeira à procura de um sítio para almoçar. Seguiam o cheiro do peixe assado tal como o gato cinzento que caminhava de nariz empinado mais à frente. A casa tinha um letreiro que dizia “Sabores do Fundo” e duas portas abertas para trás. À entrada sentavam-se três homens de roupas e rostos gastos, um deles segurando a trela de um cão, que fixava com o corpo tenso o gato que se aproximava. Rikheart avançou e cumprimentou-os ao entrar na taberna. Rodric entrou atrás dele e ouviu um murmúrio a três vozes que julgou corresponder a “b’tarde”.

Era um estabelecimento muito mais pequeno do que a taberna do Lorenzo lá em Luca. Os bancos tocavam-se uns nos outros e as paredes estavam decoradas com artes de pesca, conchas, ouriços e outros animais do fundo do mar. Procuraram com o olhar um lugar vazio e no meio das sete mesas apenas duas estavam livres. Tudo isto fazia a taberna parecer ainda mais pequena do que realmente era.

Rikheart avançou até ao balcão e perguntou se serviam almoços. A mulher de avental confirmou e apontou para uma das mesas vazias. Sentaram-se e depositaram as mochilas debaixo da mesa aos seus pés. A mulher voltou limpando as mãos a um pano encardido que colocou sobre o ombro.

— Gostávamos de almoçar um peixinho fresco, daqueles que tem na grelha.

— Hoje temos sardinhas e carapaus acabadinhos de pescar. A acompanhar servimos batatas e também temos vinho.

A mulher de meia-idade tinha o cabelo escuro apanhado num rabo-de-cavalo. Até agora tinha o rosto mais amigável de toda a aldeia.

— Rodric, o que achas de cada um comer um carapau e depois dividimos outro a meias?

— Parece-me bem, esta caminhada abriu-me o apetite.

— Pelas vossas mochilas diria que estão em viagem, temos também arenque seco se quiserem comprar para levar.

— Vamos pensar nisso enquanto almoçamos.

— Por acaso têm grãos de café para venda? — perguntou Rodric, lembrando-se do plano de viagem de Rikheart.

— De onde é que vocês vieram? — as sobrancelhas da mulher juntaram-se no topo do seu nariz, criando uma cordilheira de rugas.

— Acabámos de sair de Luca — disse Rodric com um sorriso orgulhoso.

— Logo vi, para procurarem café numa aldeia de pescadores só podiam ser loucos — sendo a última palavra cuspidada com desprezo.

Quem não gostasse de um habitante de Luca e o quisesse insultar chamava-lhe “louco”. O nome surgiu em primeiro lugar pela parecença com o nome da vila e em segundo pelos estranhos costumes dos seus habitantes, que os faziam parecer loucos em comparação com os restantes povos. Onde é que já se viu sentar várias pessoas a uma mesa redonda para tomar decisões sobre o destino da vila? Onde é que já se viu sentar um elfo à mesma mesa dos humanos? Só podiam ser loucos.

Rodric corou e abriu a boca para responder mas a sua surpresa foi superior à sua indignação. Isso e a pisadela de Rikheart debaixo da mesa impediram que alguma palavra chegasse a ser proferida. Os restantes clientes da taberna, certamente habitantes de Nelay, olharam discretamente pelo canto do olho o desenrolar dos acontecimentos, expectantes quanto à reação dos loucos ao insulto.

Foi a voz serena de Rikheart que quebrou o pesado silêncio. Era impensável responder na mesma moeda ou em tom de desafio. Teriam de se debater contra todos os clientes, mais os três amigos à porta e a sua fera. Tudo isso para serem escoraçados da aldeia, humilhados e esfomeados.

— Por favor, não preste atenção às perguntas parvas do meu amigo. A florzinha nunca

tinha posto o nariz fora dos muros de Luca e ainda por cima está rabugento com a fome que tem. Por falar nisso, quando é que vem o nosso peixinho?

A mulher virou costas e varreu com o olhar os restantes clientes, sorrindo e abanando a cabeça num gesto de escárnio evidente. Os clientes responderam de igual modo, rindo-se e murmurando entre si.

— O que é que ela disse agora para estarem todos aos cochichos? — perguntou Rodric baixinho sem se voltar.

Rikheart tinha uma vista privilegiada, de frente para o balcão e para as restantes mesas. Limitou-se a responder com o som sibilante de quem quer que a outra pessoa se cale.

— Pois, o que é que foi aquilo debaixo da mesa?

— Não atraias as atenções sobre ti. Pareces uma galinha sem cabeça.

— Eu faço uma pergunta inocente e aquela tipa insulta-me.

— Com essa *pergunta inocente* disseste a toda a gente que és um totó acabadinho de sair de Luca. O que faz de ti um alvo, no mínimo de chacota. Toma atenção às malas. E não estejas tão tenso. Sorri como eu, não lhes mostres fraqueza.

Rodric ainda estava atordoadado. Era difícil sorrir quando a primeira pessoa que conhecia fora de Luca o insultava deliberadamente. Se fosse mais desbocado podia ter respondido à letra e armado uma grande confusão, para si e para o seu amigo. Pensando bem, era possível que Rikheart estivesse certo quando dissera que a sua companhia não iria facilitar a Viagem, antes pelo contrário. De uma coisa tinha a certeza, não podia deixá-los levar a melhor sobre si. Ainda tinha muito que aprender sobre como se comportar fora da vila. Daqui em diante, caminhar seria o menor dos seus problemas.

Os carapaus chegaram ainda a fumar. O prateado das escamas contrastava com o dourado do calor das brasas. Com a fome que tinham não demoraram muito mais tempo a apreciar o peixe e passaram ao ataque. Os restantes clientes já tinham acabado o seu almoço. Alguns terminavam de beber o seu copo de vinho enquanto outros iniciavam um jogo de dados. Os temas de conversa eram variados.

— Lembras-te da Cassandra? Sabes sim, irmã da Cidallia, que foi morar para Iessi-Iessi pouco antes do pai adoecer.

— Ah essa, já estou a ver. Porra, essa desnaturada de merda, tem o pai a morrer e dá à sola — o homem descarregou o seu asco no lançamento dos dados.

— É não é? Então vais gostar de saber a novidade. Como sabes o Luciano tinha três barcos, o “Agonia”, o “Tormenta” e o “Sortudo”. E deixou em testamento um para cada filha.

— Mau, elas são duas como é que deixou um para cada?

— Ai não sabes? Espera lá! Fica sabendo que o nosso Luciano tinha uma bastardinha, pelo menos é o que me disseram. Contaram-me que ele deixou em testamento o “Tormenta” para a filha bastarda, fruto de uma noite bem passada em Luca.

— Olha o Luciano... foi a Luca e fez logo estragos! Para que é que a rapariga quer o barco? Os loucos também sabem pescar?

— O mais provável é venderem-no. Não sei que idade ela terá, mais dia menos dia deve aparecer aí alguém de Luca a perguntar pelo barco.

O segundo homem pegou nos seus dados e lançou-os por cima da mesa. Dos seis dados apenas um mostrava seis pintas e três uma única pinta. O homem voltou a lançar os outros dois.

— Tormenta é o que ela vai ter para vender o barco, já estamos todos servidos de embarcação. E com a idade do barco aquilo só deve servir para a lareira. E quem é que foi a sortuda?

— Adivinha.

— Espero que tenha sido a Cidallia, a coitada merecia, depois de tudo o que fez pelo pai.

— Pois, talvez por isso ele ofereceu-lhe o “Agonia”. Toma! Quatro uns! Agoniza aí!

— Porra! Então mas o gajo vai oferecer o melhor barco que tem àquela fulana que se esteve nas tintas para ele?

— Era esse o seu último desejo, foi o que me contaram — disse enquanto agitava os seis dados na sua mão direita.

— A Cidallia deve estar furiosa!

— Nem imaginas quanto. Sabes que dizem que a Cassandra vem cá inspecionar o barco e que se estiver navegável leva-o para Iessi-Iessi no mesmo dia.

— Debaixo do nariz da irmã?

— Pois essa é a parte gira! Quando ela entrar na aldeia vai haver luta de galinhas pela certa. Então a Cidallia com o feitiosinho dela... era só chegar aqui e levar o barco, não querias mais nada.

— Nesse dia acho que vou estar lá atrás da Cidallia a chamar nomes àquela interesseira — cuspiu para o chão de madeira, falhando por pouco o local húmido e escuro da anterior.

Duas mesas ao lado o assunto era outro mas também ligado às pessoas da terra.



— Quando foi a última vez que viste a mulher do Alfeid?

— Foi... hum, agora que falas nisso não sei.

— Pois, ninguém lhe mete os olhos em cima há dias. Quem lhe meteu a mão em cima foi o Alfeid. Dizem que ele lhe deu um tareão.

— Então? — o homem pousou o seu copo de vinho na mesa.

— Parece que lhe chegou aos ouvidos que a mulher passava muito tempo na padaria. Devia estar a ver se cozia alguma coisa.

— Olha, se é assim, bem feito! Anda um gajo à chuva e ao frio para essas galdérias ficarem na cama, no quentinho, sabe-se lá com quem mais! Enquanto lhe doerem as costas não se mete noutra.

Para uma taberna chamada “Sabores do Fundo” os carapaus estavam bastante bons, deliciosos até. O mesmo não se podia dizer do ambiente.

— Rikheart — aproximou-se um pouco mais e baixou a voz — já reparaste nas conversas desta gente?

— Não estava a tomar atenção. O que tem?

— Um deles acabou de dizer que um tipo espancou a mulher e outro respondeu que era bem feito. Estes gajos são uns bárbaros, são o lodo mais podre do fundo do mar! Juro que não percebo como é que a minha mãe se encantou por alguém desta fossa.

— Pois, mudando de assunto, como estava o teu carapau? — perguntou Rikheart.

— Impecável. E o teu?

— Devia estar melhor do que o teu. Eu vi-a cuspir no teu carapau enquanto o assava, por isso é que perguntei se tinhas gostado.

Rodric engasgou-se com a última batata.

— Calma, calma, estou a gozar! A tua cara foi demais! — Rikheart tentava abafar o seu riso dentro das suas mãos — Fica descansado, eu não a vi a fazer isso... o que não quer dizer que não tenha acontecido. Au!

Desta vez foi Rodric a pisar o pé do amigo. Concordaram que era altura de se fazerem à estrada e Rikheart levou a mão ao bolso das calças e retirou de lá algumas moedas de cobre. Ao chegar ao balcão perguntou o preço do almoço.

— Cinco moedas.

— Cinco? Eu comi um carapau não foi uma truta. Carapau esse que até vinha bastante queimado. Ainda tenho o gosto do carvão na boca — terminou com uma careta.

Rodric reparou que chegara a vez de colocar a dona do estabelecimento no seu lugar. Se era uma ofensa chamar louco a um habitante de Luca, era igualmente ultrajante questionar as qualidades de um grelhador ao dizer que o peixe estava queimado.

— Ai o peixe estava queimado era? Não sei porque é que não o deixaste no prato.

— Por princípio não deito comida fora. Por muito má que ela seja — acrescentou após uma pausa constrangedora — Aqui tem quatro moedas, sabe muito bem que esse é o preço justo do peixe que vendeu. E pode ficar com o seu arenque seco.

— Fora! — berrou enquanto apontava com um dedo fino a direção da porta.

Os clientes fulminaram-nos com o olhar enquanto Rikheart saía de forma altiva e Rodric seguia atrás a contar o número de pregos do chão. Ainda ouviu um comentário de um dos três homens que continuavam sentados à entrada.

— Estes loucos devem achar que o peixe cai do céu — e uma escarra gutural marcou o final da frase.

— Rodric, ainda queres ir ver o cais e molhar os pezinhos na água?

O céu estava completamente cerrado de nuvens e a luz escassa já não iluminava a água da mesma maneira. Independentemente do estado do tempo, a cara de Rodric não deixava dúvidas. Mesmo assim fez questão de verbalizar o que sentia, demasiado alto para ser apenas para os ouvidos de Rikheart.

— Eu não passo nem mais um minuto neste desterro miserável.

\* \* \*

Os dois amigos voltaram a atravessar a ponte de madeira, agora no sentido inverso, e continuaram em frente pela estrada, contornando o atalho que os havia trazido até Nelay. Caminharam em silêncio até chegarem à boca da Serpente. A península onde se encontrava Luca e Nelay era percorrida de norte a sul por uma serra que quase dividia a terra em duas partes isoladas. No entanto a serra começava um pouco depois do pedaço de terra que ligava a península ao continente, permitindo assim a travessia de pessoas do continente para a península e entre os dois lados da serra. Pelo seu comprimento e forma a serra ganhou a alcunha de “Serpente”. A sul, a serra entrava mar adentro, cada vez mais baixa, até ficar totalmente submersa. Eram vários os barcos que arranhavam o casco ou que encalhavam, por desconhecem a zona e navegarem demasiado perto da cauda da Serpente. A norte, onde a rocha se erguia para formar a serra, havia uma gruta, larga e profunda como a boca de um xarroco, que se dizia ser a boca da Serpente. O local onde pararam tinha uma vista desimpedida para essa caverna.

— É ali que vamos passar a noite?

— Seria um bom abrigo da chuva que se aproxima—

— Mas é demasiado sinistro para lá ficarmos — completou Rodric.

— Eu quero lá saber do sinistro. O que me faz hesitar é que por um lado aquela gruta é provavelmente o melhor abrigo que vamos encontrar no caminho até Iessi-Iessi, só que por outro, se ficarmos aqui inutilizamos o resto do dia e ainda temos pelo menos mais duas horas até o sol se por... ou a chuva cair, o que quer que aconteça primeiro.

— E se ficarmos e acordarmos mais cedo amanhã?

— Depois vais ter de andar mais até poderes almoçar. Além disso, se tudo correr bem, vais ter de trabalhar nos pomares de Iessi-Iessi para poderes almoçar. Por isso eu diria que é melhor reduzirmos ao mínimo a caminhada antes do almoço.

Uma mancha negra precipitou-se de um ramo até ao chão. Rodric não conseguiu distinguir o que era. Percebeu que se tratava de uma ave, depois de reparar no seu rabo em leque, enquanto saltitava por entre as ervas. Durante alguns instantes observou a cabeça da ave a bicar o chão. Quando voltou a erguer a cabeça pode ver uma longa minhoca pender do bico alaranjado de um melro. Só então a ave reparou em Rodric e correu apressadamente de cabeça baixa até que levantou voo e soltou três piares. Típico.

— Afinal quanto é que nos falta para chegar a Iessi-Iessi?

— Só devemos chegar ao final do dia de amanhã. Vamos ter de acelerar o passo para estarmos nos pomares antes da hora de almoço e negociarmos a refeição com o dono da quinta.

— Então e como fazemos com a dormida de hoje?

— Por mim continuamos e mantemos o olhar atento em busca de cavernas ou qualquer coisa que nos abrigue do tempo. Da maneira que está o... ah já sei! — um sorriso iluminou a cara de Rikheart.

— Diz diz!

— Acho que o Saturnino uma vez falou-me que havia uma anta algures na junção das estradas de Luca, Valanoi e Iessi-Iessi. Se a encontrarmos era o local perfeito para passar a noite!

— Ainda bem que foste tu a lembrar-te disso, senão ainda diziam que eu te tinha ajudado.

Rikheart estava claramente entusiasmado com esta nova esperança. Rodric também, de certa forma. Não havia dúvida que, tendo em conta o estado do tempo, dormir debaixo de um teto era extremamente positivo. Mesmo que esse teto fosse um enorme pedregulho e pesasse centenas de quilos. O problema é que enquanto andou na escola ouviu dizer que as antas não eram abrigos construídos pelos antepassados mas sim sepulturas. Dormir dentro de uma podia irritar o espírito do sepultado, o que

significava má sorte durante sete noites. Havia inclusive relatos de pessoas que diziam ter acordado a vários metros de distância da anta onde pernoitaram, uma prova clara de que durante a noite estiveram possuídos pelo espírito da sepultura.

Tendo as pernas recuperado, fizeram-se novamente ao caminho. O ar tornava-se cada vez mais húmido. Por cima das suas cabeças as nuvens acotovelavam-se umas às outras e ocasionalmente ouvia-se um trovão abafado. À sua frente, a terra estreitava. Não muito longe avistavam-se as ondas do oceano galgando a costa, tanto à direita como à esquerda. Caminhavam os últimos passos na península de Luca. Rikheart já tinha feito patrulhas a cavalo com os seus professores por toda a península, incluindo o outro lado da serra. Mas nenhum aluno tinham autorização para se afastar até ao continente. Isso estava reservado para as suas Viagens. E o que dizer de Rodric? E pensar que ainda de madrugada estavam na sua vila. A partir dali era terreno desconhecido para ambos.

Tinham alcançado o continente. O estreito terminou e a terra alargou em ambas as direções. À sua direita a costa continuava num traço dourado de areia sem brilho. Num dia limpo, a areia reluzia enquanto abraçava os pés e ao longe era possível reparar em pequenos triângulos brancos, as velas dos barcos de Iessi-Iessi, que contrastavam contra o azul do céu. Do lado esquerdo avistavam-se as primeiras árvores da Floresta do Silêncio. Olhando na direção do oceano, bem lá longe, devia ser possível avistar os cumes d’As Três Irmãs, mas com o dia que estava não conseguiam ver nada através da neblina.

Marcharam, caminharam, andaram. Apesar de todas as pausas, as pernas de ambos começavam a acusar o esforço a que foram submetidas durante todo o dia. Na beira da estrada viram um poste de madeira com uma tabuleta em forma de seta que dizia “Luca”. Mais uns passos e a estrada que seguiam dividiu-se em duas. Outras tabuletas apontavam a direção de “Valanoi” e “Iessi-Iessi”. Conseguiram chegar ao cruzamento, a meta da primeira jornada. Já não era sem tempo. Como é que iriam aguentar estas jornadas dia após dia?

— Chegámos — disse Rikheart com uma voz entusiasta que contrastava com a prostração do seu tronco.

Rodric respondeu com um urro vitorioso. Já estava deitado no chão, de pernas e braços abertos. Todo o corpo gritava. Os pés estavam em brasa, os joelhos doridos, as pernas em formigueiro, as mãos inchadas, os ombros tensos. Mesmo deitado o seu corpo ainda parecia estar em movimento, tal eram as suas tonturas. Finalmente os seus músculos podiam descansar, sentia-se leve, sem peso até. Estremeceu quando uma gota de água lhe atingiu a cara.

— Está quieto Rikheart. Estou tão bem assim.

— Diz?

A voz de Rikheart estava longe, demasiado longe para a água ter sido obra dele. Outra

gota, agora no braço. Abriu os olhos e levantou-se. Rikheart tinha deixado a mochila ao seu lado e examinava a orla da floresta em busca de qualquer coisa. Outra gota. Estava a começar a chover e ainda nem sequer tinham um abrigo. Aparentemente Rikheart estava a tratar do assunto. Cheio de remorsos, Rodric levantou-se num ápice e pegou nas duas mochilas. Tentou correr mas as suas pernas não lhe obedeceram. Concordou que o melhor seria limitar-se a andar em passo acelerado.

— Desculpa, já cá estou. O que procuras?

— Bem-vinda, bela adormecida. Procuro um príncipe encantado digno dos seus valores — Rikheart falava enquanto varria a floresta com o seu olhar.

— Desculpa mais uma vez, tens razão, é que eu estava tão cansado que quando—

— Não faz mal, eu percebi. Não te chamei porque, como sabes, não és obrigado a ajudar-me. Já que perguntas, estou a procurar a anta que o Saturnino falou, ou outro sítio qualquer onde possamos passar a noite — Rikheart suspirou sonoramente — Faz-me um favor, apanha vegetação que nos sirva de telhado. Quando mais largas e verdes forem as folhas melhor.

Rodric entregou a mochila de Rikheart e colocou a sua às costas. Agora que tinha as mãos livres começou à procura de algo que pudesse protegê-los da chuva. Era difícil encontrar folhas largas naquele tipo de floresta. As folhas que encontra ora eram demasiado finas ou demasiado pequenas. Não se ia safar assim. Voltou atrás e entrou dentro da floresta à procura de ramos ou arbustos com folhagem suficiente para desviar a água da chuva. Encontrou alguns ramos caídos, sem dúvida quebrados à árvore durante uma tempestade, que ainda continham as folhas agarradas. Passou por um arbusto denso e cortou mais alguns ramos com o seu punhal. Foi aí que ouviu o mais desejava ouvir naquele momento.

— Encontrei! Encontrei!

Rodric pegou em todos os troncos que havia recolhido e segurou-os junto ao peito. Saiu da floresta em direção à estrada e olhou em redor. Passou um momento até que Rikheart surgiu e lhe acenou extasiado. Rodric arrastou-se mas com um sorriso nos lábios. Sabia perfeitamente que Rikheart não tinha encontrado um colchão de penas ou um cobertor quentinho. Era suficiente saber que não passaria a noite ensopado até aos ossos. Por falar em ossos... Rodric abanou a cabeça para afastar um pensamento e as gotas de água na sua cara deslizaram pelo seu pescoço causando um arrepio. Se não se despachassem ainda ficavam doentes.

Rikheart estava no mesmo estado — com a roupa colada ao corpo e um sorriso que se alargou ao ver a quantidade de folhagem que Rodric tinha conseguido encontrar. Rikheart seguiu à frente para mostrar onde ficava a anta. O caminho não tinha ervas pelo que Rodric assumiu que fosse um local frequentado por outros viajantes. E no meio de uma clareira lá estava ela — duas pedras verticais e um rochedo massivo e redondo serviam de base a uma lage fina e lisa.

— Deita os ramos para o chão e tira a mochila. Vamos abrigá-las debaixo da pedra e depois tapamos os buracos com os ramos.

Assim fizeram. Dos intervalos deixados pela junção entre os vários rochedos e a lage superior, preencheram apenas aqueles que ficavam diretamente por cima do sítio onde iam dormir. Caso chovesse com mais intensidade podiam apertar-se contra um dos lados da anta e passar a noite sem se molharem muito mais do que já estavam. Esse seria outro problema. Uma vez que o chão era de terra, e molhados como estavam, as suas roupas e os seus corpos iam ficar todos enlameados. De manhã teriam de encontrar um local para tomar banho e lavar as suas roupas.

Terminaram a tempo de se abrigarem da chuva que caía agora copiosamente. A água que pingava da lage superior escorria rapidamente e afastava-se da entrada da anta. Felizmente, quem quer que a tenha construído lembrou-se de a fazer num pequeno monte. Lá dentro estava ainda mais escuro e mal conseguiam ver as suas mochilas. Tiveram de retirar o seu jantar às apalpadelas. Com muito cuidado usaram os seus punhais para fatiar o queijo e não os dedos.

— Ainda bem que conseguiste encontrar a anta Rikheart.

— Não percebi, tens de falar mais alto.

Apesar de não conseguirem ver a chuva, ouviam o som de milhares de gotas a precipitarem-se sobre a lage acima das suas cabeças. Os ramos que usaram para preencher os intervalos dos rochedos faziam o que podiam mas a chuva era muita e já começa a escorrer pela superfície rochosa para dentro da anta.

— Estava a dizer, ainda bem que encontraste a anta!

— O Saturnino tinha-me dado a dica e não acreditei que o dissesse apenas para me despistar. Como vês, é uma construção muito útil para viajantes como nós.

— Salvou-nos o pelo! — disse virando-se na direção de onde provinha o som — Não havia aqui árvores densas o suficiente para nos abrigar da chuva. E da maneira que ela está a cair não íamos conseguir pregar olho durante a noite, além de ficarmos ensopados.

— Não garanto que não fiquemos ensopados na mesma. Imagina a força que foi precisa fazer para trazer estes rochedos até aqui e empilhar esta lage.

— O sítio nem sequer é amplo o suficiente para uma junta de bois conseguir passar!

— Quem é que te diz que estas árvores já cá estavam quando eles ergueram a anta?

Rodric ficou-se em silêncio. Realmente, há quanto tempo é que aquilo estaria ali? Se não existiam árvores, e elas atualmente eram tão altas, devia ter sido há muito, muito tempo. Entretanto lembrou-se de outra coisa.

- Por acaso o Saturnino não te falou de nenhum ribeiro aqui perto, não?
- Não, mas acho que existe um no meio da floresta — Rikheart trincou um pero.
- Pois eu também me lembro dos sábios falarem num ribeiro que atravessava a Floresta do Silêncio só que não faço ideia de onde fica em relação a onde estamos.
- E para que querias o ribeiro? Ainda temos água suficiente nos nossos cantis.
- Para tomarmos banho e lavarmos a nossa roupa. É que com esta roupa molhada vamos acordar todos cobertos de terra e lama.
- Tens bom remédio, não te mexas durante a noite. Nem sabemos a direção do ribeiro, iríamos demorar horas até o encontrar. Acho que mais vale darmos uso à muda de roupa que trouxemos. Até pode ser que o dono do pomar conheça um sítio para lavarmos o corpo e as roupas.
- Certo. Falta mais alguma coisa?
- Agora só falta dormir, ou melhor, descansar.
- Nesse caso, boa noite Rikheart.
- Noite.

Rodric arrumou o queijo novamente na mochila e atirou o pêro roído pela abertura da anta. Depois empurrou tudo o que não fosse roupa para um lado da mochila e a roupa para o outro. Puxou o lado da roupa para junto de si e alisou-o. Finalmente deitou a cabeça por cima.

— Olha, para não me dares um pontapé na cabeça durante a noite, os pés ficam virados para a abertura da anta.

— Boa ideia.

Rodric ouviu Rikheart mexer-se ao seu lado e fazer o mesmo com a sua mochila. Lembrou-se que nunca tinha dormido ao lado de ninguém. Será que o Rikheart ressonava? Ou será que ele próprio ressonava? Pior, será que ele falava de noite? Que coisas embaraçosas seria capaz de dizer enquanto sonhava? Hoje não era a noite certa para sonhar com a elfo.

Finalmente a chuva havia abrandado e o barulho da água a escorrer pelas paredes parado. No entanto parte do chão ficara ensopada e Rodric teve de desviar a sua mochila às apalpadelas. Antes de voltar a deitar-se pareceu-lhe ver alguma coisa no meio da escuridão. Parou e observou com mais atenção. No meio do negrume pareceu-lhe ver um ponto luminoso. Seria apenas impressão sua?

Rodric debruçou-se sobre os joelhos, com os braços à volta das pernas. Estava o mais

imóvel possível para poder focar com exatidão o que se passava à sua frente. Agora tinha a certeza — era de facto uma luz, tremeluzente e de tonalidade azul.

— Oh não.

Se Rodric já tinha frio com a sua roupa encharcada, gelou quando percebeu que essa luz se movia. A luz parecia avançar e recuar mas era certo que vinha na sua direção. Primeiro aproximava-se e depois recuava lentamente, voltava a aproximar-se mais do que anteriormente e para depois recuar novamente. Só que neste jogo de avanços e recuos, a luz ficava cada vez mais próxima. De tal forma que Rodric já conseguia distinguir que a luz era na realidade uma bola de fogo azul.

Imediatamente vieram-lhe à memória todas as histórias, mitos e lendas sobre antas, sepulturas, espíritos e maldições. Ao pernoitarem na anta haviam perturbado o espírito do falecido, que vinha agora atormentá-los e expulsá-los no melhor dos casos. Rodric abanou o corpo de Rikheart, pois não conseguia perceber se este já dormia.

— Rikheart acorda, acorda já. Vem uma bola de fogo azul na nossa direção. Saca da espada, o que fazemos?

Rodric pegou no seu pequeno punhal e ouviu Rikheart remexer o seu cinto e desembainhar a espada. O que esperavam eles, com dois pedaços de metal, fazer a um espírito flamejante?

— Espírito, fica onde estás — disse Rodric com a voz a tremer — Só entrámos na tua sepultura para nos abrigarmos da chuva e passarmos a noite. Se é tua vontade que abandonemos o local assim faremos, desde que não nos faças mal!

A chama parou. Rodric olhou para o lado e conseguiu ver a cara de Rikheart iluminada pelo brilho da chama. Estava tão horrorizado quanto ele. Uma coisa era combater o mundo físico e nisso Rikheart era o mais destemido. Outra coisa totalmente distinta era fazer frente a um ser do mundo espiritual, sem qualquer conhecimento, experiência ou poder místico para lutar de igual para igual. Isso era trabalho para os feiticeiros. Os cavaleiros sabiam muito bem que numa batalha deviam evitá-los a todo o custo porque eles acabavam sempre por ganhar.

Depois ouviu-se uma voz feminina.

— Quem são vocês?

Não era a voz fria e arrastada, ecoando pela escuridão, que Rodric esperava. Era uma voz jovem mas o seu tom era rígido como a rocha por cima das suas cabeças. A luz aproximou-se de forma inquisidora, iluminando os seus rostos e projetando sombras azuis no interior da anta.

— Eu sou o Rodric e este é o meu amigo Rikheart. Somos apenas viajantes de Luca!



Após um momento de silêncio, a luz recuou ao mesmo tempo que subia desenhando no ar a forma de um arco. Parou no ponto mais elevado desse arco e iluminou a área imediatamente abaixo. Na realidade a chama brotava do topo de um bastão, segurado no centro por uma mão. Essa mão pertencia certamente à rapariga que falou. Envolvida numa capa escura e com a cabeça encapuzada, pouco deixava ver além dos seus olhos brilhantes e desconfiados.

— Luca, dizes tu? Hum... é para lá que vou.

— E tu és... quem?

— Fica descansado, não sou um espírito como dizias.

Rodric sorriu nervosamente. Podia não ser um espírito mas para ter uma bola de chamas no topo de um bastão também não devia ser um humano comum. Como nem ele nem Rikheart falaram, a rapariga continuou.

— Pronto, chamo-me Roxy. Podem recolher as vossas espadas.

Rodric já nem se lembrava que ainda segurava o seu punhal. Apressou-se a prendê-lo novamente ao cinto. Rikheart ainda não estava convencido e mantinha a sua espada levantada.

— Roxy? O que procuras em Luca?

— Procuro o sábio Yalideu, devem conhecê-lo — Rikheart relaxou o braço ao reconhecer o nome — Vou perguntar-lhe se conhece o paradeiro do meu mestre Kinnosis. Alguma vez ouviram falar dele? Pena. Luca é a minha última esperança.

— De onde vens? — perguntou Rodric.

— De longe.

— Se queres que confiemos em ti, tens de confiar em nós.

— Podias ter inventado uma terra qualquer, não teríamos forma de confirmar — acrescentou Rikheart, ajeitando a espada na sua mão.

— Como queiram, nesse caso dir-vos-ei a verdade. Venho de Lanakuv.

Rodric recuou, inspirando sonoramente, enquanto Rikheart voltou a elevar a espada, fazendo uma careta como se tivesse cheirado um ovo podre. Depois, para espanto do seu amigo, embainhou a espada sem uma palavra. Roxy agradeceu fazendo uma pequena vénia.

— Agora que já nos apresentámos vão-me deixar entrar?

— Sim entra — disse Rikheart encostando-se à parede rochosa e cedendo passagem — com os teus poderes se quisesse fazer-nos mal já o terias feito num piscar de olhos.

Como o meu amigo disse somos meros viajantes e só queremos seguir o nosso caminho.

— Relaxem, eu não gosto de Lanakuv, foi por isso que fugi de lá.

Ela entrou dentro da anta, encostando o bastão à parede do fundo, não sem antes passar a mão perto da chama e separá-la do topo do bastão. A chama pairava agora no ar, como se tratasse de uma pequena fogueira voadora, iluminando o interior da anta. Rikheart e Rodric encostaram-se a um dos lados e deixaram a rapariga instalar-se confortavelmente no chão duro. Rodric estava prestes a perguntar-lhe como é que a sua capa não estava ensopada e a pingar água por todas as pontas mas conteve-se. Viu-a passar a mão sobre a terra enlameada que deixou de ser lama escura para se tornar apenas terra empoeirada. Enquanto isso, debaixo da sua mão, uma bolha de água formava-se e aumentava de tamanho. Depois, com um gesto rápido da mão na direção da entrada, forçou a bola de água num fio estreito que desapareceu na escuridão. As perguntas surgiam na mente de Rodric em catadupa, no entanto foi Roxy quem perguntou.

— Sendo vocês de Luca que conselhos me dão para lá chegar?

— Não tem muito que saber, é só manteres-te nos caminhos de terra e seguir as setas. Se fores rápida o suficiente podes seguir daqui diretamente para Luca, caso contrário podes fazer uma paragem em Nelay para reabastecer.

— Acho que a Roxy não vai querer passar em Nelay. Fomos lá almoçar e a dona da taberna insultou-nos assim que soube que éramos de Luca. Se eles tratam assim dois clientes da aldeia vizinha quando te virem... eu se fosse a ti evitava — Rodric mudou de assunto — O que devias mesmo visitar é o buraco de Luca, é maravilhoso, além disso é sagrado.

— Eu conheço a lenda, o meu mestre contou-ma. Mas eu não vou a Luca em turismo, a minha prioridade é mesmo falar com o vosso sábio.

Rodric calou-se. À luz da chama reparou que Roxy não estava minimamente molhada. Na realidade a sua capa estava repleta de pequenas esferas cintilantes que Rodric assumiu serem feitas de água, pela forma como rolavam pelo tecido de cada vez que ela se mexia até caírem e escurecerem o chão.

— Ainda ontem o Yalideu esteve reunido no conselho da nossa vila. Ele costuma passar alguns dias na vila antes de ir à sua vida mas nunca se sabe. O melhor mesmo é partires amanhã cedo, assim deves conseguir encontrá-lo na vila ou no caminho. Até lá... confiamos em ti.

— Não se preocupem. Nesse caso é melhor deitar-me. Boas noites.

Roxy deitou-se e a chama desfez-se em pequenas labaredas até desaparecer por completo. Rodric nunca tinha visto um feiticeiro. Em pouquíssimo tempo esta

estranha que acabara de conhecer já relevava um grande domínio da arte. Do que mais seria ela capaz? Além disso ela admitira ser de Lanakuv. Havia sempre a hipótese de acordarem sem as mochilas ou sem vida. Rikheart estava certo, teriam de confiar nela durante a noite. Provavelmente ela estaria a pensar o mesmo. Afinal de contas ela era uma feiticeira muito mais poderosa do que eles. Ela nem precisava de partilhar a anta com eles, com um gesto da sua mão já os teria incendiado ou arremessado para longe. No meio de nenhures, sem testemunhas, nem guardas... se ela lhes quisesse fazer mal já o teria feito, certo? Certo?

Rodric acordou com o chilreio matinal. Começou por abrir um olho e logo um raio de luz dourada o ofuscou. Esfregou os olhos e ergueu o tronco com a ajuda dos braços, reparando que o seu amigo já se tinha levantado, bem como Roxy. Levantou-se e espreguiçou-se o melhor que conseguiu. Os músculos das suas costas gritaram em unísono a sua insatisfação por terem dormido na superfície mais rija que alguma vez haviam conhecido. Cambaleando, Rodric saiu da anta.

Por entre as árvores observou o sol amarelo e os seus raios que ziguezagueavam por entre os troncos das árvores, muito diferente do sol branco e brilhante que conhecia. Então isto é que era o nascer do sol. Rodric nunca teve a oportunidade de assistir a um, pois a serra que ladeava a vila ocultava o astro até este se encontrar alto no firmamento. Este sol não queimava os olhos, era até hipnotizante. A voz de Rikheart quebrou o seu transe.

— Bom dia. Toca a despachar.

— Bom dia. O que é feito da Roxy?

— Não sei — encolheu os ombros — quando eu acordei ela já não estava aqui. Deve ter saído mais cedo para apanhar o Yalideu ainda na vila.

— Certo. Deixa-me só trocar de roupa e estou pronto.

— Estou à espera.

Rodric regressou à anta e retirou da mochila a muda de roupa sobressalente. Olhou por cima do ombro e viu que Rikheart estava distraído a comer qualquer coisa da sua mochila. Aproveitou o momento e apressou-se a despir-se. Ao vestir-se prendeu o pé nas calças, perdendo o equilíbrio. Valeram-lhe os seus reflexos, que lhe permitiram segurar-se à parede da anta a tempo de evitar beijar a terra com a sua cara. Enrolou a roupa enlameada e colocou-a no fundo da mochila. Durante a noite o tecido teve tempo de secar e agora não era mais do que poeira e terra. Cheio de sorte. Colocou a comida por cima embrulhada num pano e aproveitou para retirar um pêro.

— Estás despachado? Ótimo. Prepara-te que hoje vai ser puxado — disse Rikheart

depositando a mão no ombro de Rodric.

Se Rikheart dizia que era puxado então ia ser arrasador. Começaram por apanhar a estrada e regressar ao cruzamento do dia anterior. Depois continuaram caminho na direção da seta que dizia Iessi-Iessi. A estrada ainda estava molhada da chuvada. A estrada era feita principalmente de pequenos cascalhos e por isso não havia lama. Nalguns sítios, no entanto, a terra havia deslizado e escorrido para as bordas formando pequenos vales na sua passagem.

Depois do dia nublado e da noite de temporal, a manhã de hoje era de céu limpo e azul forte. Rodric arriscava-se a dizer que este céu era ainda mais azul do que o de Luca. Na realidade o dia estava muito melhor que o de ontem. Provavelmente devido à chuva, a poeira que havia no ar assentou, e para onde quer que olhasse tudo estava nítido e vibrante. Lá bem ao longe ainda se viam as nuvens da chuva, altas e brancas como claras de ovos batidas em castelo. O ar cheirava a terra molhada e a pasto.

Os campos daquela zona eram bastante diferentes dos da sua península. Enquanto em Luca os campos estavam preenchidos de erva densa e alta aqui a erva era muito mais rasteira e fina. Do lado esquerdo da estrada praticamente não havia árvores. Pequenos arbustos manchavam de verde a planície dourada que se estendia até ao horizonte. No limite do horizonte distinguiam-se uns cumes cinzentos e pequeninos. Rodric sabia que era apenas uma ilusão, na realidade esses cumes faziam parte da cordilheira Twa Dwet. A planície que avistava chamava-se Planície do Silêncio, quer pela sua desolação e quer pela floresta com o mesmo nome que lhe fazia fronteira. Talvez em tempos remotos toda aquela área formasse uma única floresta, que com o desenvolvimento humano foi sendo debastada e cortada cada vez mais. À direita da estrada essas árvores ainda existiam, principalmente sobreiros, azinheiras e oliveiras.

Quanto mais andavam maior era o número de azinheiras. Deviam estar cada vez mais perto do tal pomar. Também estavam visivelmente mais perto de uma das três pontas de Twa Dwet. Esse era o nome dado à cordilheira das quatro serras. Duas serras erguiam-se da Planície do Silêncio e as outras começavam na vila de Binuin e continuavam lado a lado rio acima. As quatro serras convergiam num pico que só era superado pela montanha de Picardil, e depois continuavam sobre a forma de uma única serra até se afundar dentro do oceano, tal como a cauda da Serpente de Luca. Foi isto que Rodric aprendeu com os sábios e Rikheart contou-lhe que era no pico de Twa Dwet que viviam os anões. Teriam tempo de lá chegar.

Pouco depois da segunda pausa, as azinheiras deram lugar às oliveiras. Da estrada parecia que o olival se estendia até à água que cintilava lá longe. As árvores estavam dispostas em linhas e espaçadas de forma regular. Não restava dúvidas que ali havia mão humana. Por entre as folhas dos seus ramos viam-se pequenos botões brancos, dali por um ou dois meses seria bonito ver toda aquela extensão florida.

Mais à frente as oliveiras deram lugar a macieiras e estavam carregadas de frutos

vermelhos. A estrada continuava em frente mas um pequeno desvio à direita levava a um portão sem porta. Era assim mesmo. Havia um pequeno muro de pedra, um de cada lado do desvio. Esse muro não continuava, cercando a propriedade — não era preciso. Esse muro não tinha um portão de madeira ou de ferro, protegendo a propriedade — não era preciso. O objetivo não era vedar, nem proibir a entrada. Simplesmente pretendia marcar o início de uma propriedade com dono e anunciar que qualquer pessoa era bem recebida. Se não fosse, haveria outros meios de a fazer sair, Rodric reparou num deles. Presos a um poste no chão, dois cães pretos e brancos sentados sobre as patas traseiras fitavam-nos atentamente.

— Parece ser o sítio, embora seja muito maior do que eu tinha pensado.

— Não nos vai faltar trabalho. E eu que já comia qualquer coisa...

— Vamos ter de aguentar.

— Devemos entrar ou chamamos pelo dono?

— Sim, entramos. Não te preocupes, eles vão chamar por nós.

O desvio que saía da estrada terminava no muro e continuava propriedade adentro em terra batida. Entraram olhando em redor. Rikheart tinha razão, a propriedade era muito maior do que estavam à espera. Era mais do que um simples pomar. Do lado esquerdo havia mais árvores de fruto, pareciam ser romãzeiras, e ao longe parecia haver uma horta ao lado de um moinho de tirar água. Era uma verdadeira fazenda, de fazer inveja às quintas e hortas de Luca.

Rodric observou melhor os cães. Eram iguais aos que eram usados em Luca para guardar e encaminhar rebanhos, principalmente de ovelhas. Assim que passaram à sua frente, ambos começaram a ladrar. Não era um ladrar raivoso, nem se deram ao trabalho de se levantarem ou de se aproximarem. Simplesmente ladravam para avisar o seu dono que havia convidados. Rikheart decidiu parar e esperar que o caseiro ou o dono da fazenda aparecesse. Os cães fizeram o mesmo.

À beira do caminho havia umas dunas de terra. O estranho é que estes montes pareciam ter uma porta. Rodric afastou-se dos cães e aproximou-se das macieiras para poder observar os montes de terra floridos. Tinha razão, havia mesmo uma porta! À primeira vista a fachada era o de uma casa normal: parede de pedra, porta de madeira, janela de vidro. Era uma casa baixinha, entre a altura da porta e o início do telhado não ia muito. Só que no lugar onde devia estar o telhado, fosse ele feito de telha ou de pedra ou de madeira ou de palha, não havia nada disso. Havia sim um tapete verde de terra florida. Era como se a terra do chão que caminhavam tivesse engolido as casas há décadas.

— Tu já viste que as casas deles estão dentro da terra?

— Isso aí é uma casa?

Rikheart foi ter com o seu amigo e olhou na mesma direção. Pasmou-se.

— Tem uma porta e uma janela, está é tudo coberto por terra. Fazes ideia porquê?

— Não faço ideia, mas olha! Está alguém a sair de lá. Vamos ter oportunidade de lhe perguntar porquê.

De trás da porta saiu um homem entroncado com uma camisa larga de mangas arregaçadas. Por cima das calças trazia um par possante de botas de cabedal que subiam até ao joelho. Segurava o punho da espada que trazia à cintura. Vinha investigar quem despertara os cães e precisava estar preparado para qualquer tipo de pessoa. Rikheart acenou e cumprimentou o homem à distância. O homem fechou a porta da casa e, antes de se aproximar do par de visitantes, foi até junto dos cães. Reparando que Rikheart trazia uma espada à cintura, pediu-lhe que a atirasse para o chão e que ficasse quieto. Rikheart obedeceu e Rodric fez o mesmo com o seu punhal.

O homem assentiu com a cabeça e soltou os cães. Rodric deu um passo atrás e olhou na direção do punhal. Rikheart pediu-lhe que ficasse quieto, dizendo-lhe que não tinha nada a temer. Os cães correram imediatamente para junto dos estranhos e começaram a farejá-los freneticamente. Rodric e Rikheart mantiveram-se imóveis enquanto eram inspecionados. O homem deixou os cães terminarem e voltarem para junto de si antes de se aproximar. Tanto a sua testa como os cantos dos seus olhos escuros tinham algumas rugas superficiais. O seu cabelo castanho estava apanhado atrás num rabo-de-cavalo. Os seus lábios estavam parcialmente ocultos por uma barba encaracolada e tão densa que lhe ocultava a pele. Eram visíveis algumas pinceladas de branco no queixo.

— Bom dia, chamo-me Dinari e sou o responsável pela fazenda.

— Muito bom dia, senhor Dinari — disse Rikheart esticando a mão — Eu sou o Rikheart e este é o meu amigo Rodric. Somos viajantes de Luca e gostaríamos de saber se em troca de trabalho nos poderia arranjar almoço.

— Luca? Gente honesta então. Queiram desculpar as boas-vindas mas precisava de me certificar. Sim, sim, há sempre trabalho para boa gente nesta fazenda. Se não se importam eu levo as vossas armas.

— Aqui estão. Obrigado por nos receber.

Dinari deixou os cães à solta embora estes tenham voltado às suas posições de vigia. De seguida entrou rapidamente dentro da sua casa para deixar as armas. Rikheart pediu para guardar também as suas mochilas e Dinari assim fez. Ao fim de tanto tempo a caminhar era reconfortante poder relaxar por momentos os ombros cansados. Tinham de recuperar a tempo de trabalhar na fazenda.

— Senhor Dinari, desculpe a pergunta — disse Rodric — mas nunca vimos uma casa como a sua, com o telhado coberto de terra e vegetação. Podia explicar-nos porque é

que a fizeram assim?

— Sim, sim. Esta fazenda faz fronteira com a árida Planície do Silêncio e com o tempestuoso oceano. Por isso, no verão o ar é muito quente e no inverno o vento torna-se húmido e gelado — Dinari fez-lhes sinal para o acompanharem — Ao cobrirmos as nossas casas com terra estamos a isolá-las do exterior. Assim, faça calor, faça frio, a temperatura dentro da casa mantém-se amena. Além disso, hão-de concordar que ficam lindas.

— São maravilhosas!

— Eu adoro o campo e a natureza, gosto de estar rodeado dela. Não podia pedir mais do que a vida que tenho. Bom, e vocês por umas horas também vão ter essa oportunidade.

Virou à direita contornado as macieiras que viram da estrada. Um corredor comprido cortava o pomar em dois. Algures no meio, elevando-se acima das copas das árvores, um moinho de metal girava. Entre as árvores era possível observar outras pessoas a apanhar fruta do chão e dos ramos.

— Chegaram em boa altura. Como devem ter reparado as nossas macieiras estão carregadinhas. Ali estão as pipas onde devem colocar as maçãs. Não as atirem lá para dentro ou vão acabar por apodrecer e contaminar as outras. As que estiverem podres metem para dentro deste alguidar, depois vão para os animais.

Dinari levou consigo uma caixa de madeira e pediu aos dois moços para fazerem o mesmo. Começou por apanhar algumas maçãs que estavam caídas no chão. As que estavam boas colocava no fundo da caixa, as que estavam podres ou com sinais de terem bicho atirava-as para dentro do alguidar que tinha mencionado. Depois usou um pequeno banco de madeira para subir a uma ramo e explicar que só deviam apanhar as que estavam totalmente vermelhas ou quase. Não valia a pena apanhá-las ácidas e antes do tempo.

— Pronto, agora é continuarem. Daqui por uma hora cada um de vocês deverá ter pelo menos duas caixas cheias. Em troca dou-vos 10 maçãs a cada um. Usem as duas mãos com genica. Concentrem-se numa árvore de cada vez, não passem à próxima até a anterior estar limpa, ramos e chão. Deixem estar os ramos mais altos, não vale o trabalho, elas acabam por cair. Ah, e se tiverem sede têm ali água do furo. Se precisarem de alguma coisa falem com os vossos colegas ou mandem-me chamar. Bom trabalho — despediu-se com uma mão no ombro de cada um dos rapazes.

Era um pagamento razoável por uma simples hora de trabalho. Se não estivessem tão cansados da viagem até à fazenda seria uma brincadeira. Rodric deu a sugestão de começarem por colher as maçãs nos ramos. Quando os seus braços já não aguentassem mais levantados, passariam para a colheita das maçãs no chão. Rikheart concordou e começaram o trabalho.



Enquanto apanhavam as maçãs do chão escutaram um cantar ao longe. Não conseguiam distinguir as palavras mas na paz do pomar ouviam a melodia na perfeição. Uma meia dúzia de pessoas caminhava e cantava no corredor onde se encontravam os dois amigos. Quando Rodric conseguiu distinguir as feições dos homens e das mulheres já a canção tinha terminado. Os dois grupos cumprimentaram-se e outro grupo rodeou a árvore imediatamente a seguir àquela onde estavam e recomeçou a colheita. Quiseram saber quem eram os dois rapazes e de onde vinham. Rikheart satisfez-lhes a curiosidade e acrescentou que depois de almoçarem na fazenda tencionavam jantar na vila de Iessi-Iessi. O grupo coletor ficou entusiasmado por trabalhar em conjunto com dois jovens aventureiros, ainda por cima da vila vizinha. Depois de ouvirem as peripécias da noite passada, incluindo o encontro com uma feiticeira desconhecida, foi a sua vez de contarem as suas histórias. Histórias belas do campo e das estações, histórias divertidas dos animais e da sua inteligência.

Rodric e Rikheart terminaram a sua árvore e passaram para a seguinte, na mesma altura em que os seus colegas limpavam a sua árvore também. Bolas, eles eram rápidos! Desta vez, o grupo não seguiu para a árvore seguinte mas sim para a árvore dos dois jovens. As caixas de um grupo misturavam-se com as do outro e todos enchiam as caixas uns dos outros. Rodric ficou emocionado com o companheirismo daquela dúzia de pessoas que até há uns escassos minutos eram simples desconhecidos. Lembrou-se do tratamento que teve em Nelay e ficou feliz por o mundo ser tão grande e diferente... principalmente diferente. A certa altura ouviu o grupo combinar qual seria a próxima canção. O homem mais velho do grupo começou e depois os restantes homens acompanharam.

*Para Iessi estavam de abalada,*

*mais tarde deu em chover,*

*fizeram grande caminhada,*

*para fruta vir colher.*

*Tra la la la la, la la la.*

*Todo o homem que trabalha,*

*não deve nada a ninguém,*

*aquele que nada faz,*

*deve tudo quanto tem.*

*Tra la la la la, la la la.*

*Toma a fruta da manhã,*

*que ainda há pouco foi colhida,*

*quem te dá esta maçã,*

*Deseja-te dar a vida.*

Quando terminaram Rodric estava sem fôlego e sem palavras. Instintivamente, bateu palmas, com os sorrisos dos camaradas distorcidos pelas lágrimas que lhe inundavam os olhos. Rikheart não demorou a acompanhá-lo nas palmas. Enquanto Rodric enxugava as lágrimas com as costas da mão, Dinari surgiu sentado numa carroça puxada por um boi. A traseira da carroça era na verdade uma grande caixa de madeira, ladeada por dois bancos corridos. Pelo aspeto deveria servir não só para transportar pessoas como mercadorias.

— Sim, sim, excelente trabalho! Agora só falta trazer essas caixas todas aqui para cima. Começamos por aquelas, naquele corredor.

Rodric, Rikheart e a dúzia de coletores atravessaram a fileira de macieiras em direção às caixas repletas de maçãs. Dinari aproximou-se com a carroça e parou junto das primeiras. Duas pessoas abriram a traseira da carroça e aos pares içaram as caixas para cima da carroça. Nas traseiras da carroça, outra pessoa empilhava as caixas de forma a encaixarem umas nas outras para não tombarem. Para Rodric parecia que cada caixa pesava tanto como duas pessoas, o mais difícil era encontrar um ponto onde a pudesse agarrar com firmeza e fazer força. Repetiram o processo para as que faltavam nesse corredor e depois passaram ao próximo.

Dinari conduziu a carroça de volta ao centro da fazenda e os restantes seguiram a pé atrás dela. A carroça ficou estacionada perto das casas que Rodric não se cansava de admirar. Entretanto alguém abriu o portão de um barracão em madeira, relativamente baixo mas muito comprido, talvez por isso não tenha reparado nele logo quando entraram na fazenda. Dinari baixou a cabeça e entrou com a carroça dentro do armazém. Aparentemente agora era preciso descarregar tudo outra vez.

— Pronto, agora é que está. Estiveram bem rapazes, mereceram bem o almoço.

— Obrigado senhor Dinari. O melhor será irmos buscar as mochilas para guardarmos as maçãs lá dentro — disse Rikheart.

— Não tenham pressa, primeiro almoçamos e depois tratamos do vosso pagamento.

— Mas... as maçãs são o nosso almoço — arriscou Rodric.

— Vocês são alguns coelhos para ficarem almoçados com umas simples maçãs?

O grupo ria perante a confusão dos dois rapazes. Parecia que eles eram os únicos a não perceber o que se estava a passar. Dinari apertou o ombro de Rodric e esclareceu as suas intenções.

— Sim, sim, vocês vão almoçar connosco, se não se importarem claro. Não é todos os dias que temos a visita de alguém de Luca e teremos todo o gosto em saber mais sobre vocês. Têm o resto da viagem para saborear o *fruto* do vosso trabalho — colocou especial ênfase no seu trocadilho — Perceberam?

— Agora percebemos! Muito obrigado pela sua generosidade senhor Dinari!

Antes de almoçarem, todos lavaram as mãos e a cara com a água fresca do poço. Depois de saciada a fome, Dinari foi então buscar as mochilas. Enquanto Rodric foi renovar a água dos seus cantis, Rikheart regressou ao armazém com o caseiro. Tal como fora acordado, das caixas preenchidas de maçãs, dez foram retiradas para cada mochila. Apesar de já terem sido colhidas há algum tempo, o seu cheiro era ainda bastante forte, num apelo quase irrecusável de serem devoradas no momento, não tivesse o almoço sido tão delicioso.

Todos acompanharam os dois aventureiros de Luca até à entrada da fazenda. De caminho, Dinari devolveu as armas aos seus respectivos donos. Não muito longe, os cães ladravam com os seus rabos a abanar. Após algumas palavras de boa aventura, os dois rapazes seguiram caminho para Iessi-Iessi, mas não sem antes partilharem mais de uma dúzia de abraços.

Quando os seus pés voltaram a caminhar sobre a estrada de cascalho, voltaram costas para um último olhar e um último aceno. Um muro de gente sorridente respondeu de braços no ar. Voltariam a encontrar gente tão simpática pelo caminho? Quando já estavam suficientemente longe do muro da fazenda, Rodric verbalizou outra dúvida que pairava na sua mente.

— Reparaste que eles estavam sempre a dizer “sim, sim” quando perguntávamos alguma coisa?

— Oh, ainda tu não ouviste nada! Vais ver o que te espera em Iessi-Iessi.

\* \* \*

O sol há muito que se havia posto atrás dos picos de Twa Dwet. O farto almoço oferecido por Dinari atrasou a partida dos rapazes e fez-lhes pesar as barrigas. Os seus olhos iam-se acostumando gradualmente à escuridão e a parca luz que sobrava do lusco-fusco era apenas a suficiente para distinguirem a terra clara por onde caminhavam. Mais à frente avistaram duas chamas amarelas que ladeavam o portão de Iessi-Iessi.

A estrada que seguiam há já tanto tempo entrava diretamente na vila. Ao lado do archote havia um guarda em serviço. Apresentaram-se e perguntaram onde podiam pernoitar e comprar passagem para Coralyn. Felizmente podiam fazer ambas as coisas na estalagem “Aurora Refrescante”. Foi um alívio para Rodric que receava já não irem a tempo de arranjar os bilhetes.

Seguiram as indicações do guarda na tentativa de encontrar a estalagem. Apesar da avenida principal estar bem iluminada com tochas e candeeiros, de noite era tudo mais difícil. Os pontos de referência eram difíceis de encontrar e os letreiros difíceis de ler. Quando estavam prestes a pedir novamente indicações, ouviram vozes animadas e música. Seguiram o som bem como a multidão que parecia deslocar-se toda na mesma direção. Chegaram a um edifício com duas portas escancaradas. Através delas estava a fonte de toda aquela algazarra. O transeunte mais próximo confirmou que aquela era a estalagem de procuravam. Em breve poderiam descansar o corpo num colchão macio. Isto se conseguissem dormir com o barulho.

Saíram da estrada e pisaram o chão da estalagem. Teriam ouvido o ranger das madeiras não fossem as numerosas conversas paralelas e as gargalhadas que enchiam a sala. Um balcão em madeira trabalhada ostentava formas geométricas que chamaram à atenção de Rodric. Uma rapariga que servia as mesas ostentava duas formas esféricas que chamaram à atenção de Rikheart. Com uma mão no ombro, Rodric arrastou o seu amigo até ao balcão. Atrás deste estava um homem careca com um bigode escuro.

— Boa noite rapazes, em que posso ajudar?

— Boa noite senhor — disse Rodric — Podemos comprar aqui a passagem para Coralyn?

— Sim, sim. Duas pessoas para amanhã de manhã?

— Certo. Quanto custa?

— Uma moeda de prata cada.

— Acontece que também precisamos de cama — acrescentou Rikheart — Consegue arranjar-nos aí um quarto modesto só para passar a noite? Dê-nos o seu melhor preço.

— Três prateadas, tudo.

Rikheart começou a procurar a sua bolsa das moedas mas antes que a conseguisse encontrar já Rodric depositava três moedas prateadas em cima do balcão. O estalajadeiro arrastou-as até ao fim do balcão para a palma da mão e depois inspecionou uma delas junto de uma vela.

— Então Rodric? — disse Rikheart de sobrolho franzido.

— Desta vez pago eu. Tenho de aliviar a minha carga.

— Ah, se os senhores estiverem interessados, também servimos jantar, a bom preço claro — disse o dono claramente numa tentativa de aliviar ainda mais a carga que Rodric falava.

— Arranje-nos então uma mesa — Rikheart aproximou-se do balcão, olhando o estalajadeiro nos olhos — mas primeiro os nossos bilhetes e a chave do quarto.

O homem barrigudo rasgou dois pedaços de papel e depois derreteu um pouco de lacre na vela junto de si. Uma gota vermelha como o sangue pingou para o papel e o estalajadeiro pressionou o seu anel sobre a mesma. Entregou os dois papéis aos rapazes e virou costas até ao chaveiro. Antes de guardar o papel no bolso dos calções, Rodric examinou o carimbo no lacre. Distinguia perfeitamente o perfil de um barco e o mastro principal era na realidade um grande “I”, a inicial do nome da vila. O estalajadeiro voltou com uma chave baça e pequena.

— Para o quarto basta contornarem o balcão à esquerda e sobem as escadas. O vosso quarto há-de ter um seis na porta.

Naquele momento uma das mesas explodiu numa gargalhada sincronizada. Alguns deles batiam com o fundo dos copos vazios sobre a mesa. Devia ter sido uma anedota mesmo divertida.

— Desculpe? Qual é o nosso quarto? — perguntou Rikheart virando a cara e cobrindo a orelha com a mão.

— Seis! Número seis! Cimo das escadas! — voltou a apontar a direção — Para jantar, sentem-se numa mesa livre e logo serão servidos!

Olharam em redor em busca de um lugar. Apesar das mesas serem compridas, as mais próximas estavam todas ocupadas. No seguimento da parede de pedra, dois músicos animavam ainda mais o ambiente. Rodric apercebeu-se que nessa zona havia menos gente e arriscou dirigir-se para lá. Quando lá chegou percebeu porque é que a mesa estava mais vaga — porque era difícil aguentar os agudos da flauta do músico. A mesa tinha quatro clientes bens instalados. Com jeitinho caberiam todos. Cada par de homens apertou-se no seu banco corrido, deixando vagos dois lugares próximos dos músicos. Paciência, pelo menos estavam sentados.

Depositaram as mochilas aos seus pés e cada um retirou o queijo que restava e dois peros dos que colheram no pomar. Rikheart fez sinal à rapariga que estava a servir. Depois de servir as canecas que trazia na bandeja aproximou-se. Trazia um avental outrora branco à cintura e cobria o seu cabelo com uma touca, embora uma madeixa rebelde de cabelo encaracolado pendesse sobre a face. Se Rikheart fosse feito da mesma matéria que o queijo que segurava, então estaria na consistência ideal para molhar o pão.

— Boa noite, vão desejar alguma coisa?

Rikheart suspirou.

— Para mim é uma sopa — disse Rodric.

— E o senhor?

— Senhor não, eu sou o Rikheart. Traz-me uma sopa e um copo de vinho. Por favor menina.

— Menina não, Elly.

Por momentos trocaram um sorriso até que a rapariga voltou costas para tratar do pedido. Rodric estava incrédulo. Como é que ele fazia aquilo? Afinal de contas, ele era apenas mais um estranho babado, igual a todos os outros. Porque é que ela lhe haveria de dar o nome e um sorriso? Rikheart respondeu qualquer coisa sobre tomar atenção e aprender com o mestre.

A rapariga voltou com duas tigelas de sopa e uma caneca de vinho que para os padrões de Rodric mais parecia um balde. Estaria a querer embebedá-lo? Começou por entregar a tigela e a colher a Rodric. Depois fez o mesmo com o pedido de Rikheart. Quer dizer, não foi bem o mesmo, porque ao entregar-lhe a tigela inclinou-se sobre a mesa muito mais do que o necessário. Rikheart inspirou o perfume do decote da rapariga. A entrada estava servida.

— Bom apetite.

— Obrigado *por tudo* Elly — respondeu Rikheart colocando demasiado ênfase naquelas duas palavras.

— Se precisares de mais alguma coisa é só chamares.

E foi-se embora servir as outras mesas, não sem antes lançar um último olhar a Rikheart por cima do ombro. Rodric sentia-se invisível e a mais. O seu amigo expirou profundamente enquanto ajeitava os seus calções.

— Aquela rapariga dá cabo de mim. Quando acabarmos de jantar tenho de ir falar com ela.

— Não achas arriscado? Provavelmente ela faz olhinhos a outros clientes, só para eles beberem mais vinho. E quando estiverem demasiado bêbados e tesos — Rodric pigarreou — sem dinheiro, foi o que quis dizer, ela faz-se desentendida e o estalajadeiro expulsa-os do estabelecimento.

— Aquilo foram mais do que olhinhos! Tu estás é com inveja dela ter engraçado comigo.

— Inveja? Estou é preocupado contigo. Imagina que ela é filha do estalajadeiro? Ainda somos obrigados a dormir na rua, tendo já pago o quarto. Tem cuidado contigo. Connosco.

— Sim paizinho. Vou comer a sopinha e depois vou para a cama.

Rikheart pegou na colher e terminou a frase com um risinho baixo. Neste caso Rodric teve dificuldade em perceber se o amigo estava a ser irónico ou simplesmente a brincar com as palavras. Durante todo o jantar Rikheart só tirou os olhos da jovem quando levava a caneca à boca. Demasiadas vezes o fez. Estava mais alegre do que o costume quando declarou que ia convidá-la para sair depois do trabalho. Aconselhou Rodric a fazer o mesmo e a procurar uma rapariga para si. Este respondeu que estava cansado e preferia deitar-se mais cedo.

Os músicos arrumaram os instrumentos e saíram. Os clientes pagaram as suas refeições e saíram. Poucos restavam quando Elly retirou o seu avental. Antes de chegar à porta da estalagem já Rikheart esperava por ela. Rikheart convidou-a estendendo o seu braço, na extremidade uma mão suplicava pelo contacto de outra. Elly parou à sua frente, iluminada pela luz quente da estalagem, que contrastava com a escuridão e frieza da noite. O olhar claro e acastanhado da rapariga examinou a face corada e o olhar esmeralda de Rikheart. Enquanto decidia, ia sorrindo e mordendo o lábio inferior, volumoso, luxuriante. As suas pupilas assemelhavam-se às de um felino que vagueia pela noite, até a cor limitar-se a um fino contorno de uma escuridão perfeitamente circular.

Após o que pareceu uma eternidade, Rikheart sentiu o doce e delicado calor da pele da rapariga. Com sorte, em breve poderia sentir-lhe o sabor. Beijou-lhe as costas da mão e partiram para a noite de mão dada.

\* \* \*

O som da fechadura da porta a rodar acordou Rodric. Estava de tal forma estremunhado que nem se deu ao trabalho de abrir os olhos. Certamente era o estroina do Rikheart a chegar do encontro com a sua querida Elly. Ouviu a madeira ranger — rangia sem ritmo, rangia demasiado para apenas dois pés. Provavelmente era apenas o chão ancião a queixar-se da sua idade. O raciocínio de Rodric foi quebrado e os seus sentidos despertados por um risinho feminino abafado.

Quando Rodric abriu um dos olhos já só conseguiu ver dois vultos a deitarem-se na cama que estava destinada a Rikheart. Estaria ele assim tão inebriado pelo álcool e pela paixão que se atrevera a trazer uma estranha para casa. Casa? Sim, desde que iniciaram viagem que aquele modesto quarto era o mais parecido com a segurança das suas casas que haviam encontrado. E estava ele preocupado que Rodric lhe fosse complicar a Viagem... como se ele precisasse da ajuda de alguém para atrair problemas. Rodric rodou o corpo e entrelaçou os dedos sobre o peito. Respirou fundo e tentou retomar o sono onde o havia deixado. Pela manhã teria muito que falar com o seu amigo.

\* \* \*

Outro som forte voltou a acordar Rodric. Com uma estranha no quarto, Rodric permaneceu imóvel para não levantar suspeitas mas todos os seus sentidos estavam

alerta — dentro do possível para alguém que acabou de acordar e ainda está azamboado. O som que o acordou foi o ressonar de Rikheart. Um ronco mais alto que os outros deve tê-lo despertado. Antes assim. Foi o que Rodric pensou até que o chão do quarto voltou a gemer.

Manteve o corpo na sua posição lateral mas rodou a cabeça para que os seus ouvidos ficassem paralelos ao chão. Talvez assim conseguisse localizar a origem do som. Após um momento de silêncio, outra tábua insultou quem a pisava. Depois outra, mais longe, acompanhada de um tilintar de metal. Num ápice Rodric atira o seu cobertor para um lado e salta para o lado contrário. A rapariga estava a escassos passos da porta. Grato por terem escolhido um quarto pequeno, Rodric correu para a porta e precipitou-se a tempo de afastar a mão de Elly da porta e de lhe pressionar o pescoço com a outra mão. Não foi fácil encontrar o cachaço do animal no meio de tanto cabelo. A rapariga soltou um pequeno gemido de dor.

— Onde pensas que vais, ladra? — perguntou Rodric mais alto do que o necessário.

— Vou para casa... ai! Solta-me! — disse Elly baixinho com a voz restringida pela dor.

Rodric não sabia o que magoava a rapariga. Talvez fosse da pressão dos seus dedos no pescoço da rapariga... talvez fossem os cabelos esticados da rapariga... Rapariga? O que é que ele lhe estava a fazer? Nunca se magoava uma rapariga. No entanto ela estava a roubá-los, era uma criminosa, uma rapariga criminosa, mas ainda assim uma rapariga. Optou por abrir a mão e imediatamente a rapariga confortou o seu pescoço dorido com a sua mão. Rodric aproveitou a distração e aprisionou-lhe o punho que segurava a carteira de Rikheart.

— RIKHEART! — gritou numa tentativa de acordar o seu amigo — Queres despedir-te da tua amiga antes dela se ir embora?

Rikheart despertou atarantado e olhou na direção do som. Tentou abrir os olhos mas estes pararam a meio caminho. Abanou a cabeça e esfregou os olhos. Seria um pesadelo?

— Acho que te esqueceste de pagar à rapariga e ela estava a penhorar a tua carteira — continuou Rodric no mesmo tom zombeteiro que Rikheart tantas vezes usava.

— Por quem me tomas, seu puto insolente?! — Elly vociferava pela primeira vez — O que é que sabes de mim para me insultares dessa maneira?

Rodric apercebeu-se que fora novamente longe de mais. Elly aproveitou a hesitação para libertar o seu pulso do aperto de Rodric. Com as suas duas mãos e a raiva de ser ultrajada por um fedelho, empurrou Rodric que tropeçou na cama e caiu sobre os lençóis. Rikheart ao ver a força com que Elly havia acometido decidiu que era altura de intervir, afinal de contas ela ainda segurava a sua carteira e o seu conteúdo era essencial para o resto da viagem. Elly apercebeu-se do movimento de Rikheart e atirou-lhe a carteira em cheio no peito. Rikheart ficou-se perante o olhar



flamejante da rapariga.

— Ladrão que rouba ladrão...

Estas foram as últimas palavras de Elly antes de rodar a maçaneta e sair. Rikheart parecia ter congelado, o seu sobrolho franzido tinha tanto de incompreensão como de espanto. O silêncio foi quebrado por um breve “Hã?” de Rodric que buscava respostas no olhar confuso do seu amigo. Rikheart inspecionou a carteira e depois olhou em redor. Ao ver que não faltava nada, levantou-se.

— Anda Rodric, já que estamos acordados o melhor é aproveitarmos para nos levantarmos — levou a mão à cara e passou-a nos olhos e testa — A noite já está a desaparecer e não queremos perder o barco.

Arranjaram-se em silêncio. Desceram as escadas de mochilas às costas, deixando para trás as camas por fazer. Rikheart ia à frente. Antes de iniciar a descida, espreitara o andar de baixo. Só depois de confirmar que apenas estava presente o estalajadeiro é que desceu. Rikheart deu a chave do quarto a Rodric e encaminhou-se para a porta. Enquanto Rodric entregava a chave ao estalajadeiro e agradecia a sua hospitalidade, Rikheart perscrutava a vila furtivamente atrás de uma janela.

O comportamento de Rikheart era estranho. Foi então que Rodric percebera o que ia na mente do seu amigo — na realidade Rikheart estava com medo. Medo que Elly, ou o seu prometido, ou o seu pai, ou a família inteira ou apenas alguém a mando dela viesse ajustar contas e repor a sua honra. Agora que pensava nisso, o seu próprio comportamento há uns momentos atrás também fora estranho. Reprovável até. Nunca tinha violentado uma rapariga. Nunca se tinha deparado com um ladrão. Qual era o lema dos cavaleiros? Seria “Proteger os nossos, Ajudar os outros, Punir os restantes”? Já não se lembrava ao certo. Entrara em pânico ao ver a bolsa que continha o sustento da viagem ser levada por uma estranha. Limitou-se a agir por instinto, em sua defesa e do seu amigo indefeso. Para bem dos dois ninguém apareceu para lhes chegar a roupa ao pelo.

Saíram da estalagem e procuraram a avenida principal da vila. De lá seguiram em direção ao cais, pedindo indicações sempre que necessário aos madrugadores que iam encontrando pela rua. Desceram até a terra que pisavam dar lugar a tábuas de madeira. De cada lado, pilares de madeira ligados por cordas marcavam os limites do passadiço que dava acesso ao cais. À sua frente havia uma azáfama de pessoas a entrar e sair de um barco enorme que baloiçava ao sabor das ondas — o barco que precisavam apanhar.

Desceram as escadas até à doca que se ramificava em passadiços mais estreitos. Se não fossem os barcos de pesca amarrados ao longo dos passadiços qualquer ave que sobrevoasse o sítio acharia que se tratava da raiz flutuante de uma árvore gigante. Aqui em baixo já não havia cordas a ligar os pilares de madeira. As únicas cordas que se observavam eram as que obrigavam os barcos a ficarem onde estavam,

ocasionalmente chocando contra a doca e emitindo o chiar típico de madeira contra madeira. Rodric reparou que um dos pilares que sustentava o passadiço estava cravejado de pequenos ramos repletos de folhas novas e brilhantes da cor do barro. Era impressionante como aquele tronco, há muito decepado da sua árvore, há muito enterrado no areal, há muito submerso na água salgada, apesar de tudo isso florescia e, se ninguém o impedisse, cresceria até se transformar numa nova árvore. A força da vida era fascinante.

Ziguezaguearam pela doca, seguindo os passadiços que os levavam na direção do maior barco da doca, desviando-se dos pescadores e das mercadorias e evitando os limites da doca onde as ondas rebentavam. Um homem barrou-lhes a entrada no barco e pediu-lhes que mostrassem o bilhete. Após confirmarem que aquela embarcação tinha como destino Coralyn, mostraram os bilhetes e subiram a bordo.

Do largo convés, dois mastros se elevavam, cada um com uma vela que começava a ser colocada na diagonal. Em redor do mastro central encontravam-se várias caixas e bilhas de madeira empilhadas e atadas, tudo mercadorias para serem vendidas ou trocadas em Coralyn. Na popa um homem com uma boina falava com a tripulação. Rodric assumiu que os passageiros fossem transportados no interior do barco e Rikheart confirmou o seu pensamento ao pedir que o seguisse até às escadas. Desceram abaixo do convés e encontram diversas pessoas sentadas em bancos largos ou deitados em pequenas camas achatadas que intercalavam os bancos. O espaço era iluminado por pequenas aberturas de lado que coincidiam com a disposição dos bancos. Devia ser ali que se sentavam os remadores em dias de pouco vento. Perto da proa uma abertura no convés projetava um quadrado de luz axadrezado no chão.

Uma vez que havia bastante espaço livre não havia necessidade de ficarem a marcar lugar, por isso decidiram subir novamente para o convés e assistir à partida. Quando as suas cabeças voltaram à superfície, estas foram atingidas por instruções gritadas de todas as direções. Gente na doca desamarrava as últimas cordas, gente nos mastros desamarrava as velas, gente no convés esticava as velas e prendia-as em posição, o homem do barrete segurava com firmeza o leme redondo da embarcação. Quando a última corda foi puxada para bordo, já todas as velas se encontravam esticadas e a encherem-se de ar. Rodric reconheceu o motivo bordado nas velas brancas. Retirou o bilhete do bolso e olhou ora a vela ora o bilhete. O grande “I” azul-escuro centrado em ambas as velas era o mesmo que estava gravado no bilhete. Admitiu que era bem pensado, assim as embarcações aliadas podiam reconhecer-se à distância.

Primeiro, o homem do leme apontou a embarcação para o horizonte. As velas ondulavam instáveis, ainda assim apanhavam vento suficiente para os afastar da doca e os levar para águas mais profundas. De seguida, o barco tombou para a esquerda e Rodric observou o leme rodar várias vezes para a direita ao mesmo tempo que o mestre da embarcação gritava “Bombordo!”. Por breves momentos as velas quedaram-se, lisas como cortinados, bastou o barco ficar paralelo à costa para as velas se encherem de uma só vez. O impulso foi tão rápido e veloz que Rodric teve de dar um passo atrás para evitar cair de costas, parecia que alguém o havia puxado com

um dedo pela gola da camisa.

Rikheart explicou que mesmo com toda aquela velocidade, demorariam um dia inteiro a chegar a Coralyn. Pediram autorização ao mestre para se sentarem no topo das escadas que davam acesso à popa e ao leme. O homem de face enrugada concordou depois de adverti-los para se segurarem bem, pois tanto na proa como na popa as ondas faziam-se sentir com mais intensidade. Não era o local mais adequado para principiantes. Rodric já tinha ouvido habitantes de Luca confessarem que não suportavam andar de barco por causa da ondulação e dos enjoos associados. Encostou a cabeça no corrimão de madeira escura que impedia os mais desastrados e desatentos de precipitarem-se borda fora. Como é que alguém podia ficar maldisposto rodeado de tanto azul e com aquela vista para colorida costa. Os edifícios de Iessi-Iessi não eram maiores que a unha do seu polegar, até os picos de Twa-Dwet cabiam entre os seus dedos. Tentava tapar a cordilheira com o seu indicador mas a sua mão estava constantemente a subir e a descer. Alternar o foco entre o dedo à sua frente e a cordilheira longínqua era... enjoativo. Começava a sentir a cabeça a andar à roda e um nó a formar-se na barriga. Agora dava razão aos enjoados de Luca.

Como estava sentado no primeiro degrau, bastou-lhe deitar as costas no convés e fechar os olhos.

— Miúdo, concentra-te na brisa fresca e deixa-te embalar pelas ondas. Sabes porque é que isso te acontece? — Rodric gemeu — Não? Os teus olhos veem a paisagem a mexer por isso dizem à tua cabeça que estás em movimento. Só que como estás sentado as tuas pernas juram que estás parado. É esta confusão que deixa o teu corpo enjoado. Enquanto recuperas vai mexendo os pés e as pernas se conseguires, às vezes alivia.

— Então o melhor é não ficarmos parados. Anda Rodric, vamos dar umas voltas.

Ao ouvir a última palavra Rodric voltou a gemer.

— Pronto, não é preciso andarmos à roda, podemos andar em linha reta, para a frente e para trás.

— Deixa estar — respirou fundo — Recapitula-me qual é o plano quando chegarmos.

— Em Coralyn vamos poder finalmente comprar café.

— Mas os tipos de Nelay tinham dito que nas vilas de pescadores não havia café.

— Coralyn é muito mais do que uma vila de pescadores, é uma verdadeira cidade! É o centro do comércio, de rotas de navegação, por mar e por terra. Na verdade, dizem que existe uma plantação inteira de café nas redondezas na cidade. Faz sentido, com os anões de Twa Dwet ali tão perto, a procura pelo grão nunca se esgota.

Rodric ergueu o tronco e colocou a cabeça entre as pernas. O seu amigo perguntou-

lhe se estava melhor e abanou a cabeça afirmativamente. Apoiado no seu ombro voltou a pôr-se de pé.

— Vamos lá andar um bocadinho, mas a direito! Tenho de saber dizer em Luca o tamanho deste barco.

— Vinte e dois passos — disse o mestre.

Começaram o mais atrás possível, Rodric a bombordo e Rikheart a estibordo. Passada a passada, e sem contar com as escadas, terminaram a contagem no vértice da proa. Rikheart contou vinte e um passos enquanto Rodric contou os vinte e dois passos. Claro que Rodric acusou o amigo de nem sequer saber contar. Claro que Rikheart desarmou o amigo com o argumento de ter uma passada mais possante do que ele. Estavam ambos corretos, cada um à sua maneira.

Antes de chegar a hora do almoço, Rodric conseguiu desatar o nó que tinha na barriga. O almoço foi frugal como seria de esperar a bordo de um barco. Desceram abaixo do convés para comer um pão com chouriço e alguma fruta. Pelo buraco dos remos já se conseguia ver uma das pontas da cordilheira de Twa-Dwet, a ponta que entrava dentro de água e impossibilitava assim o acesso direto por terra da vila de Iessi-Iessi à cidade de Coralyn. Em dias mais cinzentos costumava ser possível avistar sobre o céu carregado pequeníssimas manchas brancas — as velas dos barcos ancorados em Coralyn. No entanto o dia de hoje era limpo e o sol luminoso, pelo que era impossível distinguir qualquer pormenor branco sobre tamanha claridade.

De modo a evitarem o sol escaldante próprio daquela hora, os dois amigos concordaram em ficar debaixo do convés a descansar. Cada um deitou-se numa das camas livres e Rodric fechou os olhos. Embora o corpo relaxasse, a mente permanecia agitada. Sempre foi assim. Quando era pequenino, na sua escola havia a hora da sesta. Os meninos e as meninas eram deitados na sala e ele implorava para o deixarem ficar na rua a brincar. Inicialmente, ignoravam o seu pedido e obrigavam-no a deitar-se com os outros. Enquanto todos dormiam, ele fixava o teto de olhos abertos e braços cruzados à espera que passasse a hora da sesta. Por vezes levantava a cabeça procurando outros colegas aborrecidos como ele. Com o seu reboliço acabava por acordar os colegas mais próximos. A professora reparou no seu comportamento e passou a deixá-lo brincar na hora da sesta. Décadas se passaram desde essas memórias e pouco havia mudado. Continuava a não conseguir adormecer durante o dia e para cair no sono durante a noite precisava esperar que a sua mente se fartasse de pensar. Assustava-lhe não poder pensar. Assustava-lhe pensar no que é que pensava antes do nascimento do seu pensamento. Assustava-lhe ainda mais pensar no que é que pensaria depois de não poder pensar mais. Agora não queria pensar nisso.

Neste momento o que lhe matutava na cabeça era o comportamento daquela rapariga, a Elly. Ainda não tinha tido oportunidade nem coragem de puxar o assunto à conversa. Rodou a cabeça na direção da cama de Rikheart e reparou que apenas

conseguia ver-lhe o nariz, o resto da cara estava coberta pelo banco corrido entre os dois.

— Rikheart — disse baixinho — estás acordado?

— Sim, estava a meditar.

— Bolas, desculpa ter interrompido. Eu também estava aqui a meditar... sobre a Elly.

— Se estavas a meditar sobre qualquer coisa, já não estavas a meditar. Quem medita não pensa, e tu, estavas a pensar.

— Ei, eu é que sou picuinhas com as palavras. Como queiras, estava a pensar. Não me sai da ideia o comportamento dela no nosso quarto. Foi tudo tão estranho — engoliu em seco e continuou — O que é que se passou entre vocês afinal?

Rodric ouviu o seu amigo fazer uma respiração profunda.

— Vou contar-te aquilo que me lembro. Depois de tu ires para o quarto eu esperei por ela. Quando ela tirou o avental convidei-a para sair. Ela levou-me através das ruas até um barracão. Depois percebi que era um palheiro. Entrámos e procurámos um sítio escondido e confortável. Ela deitou-se e puxou-me. Comecei por beijá-la na cara e no pescoço. Ela cheirava tão bem, não imaginas! Não aguentei e beijei-a nos lábios. Acho que ainda lhe perguntei se ela era comprometida. Deve ter dito que não, caso contrário eu teria parado.

— Não tens a certeza?

— Pensava que tinhas reparado que eu estava demasiado *alegre*. Não é fácil lembrar-me de todos os pormenores. Mas lembro-me muito bem do peito dela. Lindo, perfeito... redondinhas, grandes mas firmes... fogo, só de me lembrar, que mulher, que calor!

— Pronto, pronto, poupa-me os detalhes — disse Rodric com a face a aquecer.

— Ai é? Pensava que querias aprender alguma coisa com a voz da experiência. Sendo assim, não há muito a dizer. A partir daí amámo-nos sem pudor. Não lhe roubei nada, nem a obriguei a nada, nem a maltratei, antes pelo contrário. Dei-lhe todo o meu amor. E a prova da sua cumplicidade foi que depois ainda me levou de volta para a estalagem. Se me quisesse mal tinha-me deixado onde estava ou noutra rua qualquer. No estado em que estava, as ruas eram-me todas iguais.

— Achas que lhe roubaste a virtude?

A resposta não foi imediata. Talvez o seu amigo nunca tivesse pensado nisso. Talvez soubesse a resposta e não quisesse dizê-la em voz alta.

— Sei lá, não me lembro. No estado em qu'eu estava não tinha cabeça para fazer tantas

perguntas. Só queria divertir-me, tal como ela! Provavelmente acordou arrependida e tentou saldar os seus remorsos. No meio disto tudo só tenho a agradecer-te.

— A mim? Não agradeças, não me orgulho do que fiz, nada teve de nobre.

— Rodric — a face do seu amigo surgiu acima do banco que os separava — um ladrão é sempre um ladrão. Ela era linda e eu gostava dela, mas foi ela que tomou a decisão de nos roubar e como tal sofreu as consequências da sua decisão. Volto a dizer, ainda bem que não bebeste e estavas desperto, teria sido um grande golpe perder a minha carteira. Sem essas moedas teríamos de trabalhar muito mais para podermos simplesmente comer e dormir. Além disso é meu desejo comprar uma espada forjada pelos anões e, tendo em conta o dinheiro que consegui poupar nesta vida, ainda vou ter que regatear bastante. Por tudo isso, obrigado Rodric.

— De nada, os amigos têm de se ajudar.

— Nem mais — subitamente a expressão de Rikheart mudou, como se tivesse ouvido a voz de um fantasma — Quer dizer, se alguém te perguntar, tu não me ajudaste! Senão estou tramado!

— Ah, é verdade! — o amigo riu-se baixinho para não incomodar os restantes passageiros — Que bronca!

— Não sei do que estás a falar. O que aconteceu foi que *eu* acordei mesmo a tempo de ver a rapariga com a carteira na mão, saltei da cama com os reflexos de um felino, recuperei a carteira e expulsei-a do quarto. Enquanto tudo isso aconteceu tu ressonavas.

— Pois, deve ter sido isso que aconteceu. Não me lembro *mesmo* de nada... estava a dormir feito sorna.

Rikheart piscou-lhe o olho e voltou a deitar-se. Por momentos ainda pensou em perguntar-lhe o que pensaria Vera de tudo aquilo. Depois do rumo que a conversa tomou não teve coragem de o fazer. O seu amigo já estava embaraçado o suficiente com o que aconteceu, não era preciso acrescentar mais remorsos. Já imaginava o que Rikheart lhe responderia: “Não tenho nada com ela, tenho com a vida e tenho de a viver”. Talvez devesse preocupar-se menos e pensar menos — mais como o seu amigo.

\* \* \*

O sol há muito que se havia deitado e o embalar das ondas era irresistível. A maioria dos passageiros já dormitava quando o mestre da embarcação anunciou que em breve atracariam em Coralyn. Rikheart levantou-se e espreitou a escuridão. A água à sua frente refletia um estranho brilho azulado. No meio do breu observavam-se agora pequenas bolas de luz dourada. Quando mais o barco navegava maior era o número de luzes. Eram cada vez mais, a maioria seguindo linhas, outras em locais aleatórios.

Pela quantidade de luzes Coralyn devia ser enorme.

Foi preciso o navio dobrar o “calcanhar” de Twa Dwet para Rikheart perceber de onde vinha o brilho azul da água. Perto da costa erguia-se o que parecia ser uma torre com uma luz brilhante no topo. Já tinha visto faróis antes, luzes que marcavam a costa para os navegantes noturnos, mas nunca deste tamanho e desta cor. A tonalidade da luz trouxe-lhe à memória o seu encontro com a chama fantasmagórica de Roxy. Só que esta luz parecia pulsar, o efeito era subtil mas ainda assim notava-se. Curiosamente o clarão frio projetava-se em todas as direções exceto para o céu e para o chão. Era como se a fonte luminosa estivesse cravada na própria torre, impedindo a luz de se precipitar sobre as habitações abaixo. Agora que reparava nisso até fazia sentido, pois ninguém conseguiria pregar olho durante a noite com tamanha luminosidade sobre as suas cabeças.

Se estavam prestes a desembarcar o melhor seria acordar Rodric. Não foi preciso, o seu amigo já estava sentado no seu colchão, no entanto ainda tinha os olhos semicerrados.

— Já chegámos?

— Faltam apenas uns minutos, já se vê a doca. Por falar nisso, devias ir ver o farol de Coralyn, é impressionante!

— Onde é que vamos passar a noite? — perguntou Rodric enquanto gatinhava até à parede do barco.

Boa pergunta. Precisavam desembarcar, procurar uma estalagem, pagar uma noite e usufruir de metade. Depois lembrou-se do que aconteceu na última estalagem. O barco em que seguiam ficaria ancorado até ao amanhecer, até à hora a que precisavam de acordar. Havia colchões e tudo...

— Vou perguntar uma coisa ao mestre da embarcação, não saias daqui — disse Rikheart.

Rodric parecia uma traça hipnotizada pelo brilho de uma tocha. Estava maravilhado com o pulsar azul do farol de Coralyn. Limitou-se a responder que não ia a lado nenhum.

Rikheart subiu ao convés e procurou o mestre da embarcação. Estava ao leme e distribuía instruções à sua tripulação para fazerem a aproximação aos cais de Coralyn.

— Mestre, quando puder preciso fazer-lhe uma pergunta.

— Já vai.

O homem estava totalmente focado e não era para menos. Rikheart imaginou-se na seu lugar, a ter de encostar suavemente um barco daquele tamanho, com passageiros

sonolentos a bordo, com a tripulação espalhada pela embarcação segurando velas e cordas e aguardando ordens, e tudo isto em plena escuridão. O mestre não se preocupou em virar a embarcação deixando-a em posição de saída — de manhã haveria tempo e luz suficiente para completar a manobra. O barco entrou na doca apenas com o balanço das ondas e parou completamente após um pequeno choque com o passadiço. O safanão serviu de despertar para os passageiros com o sono mais pesado. O mestre da embarcação largou o leme quando saíram do porão os primeiros passageiros.

— O que me querias perguntar, rapaz?

— O meu amigo e eu não temos onde passar a noite. Teríamos de procurar e pagar um quarto numa estalagem. Como a noite já vai longa, queria pedir-lhe se era possível ficarmos mais umas horas no barco e dormir até ao amanhecer.

— O bilhete que pagaram não inclui dormida — aproximou-se de Rikheart e falou de forma a que apenas ele o ouvisse — Todos estes passageiros vão ter de arranjar sítio onde dormir.

— Eu sei disso, só que nós somos miúdos em viagem desde Luca e ainda temos de chegar a Valanoi. As poupanças de dois miúdos não são suficientes para uma viagem tão grande, por isso, por vezes, temos de contar com a bondade das pessoas que encontramos. Só precisamos que nos deixe ficar o resto da noite no porão e logo pela manhã partimos profundamente gratos.

— Eu percebo, eu também já fui um aventureiro como vocês. Já lá vai muito tempo mas lembro-me dos problemas que tive, tal como vocês.

— Nós ontem passámos o dia a trabalhar no pomar do senhor Dinari, à saída de Iessi-Iessi, em troca do almoço.

— O pomar do Dinari? Se eu soubesse que gostavam de trabalhar tinha-vos posto a remar!

Contra o vento frio que corria àquela hora da noite, Rikheart sorriu com as faces aquecidas pelo embaraço.

— É só para lhe provar que não nos aproveitamos da bondade das pessoas — acrescentou.

— Fazemos assim, rapaz de Luca — disse o mestre apoiando uma mão no ombro de Rikheart — volta para o porão e diz ao teu amigo para arrumar as coisas. Não tenham pressa, vão arrumando enquanto os passageiros saem. Quando todos tiverem saído, vocês ficam e nós descemos também.

— Muito, muito obrigado pelo seu gesto. Só posso pedir ao Criador que o recompense pela sua bondade.



— E eu só peço que ele não me mande muitos mais como vocês, senão dão-me cabo do negócio.

Selaram o acordo com um aperto de mãos e um sorriso. Rikheart voltou ao porão, onde Rodric esperava com as mochilas arrumadas em cima do colchão. Ainda restavam dois passageiros. “Lá se foi o plano”, pensou.

— Estou pronto Rikheart. Já sabes para onde vamos?

— Sim. E tu já viste bem aquela espécie de farol? O mestre diz que se consegue ver a sua luz desde Eoscetti!

Sabia que uma afirmação daquelas ia despertar a curiosidade de Rodric. Assim que ele se levantou, colocou um braço por cima dos seus ombros e conduziu-o até escotilha. Enquanto lá estavam intercalava exaltações à misteriosa luz com detalhes da conversa que teve com o mestre sobre a sua pernoita. Ao perceber o que havia feito, Rodric fechou os olhos e não conseguiu evitar sorrir. Na realidade, ambos sorriam enquanto abanavam a cabeça, parecendo loucos aos olhos desinformados dos outros passageiros que se apressaram a sair.

A tripulação entrou e o mestre da embarcação entrou por fim fechando o alçapão atrás de si. O capitão explicou a razão dos dois rapazes dormirem a bordo. Exausta como a tripulação estava, o capitão até podia ter decidido dar guarida a dois centauros que para eles era igual. “Sim sim, meu capitão. Boa noite, meu capitão.” E todos se apressaram a aproveitar as poucas horas de descanso que faltavam até o sol acordar.

O cheiro a incenso era cada vez mais forte até que se tornou visível. A fachada negra da catedral cintilava sob a luz matinal e a porta foi deixada encostada como era costume àquela hora. Se um gigante das montanhas quisesse entrar e pedir perdão pelos seus pecados não teria qualquer problema em passar pela entrada. Por cima do pórtico da entrada destacava-se um sol e os seus raios pontiagudos feitos de pedra clara. O seu centro oco expelia o fumo denso e perfumado do interior, que subia com a brisa que circulava na rua, formando pequenas espirais atrás de si.

Não havia tempo para apreciar as esculturas que adornavam o exterior da catedral, estava atrasado para o seu compromisso. Passou a porta na mesma altura em que um casal preparava-se para sair. Ao reconhecerem o rosto fizeram imediatamente uma vénia de olhos postos no chão. Continuou o seu caminho ignorando o casal e afastou a cortina dourada que separava o átrio da catedral do seu interior.

O local era extremamente escuro e a única luz provinha dos vários vitrais. O mais impressionante de todos era o que se encontrava mesmo à sua frente. Todos os contornos de pedra e metal que estruturavam o vitral estavam completamente negros, pois o sol brilhava com intensidade atrás. No centro brilhava uma estrela azul com quatro pontas douradas. O resto do vitral era composto por formas roxeadas e alaranjadas que reforçavam a imponência do motivo central.

A luz colorida do vitral projetava-se no chão da catedral e iluminava a cadeira alta onde uma figura encapuzada se sentava. Uma das mãos estava apoiada no braço da cadeira e a outra segurava um cetro com a mesma estrela na ponta. À sua frente estava alguém de joelhos, mãos e testa no chão. As suas vestes pobres e gastas adquiriam um novo fulgor sob a graça do vitral.

Atravessou a passo apressado o corredor vago de gente prostrada, pecadora e arrependida quando a figura se ergueu do seu trono.

— Arrepende-te e por vinte moedas de cobre salvarás a tua alma.

O homem agradeceu repetidas vezes enquanto se levantava e recuava de olhos fixos no chão polido que espelhava a sua face, que por sua vez refletia a consternação que

lhe ia na alma. Como é que iria arranjar vinte moedas se nem três tinha para comer? Haveria de arranjar maneira, não valia de nada alimentar uma alma condenada ao inferno.

— Venha comigo, senhor Icarian.

Quando este nome ecoou nas paredes da catedral alguns dos fiéis levantaram o olhar. Ao confirmarem que estavam na presença do seu senhor terreno, voltaram a prostrar a cabeça com tanta ou mais reverência do que quando oravam pelo seu senhor supremo — Ixio, o criador. Um acólito surgiu da penumbra, posicionando-se no lado esquerdo do trono, e chamou o próximo.

— Está atrasado — disse o bispo de forma tão fria como a pedra onde caminhavam.

— Tem razão, não os façamos esperar mais tempo — respondeu Icarian no mesmo registo.

Entraram numa sala com várias bancadas onde repousavam utensílios e estantes fornecidas de frascos coloridos. O bispo parou frente a uma parede que não tinha bancadas e encostou a mão. As costas da sua mão tatuada brilharam e duas linhas, como que recortando a parede, desceram do teto unindo-se no chão. Desprendendo-se dos locais do corte, o que antes era parede sólida mais parecia uma argamassa de terra e água. A parede pastosa subiu e acumulou-se junto ao teto, formando uma porta e dando acesso a um túnel.

O bispo afastou a mão da parede e avançou.

— Cuidado com a cabeça, senhor.

Icarian engoliu o insulto e desceu as escadas seguindo a chama azul que brotava da mão do bispo. Continuaram a descer como se pretendessem chegar ao interior do vulcão que servia de berço a Lanakuv. A cada passo a temperatura aumentava e a humidade também. Nas paredes começaram a surgir tubagens — canos de metal usados para transportar água, correspondência, ou sabia-se lá o quê. Ele só sabia o estritamente necessário. Já estava na altura de Ixilak lhe dar um pouco mais de confiança.

Finalmente as escadas terminaram numa porta. O bispo bateu quatro vezes e um barulho grave e metálico ecoou pelo túnel. Depois ouviu-se o barulho de metal a deslizar em metal e o bispo retirou o capuz, revelando a sua careca perfeita. Ouviu-se novamente o metal a raspar, seguido do som de trincos a abrirem. O túnel iluminou-se, o bispo avançou e Icarian seguiu-o.

Foram recebidos por um acólito vestido de negro que controlava uma chama azul que pairava no ar. Esse fenómeno já não era tão impressionante como quando o vira pela primeira vez. Agora era apenas uma recordação de que estava nas mãos de gente manipuladora de energia e que se alguma vez hesitasse seria pulverizado num piscar

de olhos.

Enquanto seguiam pelo corredor a figura negra dava a conhecer o comportamento do sábio e os seus últimos desenvolvimentos. À sua esquerda haviam amontoados retorcidos de metal ferrugento. Por cima das suas cabeças circulavam bolhas a alta velocidade através de tubos transparentes. Viraram à direita e ao contrário do corredor anterior este estava bem iluminado. A luz provinha de uma porta que fora deixada aberta pelo acólito. Havia algo mais do outro lado da porta. Vozes.

Com um gesto quase imperceptível o acólito extinguiu a sua chama e segurou a porta para as visitas entrarem. Múltiplas filas de pilares equidistantes sustentavam o teto alto. O espaço assemelhava-se às cisternas onde era armazenada a água das chuvas, provavelmente em tempos foi essa a sua utilização. A geometria dos pilares contrastava com a desorganização de objetos depositados em mesas, estantes ou simplesmente no chão. No meio do caos houve um objeto que captou a atenção de Icarian.

— Meu caro mestre Kinnosis, como está?

— ...ligando a esta extremidade deveria fechar o circuito e produzir movimento.

— Mestre Kinnosis? Ó homem está-me a ouvir?

— O quê? Ah, senhor Icarian! Não sabia que o senhor estava aí!

— Já reparei.

Só nessa altura é que o mestre se voltou para encarar a sua visita. A sua barba grisalha combinava na perfeição com a lividez da sua pele. Parecia mais pálido desde a sua última visita — talvez por estar exilado neste buraco escuro há já tanto tempo ou talvez por se ter apercebido da sua indelicadeza. Os seus olhos denunciavam a sua culpa.

— Peço imensa desculpa! Estava completamente embrenhado no trabalho. Apanhou-me a meio de uma operação delicada de extrema importância.

— Foi precisamente por isso que decidi visitar o maior génio da humanidade. Para poder ver e perguntar como estão a correr as suas experiências. A sua Santidade está muito entusiasmada com os seus avanços.

— Verdade? Sua Santidade comunicou-lhe isso?

— Pessoalmente.

— Não, não! Não me interprete mal! Longe de mim duvidar da sua palavra. É uma notícia maravilhosa! Em breve milhares de pessoas poderão beneficiar das minhas descobertas.

— E as suas vidas serão para sempre mudadas e melhoradas. E tudo graças a si! Assim que a sua segurança estiver garantida, teremos todo o gosto em revelar a identidade do génio por detrás de todas estas descobertas.

— Acha que sim? Agradeço imenso a sua ajuda e proteção. Tem sido muito intenso aqui em baixo. Já começo a ter saudades da superfície. Saudades do calor da luz do sol, saudades da brisa fresca na cara...

— Mestre, foque-se. Estava prestes a contar-me os seus últimos avanços.

— Tem razão, senhor. Peço desculpa. Neste momento estava—

— Espere, já lá vamos. Antes disso, quais foram os resultados da colheita de Coralyn?

— Certo, certo. As entregas de Coralyn têm sido muito consistentes. Sempre que chega um cristal meço sempre a sua energia. Idealmente o nível de energia deveria ser medido no terreno. Digo isto porque gostava de confirmar se a energia dos cristais se dissipa durante o seu transporte, e em caso afirmativo qual a ordem de grandeza dessa ineficiência. Porque, sabe, o cristal é um sistema aberto em constante relação com a sua envolvente e se—

— Mestre, não se preocupe com optimizações neste momento. E os cristais vindos da floresta? Alguma diferença?

— Afirmativo! É um pouco difícil de explicar sem entrar em detalhes da composição da Energia.

— Resuma numa frase.

— Ambos os cristais são de igual dimensão. Imagine-os como baldes. E quando me entregam esses "baldes" ambos vêm igualmente cheios. No entanto o "balde" vindo da floresta de Calenon é muito mais pesado do que o balde de Coralyn.

— Certo, percebi. Está a ver como o mestre conseguiu explicá-lo de forma simples.

O corpo de Kinnosis relaxou visivelmente e ergueu-se um pouco mais.

— E há alguma consequência prática desse facto?

— Do quê?

Icarian inspirou e depois continuou com toda a paciência que ainda lhe restava.

— Consequência do balde da floresta Calenon ser mais pesado que o de Coralyn.

— Ah claro! A vantagem é que o cristal de Calenon tem um potencial maior. O que eu quero dizer é que permite alimentar máquinas que requerem mais energia, estou a ser claro?

— Mais energia? Como um canhão?

— Um canhão?! Credo! Disparar tanta energia numa área relativamente pequena teria um efeito destruidor. Destruidor é pouco! Cataclísmico! Não me diga que estão a pensar criar tal aberração, porque eu oponho-me veementemente!

— Calma mestre Kinnosis. O mestre pediu um exemplo e eu dei-lho. E se eu tive essa ideia, outros também podem tê-la. Acha que é possível alguém criar um desses canhões? Porque se for, temos de garantir que ninguém o faz, porque como o mestre disse e bem, seria catastrófico uma arma dessas cair nas mãos erradas.

— Teoricamente deve ser possível, embora muito, muito difícil. Há demasiada energia em jogo, seriam precisos materiais muito fortes para conter todo esse potencial. E depois ainda há que concentrar essa energia numa esfera capaz de ser disparada.

— Portanto é possível e devemos ter cuidado.

— Remotamente possível mas difícil. Seria preciso uma mente muito perversa para criar tal atrocidade.

— Não se preocupe. Não deixaremos que tal aconteça.

— Lembrei-me de um exemplo! Estes cristais mais carregados podem servir para conferir maior autonomia às máquinas. Por exemplo, um barco equipado com um destes cristais consegue navegar mais tempo com menos cristais.

— Ora aí está uma excelente ideia. O que nos leva ao que o mestre estava a fazer quando eu entrei.

— Certo, certo! Estava prestes a experimentar ligar pela primeira vez um cristal a um eixo.

— Posso assistir?

— Claro que sim, terei todo o gosto. No entanto devo alertá-lo que está é mesmo a primeira tentativa e algo pode correr mal...

— O que é o pior que pode acontecer?

— Nada. Literalmente não acontecer nada.

— E o melhor?

— O eixo mexer-se e mudarmos o mundo.

— Vamos a isso mestre. O mundo já esperou tempo suficiente.

O sábio mostrou os dentes amarelos num sorriso nervoso. Calçou duas luvas grandes semelhantes às dos ferreiros — em cada uma delas caberiam duas mãos. Na sua mão

direita segurou um fio rígido e prateado. Em cima da mesa encontrava-se uma pequena caixa metalizada. Do seu interior saía um tubo adornado com um pedaço de pano rasgado em cada uma das suas pontas.

— Vou agora iniciar a primeira tentativa da experiência locomoção. Irei introduzir este fio condutor naquele orifício do motor. O fio fecha o sistema. A energia flui pelo fio, do cristal dentro daquela caixa para o motor, a peça principal do sistema que converte a energia pura em movimento controlado. Vou avançar... em três, dois, um...

O sábio estabilizou a mão direita com a outra mão livre. Acertou no orifício e fez o fio deslizar para o seu interior. Icarian protegeu-se atrás do sábio e esperou pelo resultado. De repente ouviu-se um zumbido e o sábio recuou assustado, esbarrando em Icarian. Após Kinnosis se desfazer em desculpas, ambos se recompuseram e se atreveram a olhar a superfície da mesa.

À sua frente o eixo girava freneticamente e os farrapos de pano haviam-se transformado em borões de cor. Era mais rápido do que tudo o que haviam visto. Após alguns segundos os farrapos soltaram-se, um contra a parede mais próxima e outro contra o teto.

— Mestre... isto é um sucesso?

— É um êxito! Logo à primeira tentativa! É mais rápido do que alguma vez imaginei. Agora temos de descobrir como controlar a velocidade.

— E como pará-lo também.

O sábio apanhou uma das luvas do chão e voltou a calçá-la. Aproximou-se cautelosamente do engenho e puxou o fio. O zumbido diminuiu e o eixo abrandou gradualmente.

— Portanto, isto significa que poderemos mover carruagens e navios mais depressa e com menos esforço graças à energia dos cristais.

— Depois de devidamente controlado, pode aplicá-lo a tudo o que se mexa. Ou que se queira fazer mexer!

— Magnífico! Voltou a superar-se mestre Kinnosis! Sua Santidade vai ficar extasiada quando souber as novidades.

— Conhece-me bem, senhor Icarian — disse uma voz gélida.

Mal tinham recuperado do susto anterior, já Kinnosis e Icarian se voltavam para trás procurando a origem da voz. Icarian já sabia o que ia encontrar mas Kinnosis não estava preparado. Os seus joelhos quedaram-se enquanto balbuciava palavras de respeito e de honra. Icarian fez a sua vénia embora não tão profunda quanto as que o bispo e os acólitos mantinham.

À sua frente estava uma figura alta e coberta da cabeça aos pés. Se não tivesse acabado de falar dir-se-ia que se tratava de um boneco. A face estava ocultada por uma máscara dourada que não parecia ter orifícios nem para ver nem para respirar. Um grande círculo negro destacava-se no centro, de onde partiam quatro raios negros que só terminavam nos limites da máscara, dois na vertical e dois na horizontal. Na diagonal havia outros quatro triângulos, estes mais pequenos e inseridos no intervalo dos outros mais longos. Um véu branco cobria o encaixe da máscara. Finalmente, uma peça longa cobria o resto do corpo, desde o pescoço até aos pés e às mãos. O tecido branco estava decorado com linhas douradas, certamente bordadas a ouro, agressivamente largas e simétricas. Os braços estavam rodeados de folhos, que pendiam desde o cotovelo até perto do joelho. Quando a figura trocou o seu bastão prateado de mão, o interior dos folhos emitiu um brilho dourado, e Kinnosis reparou que a palma das suas luvas era carmim como o sangue de um boi acabado de sacrificar. Não precisava ver o rosto para saber que à sua frente estava Ixilak, Sua Santidade em pessoa.

Há quanto tempo havia chegado? Porque decidira visitar o mestre Kinnosis se essa responsabilidade lhe havia sido atribuída? Será que Ixilak começava a duvidar da sua lealdade? Será que ele sabia?



— Está na hora rapazes. Toca a levantar.

Era cedo demais, ainda nem havia luz do sol. A rotina dos marinheiros era precisa e o seu acordo havia chegado ao fim. Agora restava-lhes cumprir a sua parte do acordo e partir.

O cais rangia debaixo dos seus pés. A água escura ondulava sem fazer barulho nem espuma e estendia-se para este, até onde a vista alcançava. No horizonte um ponto brilhou. O ponto alargou-se até formar uma linha. Quando mais subia, mais circular ficava e mais o céu clareava.

Os habitantes de Coralyn mais madrugadores começavam a sair das suas habitações. As casas eram compactas e modestas, feitas principalmente de madeira. Por trás dessas casas surgiam outras mais altas e de aspeto diferente.

— Já reparaste que as casas deles não têm janelas nem portadas viradas a este?

— Pois não... mas porque haveriam de querer dispensar a luz do sol nascente?

— Talvez não possam escolher. Estas casas são o primeiro obstáculo que o vento oceânico encontra após percorrer dezenas de quilómetros. Se estas pobres casas tivessem janelas, as pessoas não iam conseguir dormir com o barulho e o frio desse vento.

Enquanto caminhavam pela avenida, que aparentava estender-se até aos limites da cidade, puderam observar com mais clareza que os edifícios não eram todos iguais. As casas mais afastadas do cais eram mais altas, com telhados mais íngremes e mais janelas. Além disso, o primeiro piso era feito de uma mistura de terra e pequenas pedras enquanto a base era formado por rochas empilhadas, sendo que a madeira apenas era usada nos alicerces ou como aplicação decorativa. As estradas também se tornavam mais estreitas depois de se desviarem da avenida principal.

— Uma cidade deste tamanho há-de ter um mercado à altura. Lá encontraremos com certeza os grãos de café para os nossos amiguinhos. Olha, vou perguntar àquele guarda onde fica o mercado.

O homem no cruzamento das ruas tinha realmente aspeto de guarda. Envergava armadura leve e tinha a sua mão sobre o punho de uma espada. No peito era visível aquilo que parecia ser um brasão de armas, sem dúvida relacionado com Coralyn. Era bastante moreno e tinha um largo bigode preto, ligeiramente levantado nas pontas.

— Bem-vindos a Coralyn. O mercado? É fácil, estão a ver aquela torre? No topo tem um relógio e na base fica o mercado. Continuem pela avenida, viram na segunda à direita, depois sempre em frente, e o mercado será a quarta ou quinta à esquerda. Se se perderem, sigam os pregões — terminou com um sorriso.

Os rapazes agradeceram e fizeram-se ao caminho. Esse caminho não era de terra como em Luca mas sim forrado por pequenos tijolos. Provavelmente os habitantes desconheciam o conceito de sapatos enlameados. Seguiram as indicações e desviaram na segunda rua.

— Reparaste na forma como o guarda respondeu?

— O que é tem de mal? Achei normalíssimo.

— Por isso mesmo. É bom sinal, é sinal que se algo correr mal podemos contar com eles.

Ao terminar a frase, Rikheart apontou para uma rua perpendicular ao caminho que seguiam. Depois levantou o polegar da sua mão esquerda e depois continuou.

— Eu calculava que o mercado ficasse perto da entrada para Coralyn. Em Luca é igual, os vendedores gostam de ficar perto das avenidas onde circulam mais pessoas. Ainda assim perguntei-lhe, só para o testar. Se ele tivesse respondido torto ou me pedisse dinheiro era um alerta de que estávamos entregues à bicharada.

— Não tinha pensado nisso... mas faz todo o sentido. Ainda bem que vim contigo!

Rikheart sorriu e ergueu mais um dedo na mão esquerda, desta vez o indicador.

— Já que és tão espertalhão, ilumina-me com um pouco mais da tua sabedoria, e explica-me porque é que te lembraste de oferecer café aos anões.

— Não fazes nenhuma ideia? Arrisca.

— Que alguns gostem, é normal. Tal como nós, há pessoas que gostam e outras nem por isso. Agora uma razão para *todos* os anões gostarem de café... até porque café é algo que não deve haver em abundância na escuridão dos seus túneis. Como é que eles foram ganhar gosto por uma planta da superfície ultrapassa-me.

— Morno. Estás muito perto da resposta.

— Escuridão dos túneis?

— Vá, eu dou uma pista. O que é que faz o café?

— Deixa um gosto amargo na boca.

— Frio, frio! — Rikheart levantou o terceiro dedo — Devemos estar a chegar, já se ouvem vozes. Agora a sério, que efeito tem o café em quem o bebe?

— Deixa a pessoa mais desperta e enérgica.

— Certo! Como eles não têm luz solar, o corpo naturalmente tem tendência a adormecer. E ao beberem café contrariam esse efeito e conseguem manter-se ativos como qualquer pessoa da superfície.

— Oh, dito dessa forma—

— Até faz sentido não é? — sobrepôs-se Rikheart — Era o que ias dizer.

— Bolas, conheces-me bem demais.

O seu amigo respondeu-lhe com um murro no ombro.

— Continuando... como o café é algo que eles não cultivam, têm de comprar de fora. E é por isso que o vamos oferecer. E esta é a quarta rua.

A quarta rua não era um beco estreito como todas as anteriores mas sim um grande espaço aberto. Com tantos feirantes, o espaço não parecia assim tão grande. Se não as habitações circundantes não fossem tão altas e não conseguiriam ter uma noção do real tamanho do mercado.

Rodric aproximou a mochila do seu corpo com a mão direita e segurou o ombro do amigo com a esquerda. Rikheart seguia à frente, furando a multidão o melhor que conseguia, ao mesmo tempo que examinava as bancadas dos vendedores. Centenas de vozes apregoavam e regateavam em simultâneo e em desafino com os ruídos dos animais. Bastaram uns segundos de distração para Rodric perder o ombro que o guiava. Pelo menos duas pessoas separavam-nos, não conseguia distinguir as caras além dessas duas. Para piorar a sua visibilidade, uma delas equilibrava uma cesta de verga na cabeça. Rodric ultrapassou-a e procurou um rosto familiar entre o mar de gente. Lá estava Rikheart, parado a fazer-lhe sinal com o braço. Voltaram à posição inicial e continuaram a sua busca.

Cada pessoa parecia ter qualquer coisa para vender a outra: jaulas com ou sem animais, vasos, potes, roupas, mulheres que as tiravam, armas e armaduras, barris de bebida, peças de carne do tamanho de pessoas, enchidos, queijos, peixes dos mais variados tamanhos, legumes, frutas coloridas, secas ou torradas, tapeçarias, joalharia em marfim e em— espera frutos torrados? Rikheart estacou e recuou alguns passos. Um vendedor com a pele da mesma cor dos grãos de café vendia-os já torrados, juntamente com outros frutos secos. A sua bancada estava coberta com cestas de amêndoas, nozes, amendoins, e ainda frutos que Rodric nunca vira. Um deles era

amarelado e em forma de cotovelo, aparentemente estava pronto a comer. Mas o outro para ser comestível era preciso abrir a casca bege que protegia o fruto verde que espreitava lá dentro. O seu verde era tão forte e vibrante como as penas da ave enjaulada do vendedor ao lado, e no entanto o homem dizia que o fruto estava maduro.

Trouxeram dois quilos, o suficiente para encher os dois sacos de pano que Rikheart trouxera embrulhados na mochila desde de Luca. Para não massacrar as costas de apenas um, dividiram o peso dos sacos pelos dois. Rodric não conseguiu evitar esboçar um largo sorriso. Conseguiram. Apesar das peripécias, conseguiram completar a primeira parte da sua viagem. Quer dizer, pensando melhor, ainda faltava entregar o café aos anões. Bom, mas pelo menos já tinham os grãos na mão, quer dizer, nas costas.

Rodric tentou comunicar com o seu amigo mas as suas palavras esbarraram nas múltiplas conversas paralelas que circulavam pelo ar. Não muito longe ouviam-se vozes exaltadas e alguns gritos agudos. Só mesmo aos gritos é que conseguiu ouvir Rikheart pedir-lhe para o seguir para fora da confusão que se aproximava. Voltaram a embrenhar-se na floresta de pessoas, com cuidado para não levarem com nenhum ramo na cara. Acabaram por sair numa rua diferente daquela onde haviam entrado. Olharam em redor à procura de um ponto de referência. Nada. Depois encontraram a torre do relógio que o guarda tinha indicado... mas bolas, se estava longe... estavam na outra ponta! Respiraram fundo, daquele ar que não cheirava a animais e suor, aquele ar limpo e leve, mas que ainda assim carregava o peso de uma única palavra:

— LADRÕES!

Olharam instintivamente para trás. Examinaram a rua e os rostos mais próximos o mais depressa que os seus olhos permitiam. Procuravam alguém com um ar suspeito, alguém que não parecesse ser de Coralyn, alguém que trouxesse sacos nas mãos ou nas costas. Só encontraram rostos boquiabertos que se afastavam lentamente e outros ameaçadores que se aproximavam rapidamente.

— Estão ali! AGARREM-NOS!

Só se aperceberam que eram eles os procurados quando deram por si a correr à frente da guarda e dos populares. O instinto tomara conta e a adrenalina alimentava cada músculo das pernas. As suas mochilas saltitavam a um ritmo desconcertante, como se a multidão já lhes estivesse a socar nas costas.

— Rikheart, o que fazemos? Não somos ladrões mas estamos a fugir!

— Com as mochilas não vamos conseguir continuar a correr!

— PAREM OS LADRÕES! — gritava a multidão atrás.

— Olha, um cruzamento ali à frente!

— Não, vai ser pior...

— Cada um para seu lado? Eu vou pela esquerda!

— Esquece, vamos encostar à parede Rodric!

— À parede?!

— A da direita! Mete as mãos no ar! Encosta AGORA!

Rikheart rodou o pé sobre o chão gasto e polido, mudando abruptamente a sua direção em noventa graus. Rodric viu pelo canto do olho o que tinha de fazer e repetiu, pelo menos tentou, tal como quem os perseguia. Alguns populares tropeçaram ao tentar mudar de direção e os guardas que vinham atrás embrulharam-se nos da frente. Rodric também escorregou nas pedras demasiado lisas para os seus sapatos mas conseguiu recuperar e encostar-se à parede. Voltou a levantar os braços, tal como Rikheart lhe dissera. Os populares levantavam-se e os guardas aproximavam-se com bastões. Sentiu o seu tronco demasiado desprotegido, qual era a ideia de Rikheart. Olhou na sua direção e reparou que a sua barriga estava voltada para a parede, com um braço atrás da cabeça e outro entre a cara e a parede. Apressou-se a corrigir a sua postura, mesmo a tempo da sua mochila levar a bastonada que ia dirigida ao seu estômago. Levou outra nas pernas e o seu joelho esquerdo foi projetado contra a pedra fria e áspera da parede. Um raio de dor obrigou-o a fletir as pernas e baixou um dos braços para acudir ao joelho.

— PÁREM! PÁREM! Estão enganados, não fizemos nada!

— É bem-feito! — dizia uma voz feminina — Sempre a dar cabo da vida das pessoas honestas. Gatunos!

Levou outra pancada, agora na cabeça desprotegida. Felizmente ainda conservava um dos braços entre a cara e a parede, caso contrário teria esborrachado o seu crânio contra a rocha. Já a sua língua não teve tanta sorte e foi apanhada desprevenida entre os dois maxilares. A dor impedia-o de articular as palavras e começava a sentir um sabor estranho na boca. Cuspiu para o chão e a pedra ficou tingida de vermelho. Então era este o sabor...

— Olhem o cabrão a cuspir! Dêem-lhe mais!

— ‘Á ‘ÊGA! ‘da-se!

— Sim, está a cuspir sangue. Ele tem razão, já chega! Vamos levá-los para a cela.

Enquanto lhe amarravam as mãos tentou lembrar-se de onde conhecia aquela voz. Não se recordava, nos últimos minutos ouviu demasiadas vozes. Procurou Rikheart mas não conseguia ver com clareza. As dores e as lágrimas desfocavam-lhe a visão. Encontrar-se-iam na prisão... ou noutro sítio mais agradável... não, era melhor ser na prisão.

O barulho de uma tosse repetida acabou por fazê-lo acordar. Rodric abriu um olho a custo e viu uma figura desconhecida cobrir a boca enquanto tossia como se as tripas fossem sair projetadas. Observou as paredes e o teto, tudo de pedra, tudo imundo. O medo e a dor que latejava na sua cabeça forçaram-no a fechar os olhos. Onde é que estava? Quem era aquele sujeito? Nada disto fazia sentido, não se lembrava de nada que pudesse justificar este cenário. Só podia estar a meio de um pesadelo. Nesse caso tinha de acordar, tinha de sair dali. Talvez um beliscão fosse suficiente.

Ao tentar aproximar a mão direita do braço esquerdo, o seu corpo protestou num grito de dor que ecoou do tronco até aos restantes membros. Imobilizou-se. Não precisava de beliscão nenhum — uma dor daquelas já o devia ter acordado. Estava a viver uma situação real e a aceleração do seu coração confirmou a sua constatação. À medida que o seu corpo ia despertando, novos focos de dor surgiam e intensificavam-se. A tontura e a náusea confundiam os seus sentidos. Ainda de olhos fechados tentou mexer as pernas. Sentiu o pé esquerdo mas uma dor muito aguda impediu-o de fletir a perna. Os seus maxilares cerrados seguraram um gemido. Se doía, estava lá — menos mal.

— Rodric?

Uma voz preocupada chamava por si. Alguém naquela espelunca sabia o seu nome e procurava-o. Era uma razão forte o suficiente para fazê-lo abrir os olhos. Um rosto familiar, arranhado e avermelhado, observava-o.

— Acordaste finalmente! — disse Rikheart, com o alívio a suavizar a sua expressão.

— Quem me dera ainda estar a dormir...

— Deixaste-me preocupado, aconteceu tudo tão depressa quando os guardas nos apanharam, deixei de te ver e depois só te encontrei aqui.

— Guardas... e onde é que é aqui?

— Não te lembras? Deves ter levado uma pancada forte na cabeça.

Desviou o olhar e concentrou-se no que se lembrava. Pancada. Joelho. Empurrões. Gritos. Guardas. “AGARREM-NOS!” Mas porquê? “LADRÕES!” Fragmentos de recordações brotavam das trevas do esquecimento. Agora conseguia compreender a sua situação. Infelizmente não se sentia melhor por isso.

— Estamos presos — disse após um suspiro.

— É verdade, estamos numa das celas de Coralyn.

— Fomos perseguidos pela guarda, não foi?

— Sim, estávamos no mercado e ao que parece confundiram-nos com outros dois ladrões. Depois levámos com eles em cima e trouxeram-nos até aqui. Já cá estamos há umas horas. Agora que estás acordado já posso pedir ao chefe da guarda que faça o seu interrogatório. Quanto mais depressa esclarecermos este assunto melhor.

— Eu também estou inocente! — disse uma voz masculina do outro lado da cela.

Não reconhecia a voz e Rikheart obstruía-lhe a visão. Provavelmente era o homem que o acordara há instantes com a sua tosse. Ainda por cima tinham de dividir a cela com um estranho.

— Como é que vieste aqui parar? — perguntou Rikheart.

— Levei uma galinha emprestada do meu vizinho. O fulano fez queixa à guarda, a dizer que a tinha roubado. Mentiroso.

— Mas pediste-lhe a galinha? Ele deu-ta e depois chamou a guarda?

— Não, não foi bem assim. Ele não estava em casa. Quando voltou deu pela falta dela. Porra, no meio de tantas galinhas como é que ele sabe se tem mais uma ou menos uma?

— Ah, então ele não sabia que tu a tinhas levado—

— Ele sabe muito bem que lhe pago assim que puder. Sou um homem honesto mas a pesca está fraca. Lá em casa somos cinco bocas e os miúdos precisam de comer.

— Se lhe pedires desculpa, ele deve retirar a queixa.

— Pedir desculpa? Eu? Mas eu fiz algum crime? Alimentar os meus filhos é crime? Crime é ele ter tantas galinhas e não ajudar quem precisa. Sacana!

A sua garganta não aguentou a exaltação e obrigou-o a tossir novamente. Rodric aproveitou o novo ataque de tosse para fazer mais uma pergunta a Rikheart.

— Onde estão as nossas coisas? — perguntou quase em surdina.

— Não sei, de certeza que revistaram as mochilas. Esperemos que esteja lá tudo quando sairmos daqui.

— Esperemos que sim... chama lá o chefe a ver se resolvemos isto de uma vez. E depois ajuda-me a sentar.

\* \* \*

Rodric mantinha a cabeça entre as pernas. Parecia aliviar-lhe a dor de cabeça e poupava-lhe o cenário degradante em que se encontrava. Ouviam-se vozes de pessoas e sons de carroças, distorcidas e abafadas. A luz e o ar fresco tinham a mesma dificuldade em entrar. A única ligação ao exterior, além da portentosa e robusta

porta, era um buraco perto do teto, indigno de se chamar janela, preenchido por pequenas barras verticais.

Esperavam. Esperavam pelo chefe da guarda. Esperavam por arranjar forma de sair dali. Esperavam por comida. Mas tudo tardava em chegar. Ao manter-se dobrado, Rodric iludia a sua barriga mas não conseguia silenciá-la. Rikheart ouviu e sentou-se ao lado do seu companheiro de desventuras.

— Pelo andar da carruagem, vamos cá passar a noite. O lado bom é que já não precisamos de procurar uma estalagem... nem de pagar!

— Deixa lá que sai-nos cara esta dormida — disse Rodric, o seu tom estava diferente do normal.

— Saiu-nos do pelo, literalmente!

Rodric levantou a cabeça e olhou o seu amigo nos olhos. Mesmo quando haviam batido no fundo, Rikheart conservava a sua disposição para fazer piadas. E naquele momento Rodric precisava de qualquer luz para aguentar a escuridão que se aproximava.

— Obrigado — disse com a voz embargada.

Enquanto secava os olhos, Rikheart pousou uma mão no seu ombro. Nenhum deles possuía capacidades místicas como Roxy. Se assim fosse, Rodric poderia dizer que sentira o seu corpo ser carregado de energia vinda do seu amigo. Talvez fosse apenas alento. Talvez fosse simplesmente o vento frio do fim da tarde.

— Prometi que te protegia. Não te preocupes, vamos sair desta.

Rikheart viu o seu amigo esboçar um sorriso pela primeira vez deste que haviam sido encarcerados. Era ténue mas claramente genuíno. Rodric mudou de assunto.

— Lembrei-me agora da Roxy. O que será feito dela? Por esta altura já deveria ter chegado a Luca... espero que esteja a ter melhor sorte que nós.

— Sim, de certeza. O caminho até Luca é relativamente direto e não tem perigos. Mesmo que tenha passado por Nelay eles não estão à altura dela.

— Nunca conheci uma rapariga tão fria e tão misteriosa.

— Sim, agora que falas nisso, é capaz de ser uma rapariga interessante de conhecer. Sabemos tão pouco dela... e aqueles olhos...

O olhar e a imaginação de Rikheart divagaram. Era o que acontecia sempre que se falava em raparigas.

— Sabes lá como é que eram os olhos dela. Estás a inventar, era de noite! E não nos



devemos esquecer que ela é de Lanakuv.

— E então? Fica-te mal, como habitante de Luca e como pessoa, seres tão preconceituoso.

— Não é isso... pronto, chama-me desconfiado. Ela apontou-nos um bastão flamejante! E a história de guerra e provocação de Lanakuv não abona a favor dela!

— Preocupas-te demasiado. Quem sabe se o mundo não precisa de testemunhar que o amor é possível entre duas pessoas de culturas tão diferentes... Lanakuv, a incompreendida, e Luca, a tolerante... Roxy, a poderosa ilusionista, e Rikheart, o destemido cavaleiro... Os seus filhos—

Foi interrompido pelo barulho de metal a deslizar. Rikheart já estava de pé, gesticulando os braços para reforçar as suas palavras, um discurso digno de melhor plateia. No topo da porta surgiu uma fenda e um par de olhos.

— Ei tu, fala-barato! O chefe quer falar contigo e com o teu cúmplice. Aproximem-se da porta!

— Finalmente. Sabe que estamos à espera dele desde manhã, certo?

— Caluda, agora falo eu — respondeu outra voz.

Não era a voz grave e profunda que Rodric estava à espera. Mesmo assim atravessava a porta, cortando o ar até aos seus ouvidos... por enquanto apenas o ar. A luz era cada vez menor e mal conseguia distinguir o rosto que os mirava pela grade da porta.

— O teu cúmplice ainda está sentado porquê?

As palavras do chefe da guarda trespassaram-no e o coração de Rodric parou por instantes. O seu amigo apressou-se a defendê-lo.

— Está a recuperar da tarefa que os seus guardas lhe deram.

— Trá-lo até aqui.

Rodric não percebeu o que o chefe disse, tal era a risada atrás da porta. Ao ver Rikheart aproximar-se calculou que tivesse de levantar-se. Apoiado no seu ombro e coxeando caminhou a penosa e curta distância até à porta.

— Tu, ladrão de galinhas, vira-te contra a parede. E tu, chega-te para trás. Vamos abrir a porta e ter uma conversa com o teu amigo. Se algum de vocês se armar em esperto, encurtamos a conversa e a vossa história acaba aqui. Perceberam?

— Percebemos — apressou-se a dizer Rodric.

— Não queremos problemas, só queremos que nos oiça e nos deixe sair — acrescentou Rikheart.

— É o que vou fazer.

Uma vela de esperança acendeu-se no coração de Rodric ao ouvir a última frase proferida pelo chefe da guarda, até aqui severo e frio como as grades da porta. Rikheart recuou e Rodric amparou-se à parede com as suas pernas a tremer de forma involuntária. O seu corpo não conseguia ocultar a fragilidade da sua mente. Cerrou o punho para libertar a sua raiva. Já não estava zangado com os guardas que bateram num inocente. Já não estava revoltado com o chefe autoritário que o tratava como um cão. Estava apenas zangado consigo. Em Luca era um membro respeitado da família Carvalho. Respeitado porquê? Que fizera ele para merecer esse louvor? Vivia à sombra dos seus antepassados e a luz do protagonismo fulminou-o ao primeiro toque. Fora incapaz de se defender, de resistir. Perdera a sua dignidade em frente ao seu melhor amigo. Envergonhara o nome da sua família.

A porta chiava enquanto abria lentamente, apenas o suficiente para o prisioneiro a atravessar de lado. Cambaleou até à ombreira da porta e logo dois guardas o seguraram e o puxaram para fora da cela. Sentaram-no num banco enquanto o som dos trincos ecoavam pelo corredor. Os seus olhos demoraram a habituar-se à luz dos archotes mas o chefe não perdeu tempo.

— Isto funciona assim: eu dou-te uma pergunta, tu dás-me uma resposta. Uma pergunta, uma resposta. Se não me dás a resposta que eu quero, então temos um problema. E se nós temos um problema, TU tens um problema. Fui claro?

O chefe estava tão próximo que sentia a sua respiração na cara. Rodric afastou-se e desviou a cara antes de responder.

— Sim.

— O que fazes em Coralyn?

— Estamos em viagem pelo país. Parámos em Coralyn para comprar café.

— Estava assim tão caro para terem de roubar?

— Comprámos dois quilos de grãos de café e pagámos... quatro, não, três moedas de cobre. Não tenho bem a certeza depois da pancada que levei.

— Se são compradores assim tão honestos, porque é que fugiram da guarda?

— Porque por alguma razão os seus guardas nos confundiram com alguém e desataram a correr e a gritar atrás de nós.

— “Confundiram com alguém”? Mas há mais como vós? Quantos são ao todo?

— Não há nós, sou só ele e eu. Não conhecemos ninguém em Coralyn, nem trouxemos mais ninguém connosco. Eu quero acreditar que nos confundiram com alguém porque a outra justificação é os seus guardas perseguirem e agredirem inocentes!

— Eh... ‘tão? Queres apanhar mais? — disse um dos seus guarda-costas.

— Vou voltar a perguntar. Porque é que fugiram?

— Por instinto, por medo, por ter uma multidão a correr atrás de nós sem razão aparente. Depois decidimos parar e entregar-nos de forma voluntária, porque achámos que seria melhor assim e nos iam explicar por que razão nos perseguiram. Em vez disso fomos batidos na hora e trazidos para aqui. E agora estou a ser questionado sem saber do que sou acusado. Posso saber?

— Lembra-te das regras. Eu faço as perguntas. Tu estás a ser interrogado porque houve um furto no mercado e o lesado queixou-se que eram dois jovens de mochila às costas. Vocês encaixam na descrição não é?

— Pois, e suponho que éramos os únicos jovens de mochila às costas naquele mercado cheio de viajantes.

— Não, mas foram os únicos que fugiram da guarda. Um comportamento comum aos ladrões.

Os dois guarda-costas de Rodric e o guarda que segurava a porta riam. O chefe tinha razão, se estavam inocentes deviam ter-se entregue logo à guarda. Quando terminasse o interrogatório teria uma lição a ensinar ao Rikheart. Contudo, ainda não se dava por vencido.

— Já lhe expliquei que somos viajantes, honestos, que entraram em pânico quando viram a sua guarda em perseguição — repetiu, pausando cada palavra de forma entediada — Se acha que somos ladrões, então os artigos roubados deviam estar nas nossas mochilas. O que é que foi roubado?

— Não te vou responder. Mas posso-te dizer que não o encontramos nas vossas mochilas. Onde é que está escondido?

— Por favor, pare com a teoria de sermos ladrões! Esse vendedor que venha aqui ver a nossa cara e vos diga se fomos nós ou não, já que mais ninguém acredita em nós, dois jovens de Luca, a vila tolerante. A minha mãe pertence à Mesa que decide os destinos da vila e o pai do Rikheart é o líder dos cavaleiros que protegem todos os habitantes. Pergunte ao senhor Dinari que gere o pomar de Iessi-Iessi se lhe roubámos alguma coisa, quando lá estivemos há dias a trabalhar no duro para termos o que comer. Pergunte ao mestre do barco que faz a ligação de lá até esta... afável cidade, pergunte-lhe se lhe roubámos alguma coisa na viagem. Ou então tenha a decência de avisar as nossas famílias que nos detém aqui... sem provas.

A revolta crescia dentro de si. Se antes eram as pernas que lhe tremiam, agora eram as mãos. O que é que estava a fazer? Estava a desafiar a pessoa que tinha controlo sobre a sua vida! As suas famílias estavam mais longe do que o horizonte. Se alguém decidisse acabar com eles, ninguém ficaria para contar a verdade. Ninguém os podia

acudir mas isso não significava que tinham de se render. Morreria como um Carvalho, não como um reles ladrão.

— Bom, já falaste que chegue e eu já tenho as respostas que preciso. Uma noite na cela vai-te fazer bem aos nervos.

\* \* \*

A brisa gelada que passava pelas grades, a fome que dilacerava as estranhas, as dores que martelavam a sua cabeça, a superfície rígida a que era obrigado a chamar cama, tudo isto mantinha a mente de Rodric desperta noite dentro. Pior estava o Rikheart que ofereceu-se para dormir no chão. Era um bom amigo, o melhor que podia ter. Depois de lhe contar os pormenores do seu interrogatório, sorriu. Provavelmente ficara tão destroçado como ele. Apesar disso a sua aura mantinha-se inabalável — tinha de ser forte, pelos dois. “Temos de esperar” foi a única coisa que disse. Quem lhe dera poder acelerar o tempo até ser novamente outro dia. Mas para quê? Estavam ali presos, sem provas, e sem esperanças. O chefe da guarda mantinha-se irredutível. Só um milagre os poderia libertar. Não custava pedir, afinal de contas estava acordado e a noite era longa.

\* \* \*

A aurora surgia e os pássaros despertavam. Entretinha-se a tentar reconhecer as espécies pelo canto. O seu passatempo foi interrompido pelo barulho de metal a deslizar. Ainda deitado, deslizou a cabeça na direção da porta e manteve os olhos semicerrados. Conseguiu distinguir a porta a abrir e três vultos a entrarem.

— Levanta-te ladrão de galinhas.

Rikheart acordou com as vozes e ergueu o tronco. Tentou, mas logo quebrou-se, tinha o corpo demasiado dorido da noite.

— Hum... O que é que se passa? Ei, calma! O que é que querem?

— Pega nos sapatos... — começou o guarda até ser interrompido pelo ataque de tosse matinal do prisioneiro — Calça-te e vem connosco.

— O que é que eu fiz agora?

— Vais ser libertado. Se fosse a ti despachava-me.

A novidade inesperada foi difícil de engolir e voltou a tossir, só que desta vez cuspiam gargalhadas. Rodric e Rikheart entreolharam-se.

— Vocês vão continuar aqui. Aquilo que roubaram vale mais do que umas meras galinhas.

— Boa sorte camaradas! Cuidem-se!

E a porta fechou-se atrás deles.

— E agora?

— E agora já tenho onde dormir — respondeu Rikheart ao levantar-se.

— Fogo, tu não tens emenda... Pelo menos já podemos falar à vontade. Achas que estes tipos são subornáveis?

— Não me parece. Eles têm as nossas mochilas, podem tirar o que quiserem — sentou-se na cama em frente a Rodric, a sua expressão era finalmente séria — A partir de hoje temos de mudar de atitude. Já vimos que não vai dar para convencê-los da nossa inocência, vamos ter de conquistá-la.

— O que queres dizer com isso?

— Eles não nos podem deitar abaixo.

Rikheart convenceu o amigo a fazer o aquecimento dos treinos dos cavaleiros. Com cuidado e mais devagar do que o costume exercitaram cada músculo do corpo. Muitos ainda estavam doridos mas já era suportável. Enquanto estivessem presos era importante manterem a forma. A qualquer momento poderiam precisar de se defender ou aproveitar uma oportunidade. Não menos importante, a mente precisava estar ocupada.

A manhã voou e o suor escorreu pela cara. Três baques na porta quebraram a concentração dos dois reclusos. O metal voltou a deslizar e uma voz vagamente familiar pediu para se aproximarem. A boca de Rikheart rasgou-se num sorriso mudo. Rodric demorou um pouco mais até fazer o mesmo. Atrás das grades da porta estava o guarda que lhes indicou a localização do mercado. Porque é que estava ali? E porque é que... demorara tanto tempo?

— Ponham-se bonitos, está aqui alguém que precisa olhar-vos de alto a baixo. Não se preocupe, eles não conseguem fazer-lhe mal. Só precisa de espreitar e dizer se foram estes os dois indivíduos que o assaltaram. Venha, aproxime-se.

A face do guarda desvaneceu-se após um breve piscar de olho. Outra cara surgiu, apenas distinguiam o brilho dos olhos. O brilho deslocava-se rapidamente da esquerda para a direita.

— Não receie, nós estamos aqui para o proteger. Aproxime-se e olhe com atenção. Afinal de contas a vida destes dois jovens está na sua mão. Não se precipite. Reconhece a cara de algum deles? As roupas deverão ser as mesmas.

Conseguiram agora distinguir completamente a expressão apavorada do vendedor. Bastaram alguns segundos para as rugas da sua testa suavizarem e as suas sobranceiras descerem. Desviou o olhar mas não disse uma palavra. Seria possível estar hesitante?

— Senhor, por favor — disse Rodric.

— O senhor é a nossa única salvação — acrescentou Rikheart.

O vendedor continuou de olhar pregado ao chão e desapareceu. O metal raspou e o silêncio voltou a encher a cela. Rodric teve de sentar-se. A única esperança de saírem daquele buraco olhou-os nos olhos e voltou-lhes as costas. Que hipóteses restavam?

Rikheart foi para junto da porta e encostou o ouvido no local alguns instantes antes havia estado a face do vendedor. Deslizava a orelha pela porta, subindo e descendo a cabeça como um cão que fareja o ar em busca de um rasto ténue. Depois parou e encostou o corpo à porta. Rodric observava intrigado e quando o seu amigo lhe fez sinal para se aproximar já ele próprio se encontrava de pé. Repetiu o processo e encontrou um local onde conseguia ouvir uns murmúrios.

— ... encontrámos nada... roubaram... esconder...

A voz que ouvia era provavelmente a do guarda. Calou-se e surgiu outra voz muito mais baixa. Rodric esmagou a orelha contra a porta mas as palavras continuaram impercetíveis. A voz mais grave voltou a ouvir-se.

— ... não há... só... decisão é sua... procurar... não tem... é melhor... condenar... não vai... roubaram.

De onde estava, Rodric só conseguia apanhar as palavras mais fortes. Será que Rikheart estava a apanhar melhor o discurso entre os dois? Agora não era a altura certa para perguntar, logo teriam tempo de juntar os fragmentos do que perceberam. Voltou a focar-se nos sons do outro lado da porta. Estava novamente com dificuldade em distinguir palavras. Estaria o vendedor a falar ou ter-se-iam afastado da porta?

Pressionou o seu ouvido contra a porta com mais força na tentativa de ouvir melhor. Nada. E do nada fez-se ouvir o som do trinco a deslizar pelo metal. Rodric empurrou a porta para longe de si num salto, caindo desajeitadamente no chão. O ruído pareceu furar-lhe a cabeça de orelha a orelha. Os seus olhos, semicerrados pela dor, vislumbraram Rikheart pressionando as mãos nos ouvidos, na mesma situação.

O guarda entrou e deixou a porta aberta atrás de si. Observou intrigado os dois jovens.

— Estão a jogar alguma coisa?

— O QUÊ? — perguntou Rodric enquanto massajava as suas têmporas.

— Ei calma, estão a gritar comigo porquê?

— Desculpe — começou Rikheart — o barulho da porta apanhou os nossos ouvidos desprevenidos.

— Não estão presos assim há tanto tempo para os vossos ouvidos terem ficado tão

sensíveis. Bom, mas isso agora não interessa. Acabaram de ser libertados!

— O QUÊ?!

Desta vez Rodric ouviu perfeitamente as palavras, simplesmente não acreditava nelas. Desejava-as mas eram simplesmente demasiado boas para serem verdade. Teriam as suas preces sido ouvidas por uma vez?

— Mas como? O chefe da guarda tomou essa decisão? — continuou Rikheart ignorando a histeria do seu amigo.

— Não propriamente, ele ainda não foi informado. Não façam essa cara — baixou a voz antes de continuar — nem esse tipo de perguntas. Se não fosse eu ainda aí estavam.

Rikheart pigarreou.

— Portanto, o vendedor confessou que não fomos nós certo?

— Foi isso mesmo. Uma vez que foi ele que fez a queixa, não há motivo para vos prender aqui, ainda mais num dia de festa como o de hoje.

— Que festa?

— O vendedor tomou a decisão correta — disse Rikheart, ignorando a pergunta do seu amigo — O que eu gostava mesmo era de falar com esse chefe da guarda, que sempre duvidou da nossa inocência apesar de não ter qualquer prova contra nós, e agora está visto sempre dissemos a verdade. Parece-me que uma compensação seria justa. Afinal de contas a nossa viagem foi interrompida e há diversas formas de ele nos poder retribuir.

— Pois, isso já não sei, terão de falar diretamente com ele. Ele está no portão da cidade a tratar da segurança do nosso convidado.

— Mas o que é que há hoje? Que convidado?

— O Icarian vem a Coralyn.

— Quem é?

O guarda pestanejou por momentos, sem saber se os jovens estavam a gozar com ele ou se não sabiam mesmo de quem se tratava. Como era possível não saberem? De que terrinha saíram estes dois miúdos?

— Nunca ouviram o nome dele? Icarian, o homem que nos ofereceu o farol gigante. O *Senhor* de Lanakuv, como eles dizem. Pelo menos sabem onde fica Lanakuv certo?

Conheciam. E de lá não podia vir coisa boa.

O guarda escoltou-os até à saída. Ao abrir a porta para a liberdade tiveram de cobrir os olhos com a mão. Os seus olhos já não se lembravam do quanto brilhava o sol; os seus ouvidos já só conheciam sons abafados, graves e agressivos; os seus narizes despertaram para a variedade de cheiros que percorria as ruas de Coralyn.

— Já tinham saudades, não—

O guarda interrompeu-se quando reparou que os dois rapazes estavam de olhos fechados. A sua respiração profunda era audível mesmo na confusão da rua. Assim ficaram durante um momento, a despertar cada um dos seus sentidos entorpecidos.

— Sentem-se bem?

— Agora sim — respondeu Rikheart abrindo os olhos e sorrindo.

Rodric aproximou-se do guarda e deu-lhe um aperto de mão.

— Estamos para sempre agradecidos por nos ter tirado daquele buraco.

— Eu só fiz o meu dever: proteger os inocentes.

Ao ouvir aquela frase tão familiar, Rikheart aproximou-se e abraçou o guarda.

— Que o Criador o recompense cem vezes pela sua bondade.

— Que Ele vos oriente e afaste do perigo.

— Acredite que nós tentamos, mas ele acaba sempre por nos encontrar! — gracejou Rodric.

Despediram-se com um último aceno e olharam em redor. Tinham de encontrar o chefe da guarda e acertar contas com ele. Felizmente as suas mochilas não foram confiscadas e nenhum dos seus pertences desaparecera, nem mesmo as moedas de ouro. Mesmo assim, foram presos injustamente e a sua viagem atrasada. Se pedissem uma compensação teriam a razão do seu lado. Não custava tentar.



As ruas estavam estranhamente calmas e vazias. Onde é que se meteu toda a gente? O guarda reparou no desnorte dos dois rapazes e ajudou-os mais uma vez.

— O chefe está no portão principal! Vão até ao final da rua, virem à direita e apanhem a avenida. Depois é seguir a multidão. Perguntem pelo portão principal! Boa sorte!

Agradeceram mais uma vez e seguiram caminho. Se a população de Coralyn estava toda no portão principal à espera do senhor de Lanakuv seria difícil ou mesmo impossível de encontrar o chefe da guarda. Depois de apanharem a avenida de Coralyn foi fácil ver onde ficava o portão principal. Àquela distância parecia uma enorme boca com a língua de fora — uma língua de gente. As crianças passavam por eles a correr e logo atrás seguiam os pais em passo acelerado, na esperança de arranjar um lugar com a visibilidade possível e não a desejável para o evento em questão. Rikheart ajeitou a mochila e seguiu atrás de um dos miúdos. Rodric apressou-se a fazer o mesmo para não o perder de vista. A última coisa que queria era perder-se naquele mar de gente. Muitas pessoas juntas acabava sempre mal e ainda agora havia-se livrado da sua cela bolorenta.

— Andem para à frente! — protestou uma voz sem rosto.

— Quer explicar como?!

— Não vê que dá para avançar?

— Ele tem razão, os da frente que andem!

Uma parede de gente impedia-os de avançar. O calor do sol e a pressão do tempo começavam a alterar o humor dos espectadores. Se quisessem ver alguma coisa teriam de abrir caminho. Rikheart falou com o miúdo que tinha seguindo até ali.

— Se ficares aqui não vais conseguir ver nada.

— Que seca.

— É uma pena... ouvi dizer que o Icarian vai trazer um ilusionista.

A boca do miúdo escancarou-se de espanto e começou a olhar em redor. De cada lado da multidão só havia muralha, demasiado alta para trepar. Cerrou os punhos. Entretanto Rikheart segredou a Rodric que o miúdo ia indicar-lhes o caminho. Sem outra hipótese o miúdo esticou os braços e começou a desbravar a floresta de pernas à sua frente. Cada vez que as pessoas se desviavam para a criança passar surgia uma abertura momentânea.

— Anda! — anunciou Rikheart com uma cotovelada a Rodric.

Rodric segurava a mochila de Rikheart para não o perder. Rikheart tentava acompanhar o miúdo o mais perto possível sem lhe pisar os calcanhares. Por vezes esbarrava em pessoas rabugentas que lhe perguntavam se achava que era mais que

os outros ou porque é que não esperava pela sua vez. Rikheart desculpava-se dizendo que era irmão do miúdo e que não o podia perder. A criança estava tão focada em atravessar o portão que não perdia tempo a desmenti-lo. Por momentos olhou para cima e viu sobre a sua cabeça os dentes do portão principal. Estavam quase do outro lado!

— Estás a ir bem miúdo! Estamos quase lá!

Homens e mulheres, peles de todas as cores, umas mais enrugadas que outras, Coralyn em peso estava presente e aglomerada em redor daquele pórtico. Apenas uma parte desta multidão iria conseguir ver e ouvir em primeira mão. Os outros lá atrás iam ouvir o relato dos desenvolvimentos depois de a mensagem saltitar por dezenas de bocas e ouvidos.

Assim que atravessaram o portão, erguendo-se acima de todas as cabeças, avistaram o que parecia ser... um farol? O que fazia outro farol, aqui, tão longe de qualquer barco, quando já havia outro perto das docas? Por instantes, a mochila de Rikheart fugiu do aperto de Rodric. Agora não se podia distrair, mais tarde teria tempo para observar aquele monumento.

O miúdo atravessou a última pessoa e ficou na fila da frente. Rikheart tocou-lhe no ombro e deu-lhe uma moeda seguida de um agradecimento. O rapaz encolheu os ombros e guardou a moeda no bolso sem reagir. No entanto quando se ouviu que ao longe se avistara uma carruagem, pulou e dançou de alegria. Enquanto o anúncio se fazia ouvir, a multidão silenciou-se. No topo de um palco improvisado, alguém com uma luneta confirmava que uma carruagem se aproximava e ostentava a marca de Lanakuv. No final do anúncio, o silêncio deu lugar a uma explosão de conversas e rumores. As cabeças voltaram-se para a direita e esticaram-se na tentativa de vislumbrar a chegada do senhor de Lanakuv.

O burburinho encheu-se de exclamações, aqui e ali, à medida que um boato circulava pela multidão.

— Louvado seja o Criador!

— Não pode ser, é uma ilusão do calor, estou-te a dizer.

— O que é que se passa? — perguntou Rikheart a um casal à sua direita.

— Estão a dizer ali à frente que a carruagem não traz cavalos e que se desloca sozinha — disse num tom perfeitamente calmo talvez até entediado.

A tranquilidade do homem contrastava com os que o rodeavam. Rodric exclamou de admiração e tapou a boca com a mão direita. A maioria das pessoas mais próximas teve a mesma reação.

— Mas isso é impossível — exclamou Rodric.

— Pois, foi o que eu lhe expliquei — disse o homem apontando para a sua acompanhante, que cruzou os braços e olhou na direção oposta — Deve ser aquele efeito do calor, uma miragem, é assim que se diz não é?

— Olhe que não. Lá à frente estão a dizer que só vêm o condutor e poeira atrás deles.

— Está bem, logo vemos quando ele chegar aqui. Às tantas são prisioneiros que estão a empurrar a carruagem para castigo e estão escondidos pela nuvem de poeira.

— Pelo que ouvi dizer, ele era *senhor* para fazer isso — acrescentou alguém.

Os boatos continuaram até o ruído das rodas ser audível. Com a chegada dos factos, os boatos calaram-se. As bocas escancararam-se, sem que nenhum som se atrevesse a sair. A única coisa que a multidão foi capaz de fazer foi inspirar sonoramente em uníssono. Depois disso susteve a respiração, quando à sua frente parou uma carruagem negra de rodas douradas. Não havia cavalos. Não havia prisioneiros. Só havia uma grande estrela dourada e um homem sorridente atrás do vidro.

Os guardas pareciam ser os únicos que conservavam a sua lucidez e mobilidade. Os guardas que se encontravam em frente ao palco rodearam a carruagem, cada um segurando o cabo da sua espada sem perceber o que se estava a passar. Depois do condutor lhes assegurar que estava tudo bem, formaram uma barreira desde a carruagem até às escadas do palco, olhando nos olhos da multidão estarrecida.

O condutor da carruagem desceu as escadas e deu a volta até à porta. Rikheart sentiu algo segurar a sua perna. Desviou o olhar rapidamente e reparou que um miúdo, o mesmo que os ajudara a navegar pelo mar de gente, abraçava a sua perna esquerda totalmente aterrorizado. Era compreensível, ele próprio sentia-se inseguro perante tudo o que observava. O seu treino fortaleceu-o o suficiente para o seu corpo não revelar a hesitação da mente. Pousou a mão na sua cabeça e afagou-lhe o cabelo. O abraço do miúdo afrouxou e ele próprio tranquilizou-se. Os seus olhos voltaram a fixar-se na porta da carruagem, arrependidos da interrupção. Se conseguisse olhar em redor teria reparado que havia por ali muitos miúdos crescidos — alguns pais e até avós — abraçados aos seus familiares, amigos ou na ausência a si próprios.

O condutor segurou a porta e fez sinal ao homem do palco, que estava tão alheado como qualquer indivíduo da assistência. Ao perceber que o responsável por anunciar a chegada do convidado era imune ao seu olhar fulminante, pigarreou no silêncio pesado, e apresentou o seu ilustre passageiro.

— Convosco, eleito por sua santidade e abençoado pelo Criador, Icarian, o senhor de Lanakuv.

Após este breve instante na ribalta, o condutor regressou à sua posição — oculto e vassalo atrás da porta que abriu. O homem do palco apercebeu-se da sua distração e tentou disfarçá-la puxando pelo público entorpecido.

— Coralyn recebe o senhor de Lanakuv com alegria e uma salva de palmas! Viva!

Icarian saiu da carruagem e abriu os braços para receber os aplausos da multidão. Rodric nunca vira alguém vestir uma roupa tão elaborada. Aos seus olhos ignorantes pareceu-lhes um misto de farda militar com fato de gala. O fato era principalmente azul-escuro e preto e a maioria dos detalhes dourados. As mangas e as calças eram pontiagudas, com duas grandes abas atrás que lhe chegavam aos pés. À primeira vista, as suas vestes eram a única coisa que não envergava a famosa estrela de Lanakuv, no entanto, olhando com mais atenção, ela brilhava lá, em todas aquelas linhas ricas e douradas.

Por reverência ou por temor, o público aplaudiu com entusiasmo a saída de Icarian da carruagem. Mesmo que não fosse o senhor de Lanakuv, quem chegava numa carruagem que se movimentava aparentemente sozinha, merecia todas as palmas que lhe pudessem bater. Tal como a maioria das pessoas no público, Rikheart movimentava a cabeça para cima e para os lados à procura do melhor ângulo para observar o desfile de Icarian até ao palco através do muro de guardas. Rodric observou o seu amigo por um instante, era hilariante vê-lo naqueles trejeitos, parecia mesmo uma coruja que viu algo mexer na erva alta e tenta perceber o que foi e para onde vai.

Já em cima do palco, Icarian recebeu o calor da multidão e aconchegou-o junto ao peito numa curta vénia. O seu longo cabelo de carvão agitou-se com o movimento. Das suas têmporas pendiam duas madeixas de cabelo que tocavam o seu fino queixo. O restante cabelo estava puxado atrás e apanhado num rabo-de-cavalo.

Uma mão no ar silenciou as palmas e as vozes. Icarian baixou-a e dirigiu-se à audiência.

— Amigos de Coralyn. Obrigado pela vossa calorosa receção. Vocês são realmente um povo excecional e por isso decidi fazer-vos uma visita, para vos mostrar algo igualmente excecional. Os vossos olhos estão a vislumbrar o futuro — afastou o braço direito, apontando na direção da carruagem — A espécie humana é capaz de feitos extraordinários e deixem-me dizer-vos... isto, isto é apenas o começo.

A curiosidade da multidão era audível.

— Como senhor de Lanakuv o meu dever é para com a minha cidade. No entanto, a minha ambição pessoal é melhorar a vida de todos os homens e mulheres que pisam esta terra. Como tal, e com a bênção de Sua Santidade, reuni os melhores sábios para encontrarem soluções que facilitem a vida de todos vós. Este é o primeiro resultado. À vossa frente está a primeira carruagem capaz de se deslocar sozinha. Sem bestas. Sem ilusões.

Aquilo que todos suspeitavam acabara de ser confirmado. O barulho de dezenas de conversas paralelas foi abafado por uma salva de palmas espontânea.

— Para que serve uma carruagem destas? E se eu vos disser que ainda hoje de manhã eu estava em Lanakuv a tomar o meu pequeno-almoço e agora estou aqui?

A audiência demonstrou a sua descrença e surpresa. Tudo o que era até agora era impossível ou difícil Icarian demonstrava o contrário.

— Não pode ser!

— Mas isso é uma viagem de dois dias!

— Calma, calma. Eu percebo a vossa incredulidade. Quando me disseram que era possível também não acreditei. Mas dou-vos a minha palavra de honra, como senhor de Lanakuv, em como tudo o que disse é verdade. Esta carruagem não tem sede, não precisa de feno, nem de descansar. Além disso é rápida, muito rápida. É tão rápida que por mais bestas que acrescentassem nunca conseguiriam ser tão velozes. De Lanakuv a Coralyn em — conferiu o relógio de bolso que segurava na mão — apenas três horas.

O público trocou entre si olhares embasbacados, uns de boca escancarada, outros de sorriso nos lábios, outros batendo palmas de forma eufórica.

— E, como vos disse, isto é apenas o início. Os tempos que se aproximam são de prosperidade e tranquilidade. Gostariam de viver num mundo onde os vossos barcos não precisam de remos nem de velas para navegarem? Um mundo onde o Homem trabalha menos e se diverte mais? Sim? Então esse é o mundo que Lanakuv está a criar! E que quer partilhar com Coralyn!

— Viva Coralyn! — exaltou Icarian com o seu punho direito levantado.

— VIVA!

— Viva Lanakuv!

— VIVA!

O povo de Coralyn, totalmente rendido ao sonho de Icarian, ofereceu-lhe um sonoro aplauso. Icarian dava-lhes mais do que sonhos. Ninguém seria capaz sequer de sonhar que algum dia existiriam carruagens que andassem sozinhas. E no entanto o senhor de Lanakuv havia-o tornado realidade. Ele realizava o impossível. Quem é que não queria viver no mundo dele?

Foi Rodric quem recuou primeiro. Sentia-se indisposto. Talvez fosse a fome acumulada da sua estadia na prisão, talvez fosse o calor que começava a apertar, talvez fosse o preconceito que mantivera por Lanakuv que afinal oferecia uma vida melhor a todos em troca de nada. Quando Rikheart questionou o que se passava, respondeu-lhe que ia abrigar-se na sombra do portão. Rikheart seguiu-o até voltar a ouvir a voz de Icarian.

— Ah, mas há mais uma coisa.

O público mais distante do palco, já dispersava e voltava à sua rotina. Várias centenas de pessoas ainda se mantinham perto o suficiente para o conseguir ouvir. Aproximaram-se mais e os guardas fizeram o seu trabalho. Icarian baixou a voz.

— Não precisam de acreditar na velocidade desta carruagem: eu vou provar a um de vós! Antes da noite chegar, esta carruagem é capaz de levar um de vocês até Lanakuv e voltar. E como prova de que estive realmente na minha cidade, irá trazer um exemplar de rocha vulcânica, das que só existem em Lanakuv. Digam-me, quem quer boleia?

Agora se percebia porque é que Icarian tinha deixado esta oferta para o final. Se a multidão inicial tivesse ouvido a proposta, certamente o caos ter-se-ia instalado e pessoas magoadas. Ainda assim, os guardas tiveram dificuldade em controlar as pessoas mais próximas, que agitavam os braços freneticamente no ar na esperança do seu histerismo dar nas vistas e lhes garantir o lugar.

— Tu rapaz, aproxima-te, vamos dar uma volta até Lanakuv.

Os guardas afastaram-se e deixaram o rapaz atravessar o cordão humano. O condutor da carruagem abriu a porta e Icarian entrou acompanhado do miúdo. Rikheart reconheceu-o, era o mesmo miúdo que os havia conduzido até à primeira fila da multidão. “Cheio de sorte” disse para consigo. Outra figura seguiu-os de perto. Também envergava a estrela de Lanakuv mas durante todo este tempo Rikheart não tinha sequer reparado nele. Entrou e depois de um último olhar fechou a porta. Rikheart cerrou os olhos.

— Aquele tipo... aquela cara não me é estranha... Rodric aquele—

Olhou à sua volta e reparou que o seu amigo estava mais atrás. Atravessou a multidão que os separava o mais depressa que pode.

— Rodric, viste aquele... Epá, sentes-te bem? Parece que viste um fantasma!

— E vi. Era ele.



# O PRIMEIRO VOLUME ACABA AQUI

Mas a história continua.

Para seres notificado da publicação do 2º volume  
“EM NOME DE IXILAK”  
deixa o teu e-mail em [diigonunes.com/livros/quero-mais](http://diigonunes.com/livros/quero-mais)

O que podes fazer entretanto? Podes partilhar com os teus amigos a fantástica história que acabaste de ler! Usa o endereço [bit.ly/ParaLaDoPortaoDN](http://bit.ly/ParaLaDoPortaoDN)



